



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**MIGRAÇÃO, ORALIDADE E LITERATURA NA EXPERIÊNCIA COM
ESTUDANTES DO HAITI NA TRÍPLICE FRONTEIRA**

WALDSON DE ALMEIDA DIAS

Foz do Iguaçu - PR
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**MIGRAÇÃO, ORALIDADE E LITERATURA NA EXPERIÊNCIA COM
ESTUDANTES DO HAITI NA TRÍPLICE FRONTEIRA**

WALDSON DE ALMEIDA DIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Alai Garcia Diniz

Foz do Iguaçu - Pr
2018

WALDSON DE ALMEIDA DIAS

**MIGRAÇÃO, ORALIDADE E LITERATURA NA EXPERIÊNCIA COM
ESTUDANTES DO HAITI NA TRIPLICE FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Alai Garcia Diniz
UNILA

Prof^a. Dr^a. Angela Maria de Souza
(UNILA)

Prof^a. Dr^a. Diana Araújo Pereira
(UNILA)

Prof^a. Dr^a. Lourdes Kaminski Alves
(UNIOESTE)

Foz do Iguaçu, 27 de Fevereiro de 2018.

**Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da informação da BIUNILA-
Biblioteca Latino - Americana**

D541m Dias, Waldson de Almeida..
Migração, oralidade e literatura na experiência com estudantes do Haiti na
Tríplice Fronteira / Waldson de Almeida Dias. - Foz do Iguaçu, 2018.

120 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-
Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História.
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

1. Imigração - Haiti - Brasil. 2. Oralidade. 3. Literatura haitiana. I. Diniz,
Alai Garcia, (Orient.). III. Título.

CDU (2. ed.): 314.15(729.4:81):81'274.1

Dedico este trabalho há três momentos singulares de uma história plural: passado, presente e futuro!

Passado:

À **Toussaint L'Ouverture**, o escravo! O negro! "O homem mais notável em uma época rica de homens notáveis". O líder dos Jacobinos Negros que fizeram a revolução que criou a primeira república negra fora do continente africano: Haiti!

Presente:

À **Verónica Serrano**, minha esposa! Incentivadora enérgica e suporte constante nessa caminhada, nada fácil, pelo universo haitiano.

Futuro:

Aos **amigos haitianos** que fiz ao longo dessa caminhada. Que a conclusão de seus estudos, embalados pelas energias dos ideais de Toussaint L'Ouverture, os levem a reconstruir a primeira república negra: Haiti os aguarda! Haiti precisa de vocês! Haiti precisa de nós!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a professora orientadora Dr^a. Alai Garcia Diniz, pela paciência que teve comigo na orientação deste trabalho, pelos conselhos, conversas e dedicação no ensinar os meandros da escrita acadêmica. Sua amizade, nos momentos mais difíceis, foi decisiva para conclusão deste trabalho. Obrigado por não desistir de mim.

A professora Angela Maria de Souza, co orientadora, pela exemplaridade, incentivo e amizade para que pudesse finalizar este trabalho.

As professoras Diana Araújo Pereira e Lourdes Kaminski Alves, por fazerem parte da banca.

À Verónica Serrano, minha esposa, que com sua insistência ferrenha me fez ir em frente e concluir este trabalho.

Waldson Junior, o cara perspicaz e dono de uma grande sabedoria. Na hora de revisar e colocar sua opinião foi de fundamental importância.

Verónica Anai, por me aturar e apoiar enquanto meu principal assunto de conversa era o Haiti.

Aos colegas, amigos que fiz neste mestrado, IELA, conviver com a diversidade latino-americana me fez uma pessoa melhor e mais conhecedora da realidade de *nuestra américa*.

Luis Eduardo dos Santos Pereira, meu colega e amigo, aquele em que os momentos de conversa se podem equiparar a uma biblioteca lida.

A equipe do IELA, professores e servidores (Grande Newton), que juntos formam uma equipe que luta por uma educação inclusiva e de qualidade.

Por fim, aos atores e atrizes desta história singular que ainda lutam para manter viva a primeira república negra fora do continente africano: o povo haitiano! E agradeço na figura de todos os estudantes e amigos haitianos que vieram para Foz do Iguaçu e me permitiram adentrar em suas histórias e conhecer seu país: Haiti!

Mèsi! Merci! Gracias! Obrigado!

Epígrafe:

“Apesar de seus limites, apesar de sua pobreza, de suas vicissitudes políticas, de sua exiguidade, o Haiti não é uma periferia. Sua história fez dele um centro. Sempre o vivi como tal. Como uma metáfora de todos os desafios que a humanidade deve enfrentar hoje e para os quais a modernidade não cumpriu suas promessas. Sua história faz com que o Haiti dialogue em pé de igualdade com o resto do mundo”

(YANICK LAHENS,)

“Dicen que más allá de las montañas hay más montañas. Ahora sé que es verdad. Sé también que hay aguas eternas, mares infinitos, y mucha gente cuyo nombre a nadie importa.”

(EDWIDGE DANTICAT)

“Es aquí donde reina el verdadero derecho del hombre.”

(TOUSSAINT LOUVERTURE)

RESUMO

DIAS, Waldson de Almeida. Migração, Oralidade e Literatura na Experiência com Estudantes do Haiti na Tríplice Fronteira, 2018. 120 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos – (PPG – IELA – UNILA)

Neste começo de século XXI o Haiti é considerado o país mais pobre do continente americano e o que tem sofrido catástrofes sociais e naturais capazes de ter uma grande parte de sua população migrante em outros países. Essa dissertação nasce em um encontro casual com um grupo de haitianos migrantes em busca de uma vida melhor no Brasil. Nasce no desejo de conhecer um pouco mais aquelas pessoas, não somente as que seguiram viagem, mas as que já haviam chegado ao Brasil e, as que ainda nem haviam saído do Haiti. Nasce no desejo de conhecer a história de um passado comum a todas elas, de compartilhar suas histórias, seus sonhos, suas perspectivas de futuro e um pouco da vida no Brasil. Dividida em quatro capítulos, essa dissertação traz a oralidade, a migração e a literatura como elementos fundamentais para o conhecimento do Haiti e dos haitianos. No primeiro ocupo-me de mostrar a oralidade dos haitianos como transmissora da cultura ancestral de um povo que foi escravizado e se tornou a primeira república negra livre no mundo. O segundo capítulo mostro uma visão de um dos maiores problemas do século XXI, o processo migratório que afeta muitos povos e alguns tipos de migração que aconteceram através dos séculos. No terceiro capítulo apresento a cidade de Foz do Iguaçu, uma cidade que se diz intercultural e que se localiza no oeste do Paraná, Brasil e faz fronteira com Argentina e Paraguai. Foz é a cidade sede da UNILA, a Universidade que recebe o estudante migrante haitiano que será a espinha dorsal desta dissertação, uma vez que todos os capítulos serão permeados pela vivência destes estudantes em terras brasileiras e a relação com a história que trazem por serem haitianos. O quarto e último capítulo mostro os autores haitianos e a literatura interna e externa ao país; os de “dentro” e os “de fora”, os que vivem no Haiti e os da diáspora, assim como são categorizados os autores haitianos. Através desta literatura e da análise do Projeto *Rassembleman*, criado pelos próprios alunos haitianos, será mostrada a influência que o Haiti exerceu sobre o processo do

movimento da negritude e como esse movimento analisa a própria literatura haitiana, dentro de um processo de retroalimentação dos escritores caribenhos.

Palavras-chave: Haiti. Migração. Oralidade. Diáspora. Literatura.

ABSTRACT

DIAS, Waldson de Almeida. Migration, Orality and Literature in the Experiment with Haitian Students at the Triple Border, 2018. 120 p. Dissertation (Interdisciplinary Masters). Interdisciplinary Postgraduate Program in Latin American Studies - (PPG - IELA - UNILA)

At the beginning of this 21st century, Haiti is considered the poorest country in the Americas. The country has suffered social and natural calamities that caused a large part of its population to migrate to other countries. This dissertation was born from a casual encounter with a group of Haitian migrants in search of a better life in Brazil. It was born from the desire to know a little more about those people, not only those in transit, but those who were already in Brazil, and those who had not yet left Haiti. It is born from the desire to know their history, their common past, and to share their stories, their dreams, their life perspectives, and also their life in Brazil. This work is composed of four chapters around the main subjects of orality, migration, and literature, as fundamental elements to better get to know Haiti and its people. In the first chapter, I tried to show Haitian orality as the mean to preserve the ancestral culture of its people that was once enslaved and became the first free black republic in the world. The second chapter presents a vision of one of the greatest problems of the 21st century, the migratory process affecting millions, and some of the different types of migration that took place over the centuries. Finally, the third chapter is about the so called intercultural city of Foz do Iguaçu located to the west of the state of Paraná, in the Brazilian borders with Argentina and Paraguay. Foz do Iguaçu is the host city of UNILA, a University receiving Haitian migrant students, the backbone of this dissertation, since all the chapters will be permeated by their experience in Brazilian lands and their relationship with the history they bring for being Haitians. The fourth and last chapter presents Haitian authors, inland and migrant authors, "insiders" and "outsiders", those living in Haiti and those part of the diaspora, as Haitian authors are categorized. It is through literature and through the analysis of the *Rasanbleman* project created by the Haitian students themselves that Haiti's influence on the *negritude* movement and how it considers Haitian literature, as part of a feedback process between Caribbean writers, will be shown.

Key words: Haiti. Migration. Orality. Diaspora. Literature.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Entre Tranças	40
Fotografia 2 – Jantar Haitiano.....	44
Fotografia 3 – Marco Demarcatório da fronteira entre França e Espanha	62
Fotografia 4 – Placa em Memória as vítimas do terremoto no Haiti.....	71
Fotografia 5 – Chegada dos Estudantes Haitianos na Unila.....	76
Fotografia 6 – Embaixador do Haiti no Brasil.....	84
Fotografia 7 – Lanbi	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
ILACVN	Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
ILATT	Instituto Latino-Americano de Tecnologia e Infraestrutura
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

PREÂMBULO	12
INTRODUÇÃO	15
El Reino Deste Mundo	15
Los Jacobinos Negros	18
Uma visão da literatura haitiana	19
Rumos e orientações	21
CAPÍTULO I - KRIK? KRAK! MEMÓRIAS E VOZES DA DIASPORA HAITIANA.....	24
1.1 Griots: os mestres das palavras	26
1.2 A Lógica da Oralidade	29
1.3 Entre Tranças: memórias de mil mulheres no entrelaçamento cotidiano.....	36
1.3.1 Arquivos Históricos: Ditadura Duvalier.....	40
1.4 Cheiros, sabores e recordações	42
1.4.1 Arquivos Históricos: Sopa da Liberdade	47
1.5 Os Griots Contemporâneos: Escritores da Oralidade.....	48
CAPÍTULO II - MIGRAÇÃO GLOBAL E OS MEANDROS DA DIPLOMACIA NO CASO HAITIANO	52
2.1 Migrações Voluntárias ou Forçadas.....	55
2.2 Falhas	56
2.3 Migrantes: armado/fundador e familiar	58
2.4 O Migrante Nu	60
2.5 O Migrante com Visto Humanitário	63
CAPÍTULO III - FOZ DO IGUAÇU: UMA CIDADE <i>INTERCULTURAL</i>?	67
3.1 UNILA: Universidade Federal de Integração Latino-Americana	70
3.2 <i>Haiti Chérie</i> : Comportamentos Restaurados	76
3.3 Pós <i>Haiti Chérie</i> : vida cotidiana	79
3.3.1 Arquivos Históricos: Ideais de liberdade	81

3.4 Rastros / Resíduos	85
3.5 Resiliência e Criatividade Luminosa	88
CAPÍTULO IV - LITERATURA NACIONAL E TRANSNACIONAL NO SÉCULO XX.....	93
4.1 Rasanbleman: encontro com as culturas do Haiti.....	93
4.1.1 Arquivos Históricos: Lanbis.....	94
4.2 Literatura Haitiana na visão do estudante migrante.....	97
4.3 Literatura Haitiana e a negritude.....	100
4.4 A Representação estética de uma literatura da negritude	101
4.4.1 Arquivos Históricos: Shakespeare, Césaire e Una Tempestad	104
4.5 Literatura Haitiana Contemporânea	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
BIBLIOGRAFIA.....	114

Preâmbulo

“A cada paso hallaba lo real maravilloso. Pero pensaba, además, que esa presencia y vigencia de lo real maravilloso no era privilegio único de Haití, sino patrimonio de la América entera, donde todavía no se há terminado de establecer, por ejemplo, un recuento de cosmogonias”. (ALEJO CARPENTIER, 2012, p. 12)

Uma nota de vinte dólares

No ano de 2014, empreendi juntamente com minha esposa uma viagem, por terra, por alguns países da América do Sul, sendo que o ponto de saída foi a tríplice fronteira, Foz do Iguaçu, a cidade considerada intercultural e, o destino final a cidade de Quito, no Equador. Cruzamos o Paraguai, Bolívia, Peru e parte do território do Equador.

No Peru, no vale de Huatanay, o vale sagrado dos Incas, mais precisamente na rodoviária da cidade de Cusco, um grupo de homens e mulheres, doze ao total, oito homens e quatro mulheres, negros na etnia, pretos na cor da pele, travavam uma discussão acalorada junto a um atendente de um pequeno quiosque de comidas.

A princípio interpretei que o atendente não queria atendê-los e dei asas a minha imaginação em pensar que se tratava de um ato racista, xenofóbico ou algo assim, devido ao fato de todos serem negros.

Mas, ao me aproximar do grupo, constatei que todo o dinheiro que o grupo tinha se resumia há uma nota de vinte dólares parcialmente rasgada. Com essa nota tentavam comprar alguns pacotes de biscoitos e água, mas, o atendente não queria aceitar a nota rasgada, o que gerava o impasse e a indignação de alguns membros mais exaltados do grupo. O atendente fala espanhol e um dos homens, o mais exaltado dentre os exaltados, fala francês. Os olhares eram um misto de indignação e desespero.

Naquele momento senti que deveria fazer algo, não somente me oferecer para trocar a nota de dólar, o que foi feito e que me proporcionou alguns sorrisos que valeram mais que qualquer agradecimento, pois assim puderam efetuar suas compras e aplacar,

pelo menos, momentaneamente a fome e a sede de alguns ou de todos no grupo. Mas, era ainda muito pouco o que foi feito, algo mais urgia a ser feito, não somente por eles, mas também por mim, que agora, de alguma forma me sentia parte daquele grupo.

Quando os vi partir, tive a nítida sensação de que aquelas pessoas tinham algo a dizer, não somente para mim, mas para todos que quisessem escutar e entender suas histórias.

Uma sensação de impotência me deixou incomodado. Eu também estava em trânsito naquela rodoviária, mas nossos objetivos eram diferentes. Eu estava de férias, em uma viagem de lazer e estudo, e certamente tinha em mente que após alguns dias retornaria para casa, ao meu trabalho e a uma rotina de vida.

E eles, quem eram? Vinham de onde e para onde iam? Por quê? Alguns pacotes de biscoito e garrafas de água saciariam a fome até seus destinos? E depois?

Em uma rápida conversa, antes de partirem, descobri que vinham do Haiti e que a etapa final da viagem era de Cusco até a cidade de Brasiléia, no estado do Acre, no Brasil. Faltavam um pouco mais de oitocentos quilômetros ainda a serem percorridos. E do Haiti até a cidade de Cusco? Como chegaram até aquele momento? O que viveram até aquele momento?

Muitas perguntas se formaram em minha mente e não vislumbrava resposta a nenhuma delas. Já havia lido nos jornais e visto nos telejornais brasileiros que uma grande migração haitiana estava tendo o Brasil como ponto final, pois o país vivia um momento econômico considerado bom em vista de outros países da América Latina e mesmo do resto do mundo.

A leitura que tinha do Haiti era puramente teórica e ao me sentir parte daquele grupo que partia ao mesmo tempo me sentia desconhecido de mim mesmo. Seria um pacote de biscoitos, algumas garrafas de água, uma nota de vinte dólares parcialmente rasgada e um grupo de negros famintos, o real e maravilhoso de que falava o escritor Cubano Alejo Carpentier? Se sim, Carpentier tinha razão ao afirmar que este real maravilhoso não era privilégio somente do Haiti. Ali, na movimentada rodoviária de Cusco, percebi que o patrimônio da América inteira dizia respeito a mim também; percebi que o patrimônio da América inteira tinha fome, tinha sede e estava cansado. E esse cansaço os levou a procurar algo diferente do que tinham em seu país, ou melhor do que não tinham, um futuro melhor.

O Real maravilhoso chegou até onde eu estava, de uma certa maneira eu fazia parte dele e o precisava conhecer melhor, eu precisava me conhecer melhor diante

daquele grupo, de sua história, pois o simples fato de termos nos encontrado, significava bem mais do que podia entender e de uma simples, para mim, troca de nota de dólar.

Mas naquele momento um paradoxo se fez, eu estava testemunhando a viagem de um grupo de migrantes, oriundos da primeira república negra, Haiti, que tendo somente biscoitos e água como alimento se dirigiam ao último país latino-americano a abolir a escravatura e o primeiro a se declarar uma democracia racial, Brasil. Eu era o paradoxo, por ser negro, brasileiro e desconhecer a história do Haiti e do grupo que agora me sentia parte.

Essa dissertação nasceu naquele momento! No desejo de conhecer um pouco mais aquelas pessoas, não somente as que seguiram viagem, mas as que já haviam chegado ao Brasil e, as que ainda nem haviam saído do Haiti. Nasceu o desejo de conhecer a história de um passado comum a todas elas, de compartilhar suas histórias, seus sonhos, suas perspectivas de futuro e um pouco da vida no Brasil.

Não carregavam muita bagagem física, algumas bolsas, mochilas e sacolas. No DNA carregavam um universo cultural ainda desconhecido de nós brasileiros, uma bagagem que o migrante nu trouxe em suas veias, nas marcas de seu corpo e em sua memória. Bem antes de chegarem ao Caribe, Haiti, foram chamados de *migrante nu* e assim definidos por ÉDOUARD GLISSANT¹ (2013, p. 16) “como aquele que foi transportado à força para o continente e que constitui a base do povoamento da espécie no Caribe”.

Precisava falar sobre o Haiti, sobre parte dessa nova diáspora que tinha visto diante de meus olhos. Precisava saber mais, ler mais, estudar mais este outro ser humano, negro, migrante, tão distante da minha realidade e ao mesmo tempo tão próximo.

Assim adentrei, através da literatura, no mundo mágico e maravilhoso do Haiti. O *maravilhoso literário* que para Carpentier representa não somente o Haiti, mas toda a América Latina.

¹ Édouard Glissant nasceu em 1928 na Martinica, Caribe – cursou a Universidade em Paris, onde licenciou-se em Filosofia e defendeu o Doutorado em Letras na Universidade de Sorbone. Obteve também o diploma de estudos superior em Etnologia com a dissertação: “Descoberta e concepção do mundo na poesia contemporânea.”

INTRODUÇÃO

El reino de este mundo

O escritor cubano, Alejo Carpentier, autor de *El Reino de este Mundo*, apresentou-me outro modo de ver, entender e sentir o povo haitiano, uma história diferente e, até certo ponto mitologicamente fascinante para um leitor acostumado com literaturas eurocêntricas e de mitologias greco-romanas. Entretanto, Carpentier fazia questão de afirmar que não se tratava tão somente de uma história:

“Es menester advertir que el relato que va a leerse ha sido establecido sobre una documentación extremadamente rigurosa que no solamente respeta la verdad histórica de los acontecimientos, los nombres de personajes – incluso secundarios – de lugares y hasta de calles, sino que oculta, bajo su aparente intemporalidad, un minucioso cotejo de fechas y cronologías.” (CARPENTIER, 2012, p.14)

A temporalidade não tem nada de aparente na escrita de Carpentier e sim nos transporta em uma viagem no tempo pela história de um povo. Uma história que me era desconhecida. A verdade histórica do Haiti, contada pelo povo haitiano. Sabemos tão somente que é o país mais pobre das Américas; um país de negros e isso parece bastar para criar toda classe de estereótipos.

Em sua narrativa Carpentier em um primeiro momento procura reconstruir o que foi a criação da primeira república negra, a revolução de escravos negros em uma ilha do Caribe sob o domínio francês, Haiti, e que serviu de inspiração para muitos países latino americanos em suas lutas contra o domínio do colonizador.

Em um segundo momento, Carpentier, analisa os primeiros passos dessa república negra, a política, as lutas pelo poder, traições e a criação tirânica de uma monarquia haitiana por Henri Christophe que se alto denomina Enrique I, rei do Haiti. O caminho trilhado por Carpentier, se constrói através do olhar de Ti Noel, um escravo que luta pela liberdade, vive os dois momentos importantes e talvez fundamentais para o futuro do Haiti, e termina seus dias como o escravo que outrora foi, na mesma fazenda em que começa a história.

Carpentier ao afirmar que *El reino deste mundo* está pautado por um minucioso trabalho cronológico de datas nos mostra que na América existiu um negro haitiano chamado Mackandall que, ao se utilizar da magia das crendices populares, as superstições do ocultismo e a crença em seus deuses e orixás, contribuiu, significativamente, para que um grupo de seres humanos escravizados se unissem e lutassem por sua liberdade em uma revolução contra o colonizador francês, que há época era considerada uma das maiores potências econômicas e militares da Europa.

A história de Mackandall, de Ti Noel e de todo o povo haitiano é o real maravilhoso que segundo Carpentier se encontra a cada passo na vida de homens e mulheres que ajudaram a construir o Continente Latino americano, e que vive no imaginário e nas crenças dos povos, pois para os haitianos:

“De Mackandal el americano, ha quedado toda una mitologia acompañada de himnos mágicos, conservados por todo un Pueblo, que aún se cantan en las ceremonias del Vaudou ” (CARPENTIER, 2012, p.13)

Alejo Carpentier, segundo BRANKA RAMSAK (2011, p.30), “introduziu o termo real maravilhoso como reflexo ou interpretação dos elementos políticos, históricos, sociais e racionais que representam a totalidade da realidade hispano-americana”.

Ramsak ressalta que o maravilhoso a que se refere Carpentier, provém do movimento surrealista, mas se diferencia do referido movimento ao mostrar que o real maravilhoso existe na América latina, no dia a dia das pessoas, na realidade exterior das pessoas em oposição ao movimento surrealista que se dedicava a existência humana interior, ou seja, o que estaria escondido dentro do ser humano.

Para MARIA ROIG GUERRERO (2009, p. 140), o real maravilhoso é um conceito chave que compreende o único recurso de uma literatura autêntica, se opondo ao maravilhoso literário europeu e superando assim a literatura europeia.

Roig Guerrero (2009, p.1410, ressalta ainda que: “Carpentier busca no solo su propia identidad, sino la de toda hispanoamérica. Construye puentes entre el nuevo (objeto de crítica) mundo y el viejo (mito)”.

Essa identidade, tanto pessoal quanto continental, que segundo Roig Guerrero, Carpentier se propõe a procurar, tem seu encontro em uma viagem ao Haiti, onde nasce sua teoria do real maravilhoso que é grafada no prólogo de *el reino deste mundo*.

A importância da literatura de Alejo Carpentier é vista pelo escritor haitiano GLODEL MEZILAS (2011, p.15-17) como de grande importância para que a América

Latina conhecesse a realidade haitiana, uma vez que ela foi elaborada através de uma observação meticulosa. Mezilas, ressalta ainda, que a estética novelística de Carpentier nasceu no solo haitiano, devido ao grande conhecimento e vivência da cultura e das tradições haitianas.

Antes mesmo de escrever o livro *El reino deste mundo*, Carpentier publicou alguns artigos sobre o Haiti destacando as tradições do País. Carpentier conheceu o movimento indigenista haitiano, os poetas e a poesia e também a escola antropológica do Haiti nos anos trinta.

Segundo Mezilas (2011) se pode dizer que Haiti, por meio de Carpentier, desempenha um papel importante na eclosão da literatura hispano americana, fazendo com que outros autores de grande importância passem a visitar o Haiti e escrever sobre o mesmo, tais como, André Breton, Aimé Césaire entre outros.

Não cabe a essa dissertação analisar as afirmações de Carpentier quanto aos detalhes de sua pesquisa e se as datas e fatos seguem ou não uma cronologia linear de acordo com a realidade dos fatos. Nem separar na obra o real do imaginário, os personagens reais dos inseridos na narrativa, o que o escritor peruano Mário Vargas Llosa chama de “elemento acrescentado”, aquele que talvez traga mais vida e poder a narrativa literária. Essa dissertação parte do princípio que Carpentier em sua narrativa em *El reino deste mundo* descreve com maestria o povo haitiano em sua formação inicial, como seres humanos escravizados oriundos do continente africano que se uniram em prol da liberdade comum; como nação livre, suas crenças e aspirações; como habitantes do continente americano, o que nos permitirá a traçar um paralelo e tentar entender o porquê o Haiti é hoje o país mais pobre do continente americano e porque seu povo vive em constante luta pela sobrevivência.

Povo este, que parece viver ainda no real maravilhoso de Carpentier, pois desde que chegou no continente americano, oriundos inicialmente do Benin e posteriormente na sua maioria do Congo e Angola, da África, e se miscigenou com os nativos que ainda restavam e, com o próprio colonizador, lutou ferozmente e não se deixou racializar².

² Este autor, Waldson de Almeida Dias, considera que a única raça que existe no planeta terra é a raça humana! A invenção das raças pode e deve ser considerada como a maior e a mais bem-sucedida falácia criada pelo colonizador europeu. Segundo Sérgio Pena (2008) esse modelo de divisão da diversidade humana em raças infelizmente deu suporte ideológico a movimentos políticos ultranacionalistas como o nazismo, que serviu de “justificativa científica” para o Holocausto, no qual pereceram na Europa mais de seis milhões de Judeus e ciganos. Diante do exposto toda vez que neste trabalho de mestrado aparecer à palavra raça, a mesma estará escrita entre aspas (“ ”) como forma de demarcar e se referir ao que se

Ler e reler *el reino deste mundo*, foi o ponto de partida para avançar em uma pesquisa mais profunda sobre as origens das lutas pela criação da primeira república negra. Quem foram estes negros escravizados denominados pela história de Jacobinos?

Los Jacobinos Negros

Em um segundo momento a leitura do escritor trinitino³, Cyril Lionel Robert James, conhecido simplesmente como C.L.R. James, historiador, romancista e jornalista; estudioso das obras de Marx e Engels. James escreveu a obra *Los Jacobinos Negros – Toussaint L’Ouverture y la Revolución de Haiti (2013)*, um mergulho na história não somente do Haiti, mas de uma época. Um livro considerado épico, um clássico da historiografia contemporânea, como conceituado por James Walvin, professor de história emérito da Universidade de York na introdução do referido livro em sua edição em espanhol.

Conhecer com riqueza de detalhes a história dos Jacobinos Negros me retirou da inatividade, da serenidade, e adentrei nos detalhes da primeira revolução exitosa de africanos, negros, seres humanos que foram escravizados:

“La serenidad hoy en día o bien es innata (la Ignorancia) o bien se adquiere narcotizando deliberadamente la personalidad. Así es nuestra época y es este un libro de nuestra época, imbuido de su fiebre y crispación. El libro es la historia de una revolución!” (C.L.R.JAMES, 2013, p.19)

O conhecimento adquirido com as vozes de Carpentier e James dariam uma dissertação. Mas, somente essas duas vozes, Carpentier e James não bastavam, necessitava de outras vozes que pudessem ampliar o entendimento, ainda que parcial, do Haiti e dos haitianos, a partir da sua história, da sua literatura e da sua cultura e necessitava de vozes contemporâneas, e, sobretudo das vozes dos próprios haitianos, migrantes desde muito tempo. Quais seriam estas vozes? Haveria uma literatura haitiana? Se sim, o que poderia nos contar? De onde se originou?

considera, uma cruel falácia histórica de importância vital quando tentarmos reconhecer a identidade dos haitianos.

³ Referente à nacionalidade de quem nasce em Trinidad e Tobago

Para o escritor da Martinica, Frantz Fanon (2008, p. 157) “ A literatura se engaja cada vez mais em sua tarefa verdadeiramente atual, ou seja, levar a coletividade à reflexão e à mediação”. A coletividade a qual estou inserido desconhece na sua quase totalidade a história do Haiti. Nas escolas, o pouco que se ensina, quando se ensina, diz respeito a pobreza do país, ao terremoto que destruiu boa parte da capital, Porto Prince, e ao grande número de negros, oriundos do Haiti, que chegam as cidades brasileiras em busca de trabalho e de condições melhores para viverem.

Até bem pouco tempo eu também fazia parte desta estatística, no que tange ao desconhecimento sobre este pequeno país caribenho e que tanto contribui para libertação do continente americano do jugo do colonizador. Diante deste desconhecimento se torna impossível uma reflexão sobre o tema.

Mas o migrante se fez presente, ganhou estatística, chamou a atenção da mídia e logo essa reflexão começou a fazer parte do Brasil, de uma maneira ou de outra ele, migrante, se torna presente, nem sempre visível, mas sempre presente. Optei por seguir em busca de uma literatura haitiana contemporânea que mostrasse o Haiti, tal qual ele o é, ou seja, real e maravilhoso, de uma realidade dura na maioria das vezes e de um maravilhoso macabro. Certamente o Haiti de hoje, 2017, não é o mesmo descrito por Carpentier e se o é, o real maravilhoso ganhou contornos tristes e sombrios.

Muito é e foi falado e escrito sobre o Haiti, analisado, visto e pensado sobre a ótica de quem está de fora, ou seja, não é haitiano. A literatura haitiana existe! E a mesma é de uma riqueza e profundidade que mesmo diante da adversidade, traz no seu interior o real maravilhoso decantado por Carpentier, sutil, dolorosa, mas de uma sensibilidade que se torna impossível não se enamorar por ela. E é essa literatura Haitiana que será, pois, a espinha dorsal deste trabalho, pois ela retrata o passado, o presente e muitas vezes preconiza o futuro do Haiti e de seu povo.

Uma visão da literatura haitiana

Uma pesquisa minuciosa me mostrou que são poucos os autores haitianos traduzidos para o português. E, estes poucos, ainda são desconhecidos dos leitores e principalmente dos estudantes. Comecei a leitura dos autores haitianos por Louis-Philippe Dalembert, e ler, *O Lápis do bom Deus não tem borracha (2010)*, foi viver o Haiti, seu povo, sua cultura, sua música, sua comida, seus anseios, medos e sonhos.

Dalembert abre a porta de sua infância e nos convida a conhecer através de seus personagens reais, uma cidade real, um país real, embora seus nomes verdadeiros tenham sido preservados. No seu retorno, após longo tempo de exílio, encontra uma realidade que desconhece, e não mais o país que deixou para trás. O choque do retorno faz emergir suas lembranças; infância, família, sua gente; gente essa que o autor vai chamar de “uma gente, que é o todo único, como os ramos de um só e mesmo cajueiro”. (Louis-Philippe Dalembert, 2010, p. 48)

Aquelas doze pessoas na rodoviária da cidade de Cusco pareciam representar esse todo único de que fala Dalembert. A união entre eles era bem mais forte que o poder de compra de uma nota de vinte dólares, cuja estampa traz a figura do sétimo presidente, Andrew Jackson, que entre outros feitos, ficou conhecido por ser o militar que ordenou a destruição e massacre do forte negro em 1816, localizado onde hoje é o estado da Florida, mas há época pertencia a Espanha e que tinha em seu seio mais de 800 negros fugitivos da escravidão. O Haiti nessa época já era um país livre do colonizador e a primeira Republica Negra do mundo.

Dalembert, ao mesmo tempo em que revive sua infância, sofre com o fato de retornar a sua terra natal, pois o que vê só lhe causa dor, decepção, a ponto de não mais querer a existência do país e de tanta miséria. O título da obra, que no original trata-se de um ditado haitiano, sugere que se realmente um Deus existe, ele apagaria o Haiti do mapa e assim terminaria com tanto sofrimento.

Após Dalembert adentrei na leitura de muitos outros escritores haitianos, tais como: René Depestre, Dany Laferrière, Edwidge Danticat, Jacques Roumain, Jacques Stephen Alexis, Franketienne e Yanick Lahens entre outros; cada qual tendo uma visão particular sobre o Haiti e sua gente, suas histórias de vida, histórias atreladas à história do próprio país. Todas as vozes convergem para o reconhecimento do Haiti e de sua gente.

O conhecimento através da literatura serve sim como a espinha dorsal, mas o complemento final se estabelece com a interação diante dos atores e atrizes deste espetáculo que inspirou Carpentier. Como seriam no dia a dia, suas vivencias, atos, falas, músicas, hábitos, cultura e até mesmo a visão que possuem da própria literatura. Seriam partidários da mesma literatura pela qual os estava conhecendo? Seriam leitores de si mesmos?

Rumos e orientações

Após apresentar o modo como o Haiti e sua literatura foram-se enraizando em mim e transformando a curiosidade em pesquisa, organizo este trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo será apresentado a oralidade do povo haitiano, suas origens nos mestres *Griots* africanos, bem como o intercâmbio com os Taínos; o papel das mulheres haitianas em manter as tradições culturais vivas, através da oralidade, enquanto ensinam suas práticas culinárias e invocam os ancestrais ao confeccionarem uma simples trança.

A oralidade aprendeu a se valer da literatura ou a literatura aprendeu a se valer da oralidade. O fato é que no Haiti contemporâneo elas caminham juntas para contar, cantar e decantar o país. Os autores haitianos da diáspora e os que ficaram no Haiti se utilizam da riqueza da oralidade que aprenderam com seus pais e avós e grafam em seus livros muitas histórias e contos, como uma maneira de apresentar o Haiti ao mundo e ao mesmo tempo pedir socorro para um país empobrecido.

Á luz de alguns pressupostos, no segundo capítulo desta dissertação, será apresentada uma visão da migração. Primeiramente a migração em seu sentido global sempre existiu, entretanto, no começo do século XXI, em suas primeiras duas décadas, têm adquirido proporções globais extremamente graves e inquietando as autoridades que governam vários países e até mesmo continentes. Não se trata mais de um fato isolado e sim de uma crise mundial, com um número cada vez maior de vítimas fatais. Uns migram em busca de uma vida melhor, outros migram fugindo das guerras em seus países de origem, outros são expulsos devido ao terrorismo cada vez mais crescente, xenofobia, perseguição política, desastres naturais. As causas são inúmeras e os fatos únicos: vivemos em um planeta em constante migração. Todos lutam e procuram um pouco de dignidade em suas vidas, com o migrante haitiano não é diferente.

Uma visão do Haiti através dos arquivos históricos, a migração forçada que trouxe os africanos para ilha Española. A coisificação em que foram transformados pelo colonizador ao serem escravizados e trazidos para América Latina, o trabalho forçado nas plantações de cana de açúcar. Os migrantes que povoaram a ilha de São Domingos e que ajudaram de várias maneiras na construção de “nuestra américa”, e impulsionaram a sua libertação do jugo dos colonizadores.

Cabe destacar que é quase impossível falar da migração haitiana sem contar a história deste povo, desta nação. Devido a esse fato a história se faz presente em várias fases no relato e ela aparecera tal como é, ou como foi contada pelos vários pesquisadores, estudiosos, falantes e testemunhas de seu acontecimento, uma vez que tal como diz Glissant (2013, p. 64) “A história é realmente filha do mito fundador. No caminho que leva à história, o mito fundador será acompanhado, depois oculto, e, em seguida, substituído”. Aqui, tentarei buscar a legitimidade dos relatos ao trazer os fatos históricos, uma vez que o mito fundador juntamente com a oralidade será levado em consideração como umas das maneiras mais confiáveis de se transmitir o que chamaremos na narrativa de *arquivos históricos*.

No terceiro capítulo inicialmente será apresentada a cidade de Foz do Iguaçu e a Unila. A cidade que, teoricamente poderia ser intercultural, já que recebe muitas pessoas oriundas de várias nacionalidades e viveria em uma paz modelo. Juntamente com a apresentação da cidade, temos a Universidade Federal de Integração Latino-Americana – Unila, uma Universidade que luta, na contramão dos governos neoliberais, para efetuar uma integração verdadeira ou real da América Latina. E é nesse palco de múltiplas vozes, atores e atrizes que o migrante haitiano beneficiado por um programa de educação inédito foi viver em busca de novos horizontes.

Foz do Iguaçu e a Universidade de Integração Latino-Americana –UNILA, os receptores de migrantes aprendizes do Caribe, ao serem apresentados nesse quarto capítulo não ficaram distantes do crivo de suas próprias ações e estruturas para a integração dos rastros resíduos dos haitianos, ideia apresentada pelo escritor Édouard Glissant, entre o passado e o presente, gerando na cidade algo novo, ainda desconhecido, capaz de nos mostrar um caminho de interdisciplinaridade fundamental para uma nova forma de aprendizado social, local e oxalá continental.

Todos os capítulos serão permeados pela vivência dos estudantes haitianos na Universidade Federal de Integração Latino-Americana- UNILA, pois é a partir deles e do

estudo de suas ações que será composto essa dissertação. A espinha dorsal do trabalho é o estudo da diáspora haitiana.

O quarto e último capítulo mostrará uma visão da literatura haitiana através do projeto Rasanbleman, projeto criado e desenvolvido pelos estudantes haitianos da Unila que tentou mostrar um pouco da literatura haitiana e seus principais autores. O capítulo vai visitar a influência que o Haiti exerceu sobre o processo do movimento da negritude e como esse movimento analisa a própria literatura haitiana, dentro de um processo de retroalimentação dos escritores caribenhos.

CAPITULO I – KRIK? KRAK! MEMÓRIAS E VOZES DA DIASPORA HAITIANA

“Um ancião, com uma voz segura de sua autoridade, reclamou silêncio. Crique? Lançou.
 Craque! Respondeu a plateia. Criiiiique? Craaaaaaque!
 Todo rotundo, sem fundo? – Anel!
 Todos os dias me visto com saias, nunca saio? – Cama!”
 (DALEMBERT, 2010, p. 29)

“Laudrun era um tipo esperto, com muita imaginação e sempre cheio de novidades. Tinha um rosto grave, mas os olhos risonhos zombavam do resto da fisionomia, principalmente quando se punha a “puxar” histórias. Mas se sentou na varanda, disse: Cric... – Crac – respondemos, a uma só voz, tia Isa e eu. - Era uma vez disse Laudrun...” (RENÉ DEPESTRE, 1988, p. 13)

“¿Krik? ¡Krak! En algún lugar junto a la costa sentí un hálito de cálido aire marino y escuché las risas de los niños. Una anciana abuelita fuma su pipa rodeada por los niños de la aldea...
 Le hacemos cuentos para que los jóvenes sepan qué pasó antes de ellos.
 Ellos preguntan: ¿Krik? Respondemos: ¡Krak!
 En nuestros corazones los cuentos quedarán.”
 (Scalora, 1992, apud EDWIDGE DANTICAT, 1999, p.9)

“Pasamos el día de ayer contando cuentos. Uno disse ¿Krik? y tú respondes ¡Krak! Podría contarte muchas historias, te dicen, y luego te las cuentan, pero más que nada las cuentan para sí mismos.”
 (EDWIDGE DANTICAT, 1999, p. 22)

“A veces sueñas que oyes sólo el latido de tu corazón, pero eso nunca se há dado en la realidad: nunca has sido capaz de ignorar el azote de otros mil corazones que han sobrevivido miles de años al tuyo. Y durante todo este tempo, cuando nos há necesitado, has gritado “¿Krik? y te hemos respondido ¡Krak! Y eso nos há mostrado que no te has olvidado de nosotras.”
 (EDWIDGE DANTICAT, 1999, p. 222)

KRIK? KRAK!⁴

KRIK? (Me conta uma história?), KRAK! (Sim, eu lhe conto uma história).

Dalembert (2010, p. 29) diz que Krik? Krak! É um velho ritual, com a idade de vários séculos, onde a mistura de lendas, faz com que os fantasmas dos índios Taínos e dos caribes, e os negros africanos, venham de tempos em tempos contar velhas histórias aos nativos da terra. Uma arte reinventada todos os dias por meio das práticas de juntamentos de auditório, dos jocosos encontros de adolescentes ao pé dos lampadários.

Mais que um simples costume de contar histórias, o Krik? Krak! É um ritual que envolve o contador de histórias e a plateia disposta a escutar as histórias que vão ser contadas. Há um respeito inicial do contador em perguntar a plateia se a mesma está disposta a ouvir o contador de história, caso não exista o interesse, a resposta Krak! Não será pronunciada, o que será decepcionante para o contador. Há a situação de haver mais de um contador o que ocasionará uma verdadeira disputa. “Por vezes, alguém concebe a ideia de contestar o poder, fato que resulta em verdadeiras justas verbais e repartia a noite em campos estremados.” (Dalembert, 2010, p.29)

O ritual se compõe pelo contador da história, ou também chamado puxador de histórias, geralmente um ancião, um avô, uma avó, uma pessoa mais antiga da comunidade ou da família, uma vez que toda família tinha e tem seu contador de história, dotado de imaginação, criatividade e de certa maneira interligado e capaz de ouvir os ancestrais que habitam o país sem chapéu.

Krik? Krak! É a representação de que Haiti, sua cultura e sua gente estão presentes onde exista um contador de histórias, mesmo que não seja essa uma maneira de convidar o outro para ouvir histórias, somente usual do Haiti, mas sim patrimônio da oralidade de todo o Caribe. De Jesus Pessanha (2006), nos relata que essas falas vivas, rumorosas, suprem a ausência da escrita, povoam o imaginário coletivo, mostrando a maneira pela qual a herança literária se transmite, de memória em memória, de “boca em boca”, através dos tempos e das gerações, em uma arte de contar, de ouvir e de recontar.

⁴ As grafias encontradas em português e espanhol, traduções dos originais são sempre encontradas com a letra “C”; optei em utilizar conforme os livros originais que encontrei, tanto o livro de mesmo nome, Krik? Krak!, da autora Edwidge Danticat e o da autora Liliane Nérette Louis.

A oralidade está presente no dia-a-dia do povo haitiano, já mesmo antes do nascimento, no ventre de sua mãe, o menino ou a menina haitiana escuta histórias sobre o que vai encontrar deste lado da vida. E ao nascer, acrescenta ao seu universo às histórias que perpassam o imaginário, o sincretismo, a crença e a interlocução entre os dois mundos que fazem do Haiti um lugar singular.

O africano traz nos navios negreiros os rastros / resíduos, como já foi falado e a criação dos novos rastros se dá primeiramente através de um bem imaterial: a oralidade! O migrante nu chega nas Américas carregando a cultura africana, séculos de histórias e conhecimentos herdadas de seus antepassados, que por sua vez vai se mesclar com a cultura indígena originária do continente americano, que também estava impregnada de oralidade.

Oyama (2009) observa que se para Carpentier o Haiti é o local adequado para que o maravilhoso seja suscitado, convém considerar que a oralidade é o elemento que o mantém. A oralidade é representada principalmente pela prática tanto da língua *créole* quanto da religião vodu, que convivem com a língua francesa (em situação de diglossia) e com o catolicismo.

Krik? Krak! Pode ser visto como a oralidade perpetuada através das gerações para poder contar o que não pode e não deve ser esquecido. A escritora haitiana, radicada nos Estados Unidos, Edwidge Danticat, grafou a oralidade para contar as histórias do Haiti, através do livro Krik? Krak! Um livro escrito no idioma inglês, distante do francês e do *créole*, os idiomas oficiais do Haiti. Mais do que contar as histórias do Haiti, o livro conta o Haiti, sua gente, suas mazelas e suas belezas.

1.1 – Griots: Os Mestres das Palavras

“Em África, a morte de um ancião é uma biblioteca em chamas!”
(Amadou Hampâté Bâ)

A herança da tradição oral, remonta a África e os *Griots*, termo este de origem francesa e que segundo o historiador Djibril Tamsir Niane recobre uma série de funções no contexto das sociedades africanas de tradição oral.

Os *Griots* eram os cronistas, genealogistas, arautos, aqueles que dominavam a palavra, sendo por vezes excelentes poetas; mais tarde passaram também a ser músicos e a percorrer grandes distancias, visitando povoações onde tocavam e falavam do passado. Muitas vezes eram confundidos com os “feiticeiros”, pois podiam exercer a função de “adivinho”. Djibril Niane acrescenta que o griot seria “uma autêntica biblioteca”, tal como mencionado por Hampaté Bâ. (DE LIMA & DA COSTA, 2016, p. 222-223)

Os *Griots* assumiram uma posição de destaque, pois lhes coube a função de transmitir a tradição oral. Essa ideia de herança oral, radicada nos mestres africanos, nos *griots*, é a raiz da criação de uma noção de continuidade entre a tradição oral e a literatura. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da “passagem” da oralidade para a escrita.

A tradição e a arte de contar histórias não se limitam ao simples fato de contar histórias por contar. Segundo, Nicole D’Amonville (2002, apud AMADOU HAMPÂTÉ BÂ, 2002, p. 8-13), os *Griots* são os mestres das palavras, o se pode chamar de cientistas especializados na ciência da vida, sendo que a vida no começo se restringia ao continente africano, onde tudo estava interligado, onde o material e o espiritual nunca estão separados.

A função primeira do *Griot*, ao contar a história é a de instruir com prazer, pois ambos, contador de história e plateia tem que ter o prazer pelo intercambio que estão tendo e ir além.

“...O relato une e conduz o aprendiz, o ouvinte, mas ele, relato, n’ao [e o aprendiz em si. O jovem deve escutar o conto, se deixar impregnar, memorizar e na medida do possível, revive-lo dentro de si mesmo.” (D’Amonville, 2002)

As palavras articuladas através do som, segundo o escritor, historiador, etnólogo, linguista e *Griot* malinês⁵, Hampaté Bâ (1993, p.11) e um dos porta-vozes de uma das culturas mais antigas, as palavras foram dadas ao primeiro homem, segundo a tradição africana Peule⁶, por Gueno “o vazio sem começo”, o criador de tudo e todos. Ao transmitir seus conhecimentos ao primeiro homem, foi o começo da tradição oral. Pela palavra, o homem foi colocado como guardião do universo. Os primeiros *Griots*,

⁵ Gentílico de quem nasceu no Mali, país do continente africano.

⁶ Peules, povo tradicionalmente pastor e nômade africano. Suas origens se perdem no tempo, mas há estudos de que são anteriores a civilização do Egito antigo.

acrescenta D'Amouville (2002) falavam que para salvaguardar os conhecimentos e fazê-los viajar no tempo, os mesmos deveriam ser confiados às crianças.

Hampâté Bâ se preocupou em que esse conhecimento oral em África se perdesse através do tempo e da própria mudança político econômica do continente e para isso, procurou grafar essa oralidade, criando um alfabeto popular, com caracteres latinos, para que segundo ele um tesouro fosse resgatado, pois se fosse perdido através dos tempos o conhecimento que vinha sendo passado com a oralidade, significaria o empobrecimento, não somente do solo africano, mas do mundo inteiro

Assim como o Krik? Krak! Representa o ritual da oralidade, através da boca para o ouvido, e segue uma tradição de passar o conhecimento, sua origem está diretamente relacionada com o continente africano. Hampâté Bâ, ao transmitir de maneira escrita alguns contos, tem formas de começá-los: “Taalot, taalaangol, taalte – Conta, conta, o que contarás? / Yalla a sooboto na? – Era uma vez?...” (HAMPÂTÉ BÂ, 2002, p. 25)

A tradição segue um ritual, um respeito, através de toda uma simbologia em que a palavra oral, tanto em Haiti tal qual em África tem um valor perante a comunidade e principalmente um respeito por quem a profere. Para EMILIO BONVINI (2006, p. 6-7) “a palavra é força e ela tem valor de engajar o grupo, pois os textos orais dizem e não dizem, eles mais velam do que revelam e convidam a descobrir um sentido que permanece oculto”, e isso é que traz um significado maior.

O Haiti foi considerado, após sua independência do jugo do colonizador, como objeto de desejo e esperança de toda a “raça” negra. “Haiti es la hija mayor de África, considera su historia y su civilización como la primera página de rehabilitación de su raza” Beauvis Lespinasse (1882, apud GLODEL MEZILAS, 2011, p. 122)

Todos os esforços e estudos, após a independência, foram efetuados como uma forma de retorno às origens africanas, agora não mais somente nas lembranças dos rastros resíduos, mas na procura de suas verdadeiras origens. Em 1929 foi criada no Haiti uma revista chamada “Les Griots”, seu cunho era a cientificidade, um estudo sobre a cultura nacional e uma busca sobre o que foi chamado de alma nacional, através da antropologia, etnologia e principalmente a história.

Aos mestres *Griots*, através de suas performances, cabe manter vivo a cultura de um povo e tal como descrito por Hampâté Bâ tornarem o ouvinte testemunhas ativas do fato, sem importar o tempo que o mesmo tenha acontecido.

1.2 – A Lógica da Oralidade

Muitos estudiosos e pesquisadores dizem que a oralidade é predominantemente africana, pois sua natureza é oral e por tanto analfabeta. E que essa oralidade africana é advinda da falta da escrita, principalmente antes do contato com os europeus. O antropólogo senegalês Cheik Anta Diop defende que a civilização e a escrita egípcias foram produto e um contributo para a cultura africana. Ou seja, na visão de Anta Diop a escrita Egípcia conviveu lado a lado com a oralidade do continente africano e não é correto afirmar que a escrita é europeia e a oralidade africana. ANA MAFALDA LEITE (2012, p19)

Muitos dos africanos que foram escravizados escondiam de seus donos o fato de que dominavam algum tipo de escrita, pois isso poderia lhes custar a vida, uma vez que seria considerado demasiado poder de comunicação entre os cativos.

Os haitianos, na primeira metade do século XX, quando começam a buscar por suas raízes vão ver primeiramente a África como o local de onde vieram e de onde estão suas origens, mas em um segundo momento, como um local que não tinha uma cultura e uma civilização, pois estavam familiarizados com a cultura e a civilização europeia e tinham total desconhecimento do que era e como era o continente africano.

LEITE (2012, p18) complementa dizendo que a “ideia de herança oral, radicada nos mestres africanos, os *Griots*, vai levar a criar uma noção de continuidade entre tradição oral e a literatura africana”. Continuidade essa que ser vista como parte de um fenômeno social capaz de contar o que precisa ser contado, mesmo na adversidade, na desgraça, na miséria e todas as mazelas impensáveis que possam ocorrer com o ser humano.

Mas, ao mesmo tempo, a literatura no exato momento em que narra traz à tona possíveis tabuas de salvação, saídas impensáveis ou uma simples indignação capaz de fazer somatória a uma corrente maior que muda os acontecimentos. Glissant (2013, p. 46) relata um trecho de uma conversa que teve com o escritor cubano Alejo Carpentier, onde Carpentier lhe disse: “...nós, escritores caribenhos, escrevemos em quatro ou cinco línguas diferentes, mas temos a mesma linguagem”. Essa linguagem de que fala Glissant e Carpentier é a linguagem de cada caraíba, taíno, africano, haitiano e demais colonizados que durante séculos sofreram e ainda sofrem as opressões do colonizador.

MIA COUTO (2009, p.13) diz que “A oralidade não é apenas um facto tipicamente africano, nem é uma característica exclusiva daquilo que se chama erradamente de “povos indígenas”. A oralidade é um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades que são resgatadas pela poesia”. A universalidade da oralidade de que fala Mia Couto deve ser preservada como património tradicional e não ao ser vista como sinal de menoridade. (COUTO, 2009, p. 54)

Os escritores antilhanos liderados por Aimé Césaire⁷ fazem parte da corrente de preservação da Oralidade que fala Mia Couto e sempre a defenderam como património cultural e tradicional das Antilhas.

Em 1974 o escritor haitiano Ernst Mirville cunhou o termo **oralitura**, como um neologismo que destina espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma. (MARGARETE NASCIMENTO DOS SANTOS, 2012, p. 6)

Dos Santos (2012) acrescenta ainda que para os escritores da Martinica a passagem da oralidade para a oralitura é a passagem da memória a curto termo à memória interindividual a longo termo.

O termo oralitura não é aceito por todos os escritores antilhanos e caribenhos. O escritor Georges Castera (2001, apud DOS SANTOS, 2012) “faz forte fortes ressalvas a essa nomenclatura e a forma como é usada entre os autores que vivem em ambientes de diglosia, situação semelhante à da Martinica e Haiti, e salienta que cunhar o termo oralitura é apenas uma forma de esconder questões maiores que existem na relação entre o oral e o escrito e que o termo não dá conta de discutir”.

Haiti, durante muito tempo viveu e ainda vive sobre a chamada lógica da oralidade, os *Griots* não fizeram e não fazem parte somente do continente africano, eles viajaram nos rastros resíduos de que nos falou Glissant, em partes é claro, e foram se reconstruindo em etapas. A língua créole haitiana foi e é uma forma de manter viva essa oralidade, pois o africano escravizado, que ao chegar na ilha que viria a se chamar Haiti, nem sabia que era africano e de uma hora para outra foi chamado de negro, rotulado e coisificado.

E quando falamos em negros africanos, inicialmente parece que estamos incorrendo em um erro conceitual, pois teoricamente todo o negro que veio para as Américas na condição de ser humano escravizado era originário de África. Mas, muitos

⁷ Aimé Fernand David Césaire, nasceu em Basse-Pointe, Martinica. É considerado o poeta da negritude e um dos mais importantes poetas surrealistas. Além de poeta, foi dramaturgo, ensaísta político da negritude.

deles vieram do continente europeu, de pele preta sim, nascidos escravos dentro do continente europeu, por tanto europeus, escravizados. Para o colonizador, este outro de pele preta, não era considerado gente, que dirá um ser humano. E o fato de terem a pele de cor preta, caracterizava-os e eram catalogados como sendo da “raça” negra.

Depestre (2005, apud Walter, 2008) disse se tratar de um processo, que chamou de **disfarce antológico**, levando em consideração que diversas etnias oriundas de África entraram nas Américas sob a falsa identidade de negros.

Estes negros, seres humanos que foram escravizados viviam sob a lógica da oralidade, lógica essa caracterizada pelo escritor africano Mia Couto, como uma lógica a temporal, fora do tempo linear que conhecemos e sim um tempo redondo; “a ideia de um tempo redondo não é uma categoria exclusivamente africana, mas de todas as sociedades que vivem sob o domínio da lógica da oralidade” (COUTO, 2009, p. 66)

Mia Couto (2009, p. 66) diz ainda que “para a oralidade, só existe o que se traduz em presença. Só é real aquele com quem podemos falar. Os próprios mortos não se convertem em passado, porque eles estão disponíveis a, quando convocados, se tornarem presentes. Em África, os mortos não morrem. Basta uma evocação e eles emergem para o presente, que é o tempo vivo e o tempo dos viventes.”

Sob uma lógica da oralidade sobreviveu o Haiti sobre uma lógica da oralidade, visto que a presença, o contato com o real, de que fala Mia Couto, foi construído através da resistência na criação da língua crioula. Assim podiam falar entre si em um mesmo entendimento e aportar cada um ao que havia restado de suas memórias e construir em uma única voz, uma memória única, a partir de um determinado momento em um tempo não linear. Glissant (1997, apud MEZILAS, 2011, P.140) afirma que o Crioulo é uma forma de resistência a nível linguístico.

A ausência dos mortos se fez presença obrigatória no dia-a-dia dos haitianos e eles foram e ainda são convocados através do que se pode chamar de uma segunda forma de resistência: o vodú. Para Mezilas (2011, p. 171) o vodú na condição de religião não se constituiu somente a partir das tradições africanas, mas também através do aporte de muitas crenças cristãs e legados dos pré-hispânicos ao se mesclarem com os elementos africanos.

Através do vodú, os mortos não morrem, tal como fala Mia Couto, basta uma evocação e eles se fazem presentes e tem o dom da palavra, a oralidade em um tempo não linear, o tempo redondo. Mezilas conclui que:

“El vudú representa la matriz de la identidad nacional y domina o impregna el imaginário colectivo haitiano. No se puede entender la cultura popular del país sin pasar por esta creencia y tradición” (MEZILAS, 2011, p. 178)

A crença e a oralidade se fundem na cultura popular do país e achegam até nós, não haitianos, através da oralitura, ao ponto de usarem a água como remédio para afastar a morte, ou a certeza de que o primeiro homem a pisar na lua era haitiano. Essas crenças se fazem presente, quando eles dizem Krik? E lhes respondemos Krak! Então nos contam que:

Os haitianos na Lua

“Nosso vizinho chega correndo.

- O que houve, Pierre?

- Ninguém tinha me dito que não estava em Porto Príncipe. Imagina, Marie! Faz dois dias que o tabelião foi para o noroeste, para Bombardopolis. Que loucura, já são no mínimo três pessoas que conheço que foram para lá no espaço de uma semana.

- Mas o que há em Bombardopolis? – Pergunta minha mãe só para demonstrar interesse na conversa.

- Não sei, Marie. Parece que os americanos estão lá. Não ficaria surpreso se os americanos estivessem instalando uma estação espacial em Bombardopolis.

- O senhor acha? – Pergunto.

- Claro, eles nunca engoliram o fato de termos chegado lá em cima antes deles.

- Lá em cima onde, senhor Pierre?

- Na lua.

- Nunca ouvi falar nisso.

- O que o senhor acha? Que os americanos iam divulgar a informação que não foram os primeiros a pisar na lua? Parece que Kennedy ficou louco de raiva quando soube da presença de um haitiano na lua, tendo chegado, visivelmente, antes de Armstrong.

- Nunca ouvi essa história.

- Claro é um segredo de Estado.

- Como isso aconteceu?

- Primeiro, Armstrong chegou à lua certo de que era o primeiro homem a pisar naquele solo. Ele começava a fazer seus legendários saltos de canguru quando ouviu uma voz atrás dele: “Ei! Amigo, você tem um cigarro? Faz três dias que não fumo. Você sabe o que isso quer dizer para um fumante?” Armstrong virou-se e viu um haitiano alegre sentado atrás dele. Mas isso nunca foi mostrado ao grande público. Claro que as antenas ultrassensíveis da NASA captaram essa conversa, mas Kennedy proibiu sua retransmissão. Kennedy esperava muito dessa operação para se reeleger.

- Então o haitiano precedeu Armstrong em no mínimo oito dias.

Minha mãe senta-se num canto para nos escutar, olhos à espreita. Ela vigia em mim o menor sorriso irônico. Minha mãe se engana, essa história

me interessa muitíssimo, na medida em que quero saber como funciona o espírito haitiano.

- Mas ele não foi o primeiro. Antes dele, teve um tal de Occlève Siméon, um camponês do Dondon. E pensar que ele também não foi o primeiro.

- Por que o governo haitiano não divulgou para o mundo inteiro? Teria sido uma boa publicidade para nós. O senhor Pierre faz um gesto de cansaço para me fazer entender que os ocidentais são com frequência muito limitados. Claro, eles se acham mais inteligentes, mais evoluídos que todo mundo, nem adianta explicar para eles que algumas pessoas não precisam de um foguete para ir até a lua...

- Mesmo para mim, senhor Pierre, é um pouco difícil entender.

- Escute, meu jovem amigo...eles estão interessados na viagem do corpo. Para nós, é o espírito que conta. Em certo sentido, Kennedy estava certo, era mesmo a primeira vez que um corpo humano estava presente na lua, mas não era a primeira vez que um espírito estava lá, disse você pode ter certeza.

Ele ri! Uma grande gargalhada sonora, alegre, feliz, o riso de um homem seguro de si, que não tem nada a provar para o resto do planeta, o riso de um homem feliz por estar em casa, no seu país.

- O senhor fala em espírito, mas e o homem que Armstrong viu, o cara lhe pediu um cigarro?

-- Claro, Armstrong não teve uma alucinação. Ele realmente o viu, mas era um corpo real ou um corpo sonhado? Ac que era um corpo transparente. Não é só na lua que se encontram esses corpos projetados. Falando cruamente, os haitianos gostam de passear no espaço...meu caro amigo, metade das pessoas que o senhor encontra nas ruas estão em outro lugar ao mesmo tempo. O senhor me entende?" (Lafferrière, 2011, p. 94-96)

Mackandall continua presente no dia-a-dia dos haitianos e os mantém unidos, mesmo diante de uma adversidade tão significativa. O escritor haitiano Dany Lafferrière, após escutar a história que lhe é contada a transporta para o papel, grafando a oralidade de uma história que povoa o universo haitiano. Os poderes de projeção espiritual, ou seja, de poderem viajar sem os seus corpos físicos lhe é permitido pelas crenças que possuem na religião vodu.

O vodu é considerado uma religião popular do povo haitiano. Uma mistura das crenças e tradições africanas, com crenças cristãs, legados pré-hispânicos e Taínos. O vodu é a fusão de destas várias formas de tradições em solo haitiano. Inicialmente o vodu era uma religião que os escravos praticavam para se apoiarem e reconstituírem suas formas de adoração deixadas em África. Mezilas (2011, p.172) afirma que "no vodu as divindades africanas foram adoradas para benefício de toda a comunidade, mas com o passar do tempo, a escravidão transformou o vodu em uma fonte de resistência para os oprimidos".

A projeção de Mackandall impulsionou o vodu que ganhou um lugar de destaque no imaginário dos escravos. (MEZILAS, 2011, p.170). A projeção se dá através do

descarte do corpo físico e o que permanece é o corpo espiritual que através da clarividência⁸ coletiva se faz ser visto por todos os presentes, adquirindo seu espírito a forma de um pássaro.

O Anjo da Morte e Deus Pai

“Edwidge, deixe-me contar uma história para você – falou, enfiando os cotovelos nas minhas costelas.

A história que ela contou, devagar, aos solavancos, com os braços apertando forte meu corpo, era sobre Deus e o Anjo da Morte. Era uma das histórias de Granmè⁹ Melina, uma que, segundo ela, era contada para manter a morte afastada. No fim, Granmè Melina parou de conta-la porque queria morrer.

- Um dia – começou Tante Denise. Deus Pai e o Anjo da Morte passeavam juntos num bairro como Bell Air¹⁰. Durante o passeio, o Anjo da morte parou na frente de muitas casas, dizendo: “um homem morreu aqui no mês passado. Eu o levei”. Então, ao continuarem rua abaixo, o Anjo da morte acrescentou: “Levei uma avó desta casa, ontem. “

- Eu crio gente e você leve, disse Deus Pai. Por isso é que gostam mais de mim do que de você.

- Você acha? Perguntou o Anjo da morte.

- com certeza, disse Deus Pai.

- Se tem tanta certeza, disse o Anjo da morte, por que não paramos aqui na rua tirremasse¹¹, cada um pede à mesma mulher um copo de água e vemos o que acontece?

Assim, Deus Pai bateu na porta mais próxima e, quando a dona da casa abriu, disse: Senhora, posso incomodá-la e pedir água?

- Não, respondeu a mulher, zangada. Não tenho água para desperdiçar.

- Por favor, disse Deus Pai, estou morrendo de sede.

- Infelizmente, disse a mulher, não posso desperdiçar nenhuma água. A torneira pública está seca há dias e tenho de comprar água da aguadeira. Que dobrou o preço. Então, só tenho água para mim e minha família.

- Tenho certeza de que daria um pouco de água se soubesse quem eu sou, disse Deus Pai.

- Não ligo para quem seja, disse a mulher. O único a quem daria água agora seria para o Anjo da morte.

- Mas eu sou Deus, insistiu Deus Pai. Por que você daria água para o Anjo da morte e não para mim?

- Porque, disse a mulher, o anjo da morte não tem favoritos. Ele nos leva a todos, fracos e fortes, jovens e velhos, ricos e pobres, feios e bonitos. Você, entretanto, dá paz a algumas pessoas e coloca outras em zonas de guerra como Bel Air. Dá a alguns bastante comida para se empanturrarem, enquanto outros morrem de fome. Torna alguns poderosos e outros indefesos. Faz alguns saudáveis e deixa outros adoecerem. Dá a alguns a água de que precisam enquanto outros têm muito pouca.

⁸ Clarividência: que vê claro; capacidade de ver além dos sentidos físicos; poder enxergar a alma ou espírito dos mortos;

⁹ Granmè, palavra haitiana que significa Avó.

¹⁰ Bel Air é um bairro da cidade de Porto Príncipe no Haiti, uma área de favela.

¹¹ Rue Tirremasse é uma rua do bairro de Bel Air, em Porto Príncipe no Haiti.

Sacudindo a cabeça com vergonha, Deus Pai afastou-se da mulher, que, quando o Anjo da morte veio à sua porta, deu-lhe toda a água que tinha em casa.

E por isso, concluiu Tante Denise, o Anjo da morte não visitou mais a mulher por muito tempo.” (Danticat, 2010, p. 124-123)

Em conversa com alguns haitianos, constatei que é algo que faz arte da cultura haitiana, quando alguém está doente em uma casa, as pessoas da família vão a rua oferecer água as pessoas que passam, pois, uma destas pessoas poderá ser a morte e com isso, naquela casa o Anjo da Morte não levará ninguém.

Danticat, ao contar a história, em um primeiro momento não situa o lugar em que se passa a história como sendo no Haiti, mas o localiza no Haiti, ao citar o nome da rua e quando a mulher faz a comparação das zonas de guerra como a favela de Bel Air, local onde ela vivia.

Os de “dentro” e os de “fora” na oralitura

Esse imaginário da oralidade invade o dia-a dia haitiano e são reproduzidos nos livros dos autores haitianos, principalmente os chamados autores da diáspora, também chamado os de “fora”, e entenda-se os de “fora”, como aqueles que por um motivo ou outro não vivem no Haiti, embora sua literatura seja sobre o Haiti: Louis-Philippe Dalembert, Dany Laferrière, Edwidge Danticat, Ibi zoboi, como os que mais se destacam.

E assim, como temos de “fora”, existe os de “dentro”, aqueles escritores que viveram e vivem no Haiti e fazem uma literatura haitiana a partir do dia a dia no Haiti: Jean Prince-Mars, Jacques Roumain, Jacques Stéphen Alexis, René Depestre, Gérard Etienne e Yanick Lahens.

Glissant (2013, p.42) nos diz que algumas culturas orais, ainda ontem amontoadas na face oculta do mundo despontam no que ele chama de “grande cena do mundo”. E uma das maneiras de ocorrer este despontar de que nos fala Glissant, talvez esteja ligada a estes autores que através da oralitura, a oralidade haitiana grafada como literatura apresentam o país para o mundo.

Mas, a literatura haitiana é pouco traduzida no Brasil ainda, alguns escritores têm livros com tradução, entre eles, Jacques Roumain (os donos do orvalho); René Depestre é o que tem mais livros com tradução em português (O Pau de Sebo, Aleluia por uma mulher jardim, e Adriana em todos os meus sonhos); Gérard Etienne (A mulher calada); Yanick Lahens (Falhas).

Dos escritores de “fora”, ou da diáspora, Louis-Philippe Dalembert (O lápis do bom Deus não tem borracha); Dany Laferrière (País sem chapéu – Como fazer amor com um negro sem se cançar); Edwidge Danticat (Adeus Haiti).

Danticat, vive nos estados unidos e escreve em inglês; Laferrière, vive no Canada e escreve em francês, recentemente foi eleito membro da Academia Francesa de Letras; Dalembert, vive atualmente na Alemanha e escreve em francês;

A pesar de alguns dos escritores da diáspora serem vistos com algum preconceito por não estarem no Haiti, cada vez mais a literatura efetuada por eles tem retratado a realidade haitiana e mostrado que o Haiti e seu povo precisam ao mesmo tempo de ajuda e de entendimento de como nasceu e vive pulsante o país e seu povo.

1.3 – Entre Tranças: memórias de mil mulheres no entrelaçamento cotidiano

“Tu madre te mostro los primeros ecos de la lengua que ahora hablas cuando, al final del día, te trenzaba el pelo santándote entre sus piernas mientras fregabas los cazos de la cocina. Ella te hacía las trenzas propias de los domingos – más bonitas que las del resto de los días – incluso entre semana. Cuando terminaba, te pedia que le pusieras a cada una de las trenzas uno de los nombres de aquellas novecientas noventa y nueve mujeres que hervían em tu sangre, nombres que habías escrito y memorizado y que salían de tu boca de corrido. Y ése era el testamento del modo en que esas mujeres vivieron y murieron y volvieron a vivir” (EDWIDGE DANTICAT, 1999, p. 222-223)

As vozes dos haitianos foram a última coisa a ser percebida no campus da Universidade e quando eles começaram a falar comprovei o ditado haitiano proferido por Laferrière (2011, p.107) “*Nèg d’Haiti va caché ou mangé, min y opas caché ou parole – O haitiano pode negar comida, mas nunca nega conversa*”.

No começo eles andavam realmente em grupo, juntos, como a sentir-se mais seguros.

Elas, as mulheres haitianas, em número bem menor, que os homens, cinco apenas em um universo de oitenta estudantes haitianos. Elas tinham algo em comum que as destacavam e chamava a atenção: suas tranças! E não eram tranças normais, pois a variedade de modelos de tranças que com o passar do tempo ostentam em suas cabeças começou a chamar a atenção para elas.

Comecei a perceber que alguns estudantes haitianos, homens, também se utilizavam das tranças. Com o tempo entendi que as tranças faziam parte da cultura haitiana, não como uma moda, mas como representatividade de um passado e um presente em que o fazer tranças aproxima as pessoas de todos os tempos.

Eu não a conhecia, não sabia seu nome: dela, sabia apenas que era haitiana e que caminhava há no máximo três passos a minha frente naquela tarde de agosto de 2015. Ela era recém-chegada a Unila, ainda em fase de adaptação. De repente ela foi parada por outra estudante da Unila que perguntou em alto e bom som, em espanhol, se ela era haitiana. Recebeu como resposta um leve e positivo aceno de cabeça. A outra estudante foi direta: eu amo tuas tranças, gostaria muito que meu cabelo fosse igual ao teu para poder fazer uma. A resposta da aluna haitiana em tom de voz baixo, foi: sim, dá para fazer. Ao que foi solicitado pela outra menina que se ela poderia efetuar uma trança em seu cabelo.

Eu que parei para assistir a cena, fiquei observando o seu desenrolar e em determinado momento interagi solicitando se poderia tirar uma foto do que estava ocorrendo e postar futuramente na minha rede social, pois via aquele fato, como fonte da integração latino-americana que tanto a Universidade como todos nós alunos queríamos. Recebi o aval das estudantes e no mesmo dia postei a foto com um pequeno texto, em que via a integração na prática.

A jovem haitiana Keryny¹², aos poucos foi soltando sua voz, ainda sofrendo para pronunciar as palavras em português, foi ensinando a colega de como fazer a trança e que tipo de trança a ser elaborada para seu cabelo. No pequeno espaço de um trançar eu escutei os idiomas francês, espanhol e o português serem falados como meio de comunicação entre elas. Ao término da trança, a estudante que solicitou a trança abraça a aluna haitiana e pronuncia o que para mim, foi bem mais que um

¹² Citação do nome, e a foto autorizadas;

agradecimento: “Ah! Eu quero o teu cabelo, vamos trocar?” Aquele era um momento em que a arte de trançar cabelos proveniente do Haiti, trançou amizades e sonhos.

Dizer que todas as mulheres haitianas se parecem é faltar com a verdade, mas se pode reconhecê-las pela forma de arte que ostentam sobre suas cabeças, ao utilizarem os vários formatos de tranças. Danticat (1999, p. 217-223) nos fala que “quando uma mãe haitiana está trançando uma filha, está se parece com a própria mãe, que parecia com a avó que parecia com todas as mulheres que vieram antes delas”; e para isso havia um número, fictício talvez, mais extremamente representativo, de novecentas e noventa e nove mulheres que vieram antes e cozinham, trabalharam, sofreram, aprenderam e contaram histórias entre um trançar e outro de cabelo.

Existe um ditado africano que diz ser necessário toda uma aldeia para educar uma criança, essa tradição haitiana procura mostrar que para criar uma filha é preciso todo um conjunto milenar de mulheres ancestrais, cuja exatidão do número não passa de uma simbologia, para dizer que todas elas habitam em uma. Entre um trançar e outro, uma história é repassada, uma fábula, um conhecimento milenar, um ponto exato de um cozimento e um que de magia e espiritualidade que somente sabe explicar quem se permite ser trançado e ao mesmo tempo ser aprendiz.

A tradição haitiana tem os antepassados bastante presentes em suas vidas diárias:

“Aqui, servimos os mortos antes dos vivos. São nossos antepassados. Qualquer morto torna-se subitamente antepassado de todos os que continuam a respirar.”
(LAFERRIÈRE, 2011, p.32)

Os estudantes haitianos são portadores de suas histórias de vida e de histórias que aprenderam com seus familiares, histórias que influenciam suas vidas a ponto de acreditarem nelas em várias situações, tais como remédios para suas mazelas de saúde do corpo e também da alma.

O ato de trançar efetuado pela estudante haitiana tem todo um significado de transporte entre culturas, pois para um primeiro olhar de que passava pelo corredor tratava-se de um simples gesto entre duas jovens em que uma trançava o cabelo da outra. Mais próximo se podia ver na jovem haitiana e posteriormente nos comentários da foto colocada na rede social, do sentimento de pertencimento, de aceitação e de encontro naquele momento de recém-chegada a Universidade.

“O **estudante “A”**, me relatou que: “cresceu vendo sua mãe trançar o cabelo das irmãs e que ele e outras crianças sentavam próximo para ouvir as histórias que ela contava enquanto fazia as tranças”.

A oralidade era vivida no dia a dia com o ritual de um trançar de cabelo, memorizada e outra vez contada de geração em geração.

As mulheres haitianas têm um capítulo exclusivo no propagar das vozes haitianas e no preservar da memória dos antepassados, pois lhes coube uma tarefa bastante difícil, criar suas filhas e filhos durante uma geração sem que os mesmos tivessem seus pais por perto. A ditadura dos Duvalier, pai e filho, Papa Doc e Baby Doc, que durante 30 anos foi a grande responsável pela morte e exílio de milhares homens haitianos.

O ato de trançar, além de contar com a ajuda de quase mil mulheres, trazia junto toda uma história milenar e um sentimento de vazio e solidão em cada uma delas, mas também de resiliência e da chamada criatividade luminosa. Segundo Laferrière:

“Es una generación de hijos sin padre que fue educada por mujeres cuyas voces se hacían aún más agudas cuando se sentían superadas por los acontecimientos...” (LAFERRIÈRE, 2009, p.66)

E os acontecimentos a que se refere Laferrière tornaram o Haiti ainda mais pobre, ou melhor, o país mais empobrecido das américas. Foi um momento em que todos os dias alguém partia para um lugar desconhecido, buscando salvar sua vida dos perigos do regime ditatorial, ou aqueles que não tinham tempo de fugir, eram enviados para o “país sem chapéu”, para junto dos ancestrais de maneira forçada.

Foto 1 – Aluna haitiana fazendo tranças em uma colega
– Unila – Agosto / 2015



“Recuerdas haber pensado, mientras te trenzas el pelo, cuánto te pareces a tu madre. Tu madre, que tanto se parece a tu abuela y a todas la que la precedieron
(Danticat, 1999 (A), p. 218)

1.3.1 – Arquivos Históricos: Ditadura Duvalier

Os Estados Unidos se retiraram da ilha após o processo de intervenção que fizeram, mas além de saquearem as riquezas do Haiti mantiveram o elo com o País negro, colocando no poder a quem lhes servisse melhor e de certa forma obedece suas

ordens. E o melhor para os americanos certamente seria o pior para o Haiti. Em 1955, com apoio estadunidense, assume o poder no Haiti, aquele que mais tarde se proclamaria Presidente vitalício, François Duvalier, também conhecido como *Papa Doc*, que efetuará uma ditadura sangrenta.

Quando da sua morte, deixou um saldo de trinta mil haitianos mortos, quinhentos mil exilados e uma nação afundada no terror, fome e ignorância. Do folclore e sincretismo haitiano, *Papa Doc* retirou a expressão *Tonton Macoute*¹³, uma expressão associada a um homem que roubava crianças e colocava em um saco, fazendo-as desaparecer, assim batizou a sua milícia, uma organização para militar que chegou há 40 mil membros e que somente obedecia às ordens diretas de *Papa Doc* e posteriormente de seu sucessor, seu filho Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, que assumiu a presidência do Haiti, logo após a morte de *Papa Doc*, ocorrida em 1971. *Baby Doc*, fez um governo tão terrível quanto o de seu pai. (RICARDO NUDELMAN, 2007, p.335).

Os *Tonton Macoute*, (*Bicho Papão* e ou *Tio do Saco*) que fizeram jus a designação sarcástica e mortalmente feroz, recebida dos Duvalier, usando dos meios que estão além do nosso entendimento, fizeram desaparecer crianças, homens, mulheres, na sua maioria civis e opositores ao governo. Dados extraoficiais calculam em mais de 150 mil pessoas mortas, além de um número não contabilizado de desaparecidos. (NEDELMAN, 2007, p.336)

Um levante popular coloca fim a ditadura dos Duvalier em 1986, *Baby Doc* busca refúgio na França. Após muito tempo Haiti tem eleições direta para presidente e essa é vencida por um padre adepto da Teologia da Libertação, Jean-Bertrand Aristides, cuja igreja que coordenava havia sido destruída pelos *Tonton Macoute*.

Menos de um ano após vencer as eleições, Aristides é retirado do poder após sofrer um golpe militar. O Vaticano, através do Papa João Paulo II, que não era adepto da teologia da libertação, é o primeiro país a reconhecer o novo governo. Aristides retorna ao poder, com ajuda dos Estados Unidos, após um período de reciclagem de suas ideias, mas não permanece muito tempo no poder.

Segundo Laferrière (2011, p.179) todo haitiano tem um ditador e um deus vodu dançando dentro da cabeça. Uma aluna haitiana, que chamarei de aluna “C”, me relatou:

¹³ *Tonton Macoute*, significado em crioulo haitiano seria “Tio do Saco”, que podemos associar com o “bicho papão” no folclore brasileiro. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Tonton_Macoute)

“Que esse é um tema que nenhum haitiano gosta de mencionar, pois todo haitiano tem em sua família, um parente que fugiu do país, um parente que foi assassinado e um parente que foi um *Tonton Macoute*”

Diante disso, esse foi um assunto um tanto quanto tabu para se conversar com os haitianos, embora tenha tentado algumas vezes. Mas, a ditadura dos Duvalier no Haiti faz parte de uma das piores ditaduras do mundo dito civilizado e somente ela merecia uma dissertação a parte, pois querendo ou não, ela contribuiu significativamente para o começo da diáspora haitiana. E mesmo sendo um assunto difícil de ser falado pelos haitianos, eles trazem a marca desse período ainda muito profundamente enraizada em suas memórias, mesmo que suas vozes não as proclamem.

1.4 – Cheiros, sabores e recordações

“Mi vida no es ya sino un pequetito húmedo de colores desvaídos y olores abtíguos.” (LAFERRIÈRE, 2012, p.42)

Laferrière, ao se utilizar do ditado haitiano que diz que o haitiano nega comida, mas nunca uma conversa, esquece-se de mencionar que a arte da comida leva há uma boa conversa. A arte de cozinhar trata-se de um ritual tão significativo quando o trançar de cabelo.

Uma maneira de aproximar a cultura haitiana da cidade de Foz do Iguaçu e ao mesmo tempo aprender e ensinar sobre a história haitiana se deu pela comida! Convidei o pessoal do grupo de estudos da literatura haitiana que foi criado na Unila como extensão, para fazer parte do meu projeto de estágio.

A escritora, folclorista, contadora de histórias, cozinheira e especialista em medicina tradicional haitiana, Liliane Nérette Louis, em conversa comigo, no mês de janeiro de 2018, me disse que ao cozinhar, o haitiano o faz conversando com todos os presentes, mesmo que eles pareçam estar ausentes. Cada ingrediente tem sua hora de ser colocado e o significado em cada prato e são específicos da cultura do Haiti.

Liliane Nérette Louis nasceu no Haiti, em Porto Príncipe. Desde cedo aprendeu a ouvir e contar histórias e o significado que elas traziam. Em 1964 ela teve que fugir do Haiti para escapar do regime Duvalier. Estabeleceu-se primeiramente em Nova Iorque e posteriormente em Miami. Louis oferece cursos da culinária haitiana, bom como faz palestras e conta histórias sobre o Haiti, principalmente nos Estados Unidos.

No dia 8 de outubro de 2016 fizemos, ou melhor, os haitianos, fizeram um jantar cultural em Foz do Iguaçu aberto a comunidade e cuja renda ficou com os estudantes haitianos.

O local escolhido foi a Esquina Cultural, uma casa de muitas culturas! A esquina cultural é um espaço físico que foi criado por grupos de cultura da cidade de Foz do Iguaçu para que pudessem expressar suas várias formas de artes, há saber: Academia de Letras de Foz do Iguaçu; Associação de Teatro Amadeus, Associação dos Artistas Plásticos e outros. Há falta de políticas públicas voltadas para cultura na cidade de Foz, e a falta de um local físico que os abrigasse levou estes grupos a alugar uma casa e transformar este espaço em um espaço cultural.

Este foi o local escolhido para palestra e jantar dos estudantes haitianos com vista de uma integração com a comunidade. O jantar em si foi um sucesso em termos de participantes, embora a comunidade da “cidade” se limitou mais a comunidade acadêmica e convidados e amigos e o pessoal frequentador da Esquina Cultural que sempre procurou prestigiar o que lá é feito.

O jantar foi em homenagem a cultura e gastronomia haitiana e foi apreciado por todos presentes. A comida, segundo palavras de uma das cozinheiras, já aqui identificada como **aluna “C”**:

“...a comida foi feita com muito amor, muito carinho e muitas saudades de casa, pois nos transportamos ao solo do Haiti”

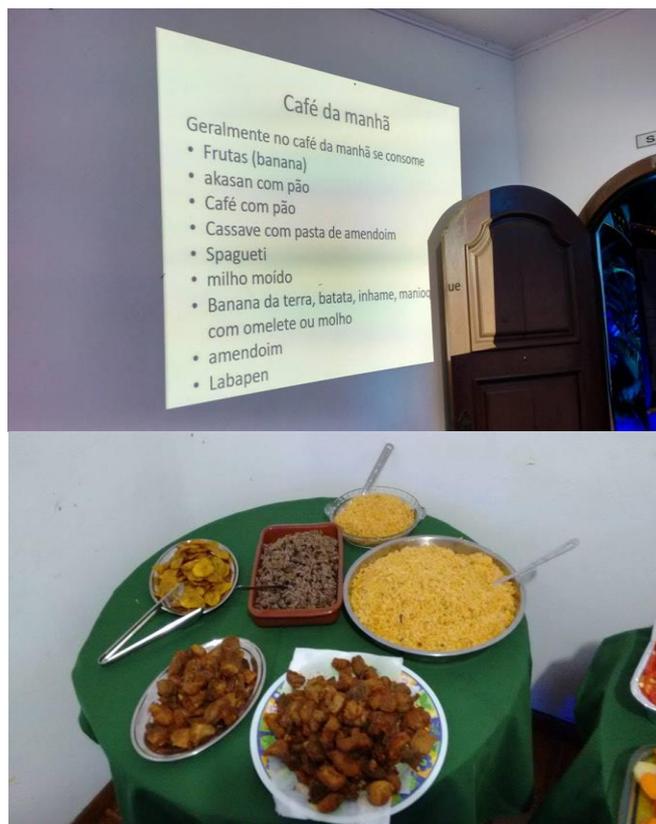
A aluna e agora cozinheira me disse ainda da dificuldade de encontrar os ingredientes e os temperos certos, e mesmo tentando improvisar ficou difícil fazer

determinados pratos por não encontrar o produto no Brasil, tal como um prato chamado Akra (Malanga frita)¹⁴.

Foram servidos além do Akra (Malanga Frita); Pikiliz (Repolho estilo haitiano); Banana frita; Arroz com Feijão (cozidos juntos) e o Griot (Peito de porco cozido e depois frito) e vários tipos de saladas. As opiniões colhidas de todos os participantes foram de elogio a organização do jantar e ao sabor da comida.

Antes do jantar ser servido, foi apresentado pelos haitianos, com auxílio de um data show um pouco do dia a dia alimentar do povo haitiano. Café da manhã, almoço e jantar. A apresentação teve seu ponto alto quando foram apresentados os pratos que seriam servidos no jantar.

Foto nº 2 – Jantar haitiano – 8/10/2016
– Esquina Cultural – Foz do Iguaçu



¹⁴ Cientificamente chamada de *Xantiosoma Sagittifolium*, ou popularmente chamada de planta de orelha de elefante; um tipo de vegetação cultivada no Caribe. Somente se come a parte conhecida como tubérculo, semelhante uma batata.

Após o jantar alguns estudantes falaram um pouco sobre o Haiti, sua história, seus costumes, suas culturas e também sobre a situação de muitos deles, como o relato do **Aluno “D”**:

“...minha cidade natal no Haiti foi inundada duas vezes; por isso agora eu não tenho nenhuma lembrança material da minha infância. Eu não tenho nenhuma foto. Passamos lá na minha cidade três dias sem comer e bebendo somente água da chuva e chupando os lábios”;

Finalizou sua fala declamando um poema do escritor Frankétiene¹⁵, escrito em 1936 intitulado o “Dialeto dos Furacões”, poema este que se refere a fúria com que os furacões chegam as ilhas do Caribe, especialmente Haiti.

Um fundo musical foi colocado enquanto o poema era lido, e posteriormente debatemos o poema, que foi escrito em 2006, ou seja, quatro anos antes do terremoto que destruiu a capital do Haiti e que falaremos no decorrer dessa dissertação. O poema se refere ao local onde se encontra o Haiti e as constantes tempestades que assolam o país caribenho e que sempre que chegam contribuem para que o Haiti continuem sendo o país mais empobrecido das américas.

DIALETO DOS FURACÕES

Frankétiene

“Todo o dia eu uso o dialeto dos lunáticos furacões
 Digo a loucura dos ventos que assolam
 Toda a parte eu uso o patoá¹⁶ das chuvas furiosas
 Digo a fúria das águas nas inundações
 Toda a noite eu falo com as ilhas do Caribe na linguagem das históricas
 tempestades.
 Eu digo a histeria dos oceanos em cio.
 Dialeto dos furacões. Patoá das chuvas.
 Linguagem das tempestades.
 Desenvolvimento da vida em espiral.

¹⁵**Frankétiene**, nasceu no dia 12 de abril de 1936 em Ravine-Sèche, Haiti. Ele é escritor, poeta, dramaturgo, pintor, músico, ativista e intelectual haitiano. É reconhecido como um dos principais escritores e dramaturgos haitianos do crioulo francês e haitiano. Chamado de "pai das letras haitianas". Ele foi candidato ao Prêmio Nobel de Literatura em 2009.

¹⁶ Patoá: dialeto essencialmente oral que difere da língua oficial.

Fundamentalmente a vida é tensão. Em direção a algo.
 A alguém. A si próprio. Ao ponto de maturidade onde se desenlaçam o velho e o novo,
 a morte e o nascimento.
 E cada ser se percebe em parte na busca de seu outro, a busca que se funde com a intensidade de uma necessidade, um desejo, e uma procura sem fim...
 Cães passam - eu sempre tive a obsessão dos cães errantes -, eles latem seguindo a silhueta da mulher que persigo.
 Seguindo a imagem do homem que busco. Seguindo meu duplo.
 Seguindo o rumor das vozes em fuga.
 Faz tantos anos.
 Diríamos trinta séculos.
 A mulher partiu, sem tambor nem trompete.
 Com meu coração desacordado. O Homem não me estendeu a mão.
 Meu duplo está sempre na frente de mim. E as gargantas deslocadas dos cães noturnos gritam terrivelmente com um barulho de acordeão quebrado.
 É então que me torno tempestade de palavras cavando a hipocrisia das nuvens e a falsidade dos silêncios.
 Rios. Tempestades. Raios. Montanhas. Árvores. Luzes. Chuvas. Oceanos selvagens. Levem-me para a moela frenética de suas articulações.
 Levem-me! Basta um barulho de passos, um olhar, uma voz emocionada, para que eu viva feliz com a esperança de que o despertar é possível entre os homens.
 Levem-me! Pois basta um nada para que eu diga a seiva que circula na moela das articulações cósmicas.
 Dialeto dos ciclones. Patoá das chuvas. Linguagens das tempestades. Eu digo o desenvolvimento da vida em espiral.

Outros escritores haitianos foram lembrados através de pequenos textos e ou poemas; alguns ditados haitianos também foram lembrados.

Ao final do evento, pude constatar em conversa com as pessoas que se despediam e agradeciam que todos estavam saindo contentes com o que tinha visto e entendendo um pouco melhor sobre o Haiti e do porque alguns deles tinham escolhido a cidade de Foz para viver e estudar.

Alguns relataram que:

“...tudo maravilhoso, nestes oito meses que estou residindo em Foz do Iguaçu tem sido um privilégio a convivência com os amigos haitianos e essa integração através da comida e da cultura foi fantástico – **Paulo, oriundo da cidade de Mauá, SP**”;

“Agradeço a iniciativa, a comida estava deliciosa - **Mirian, Foz do Iguaçu**”;

“Foz do Iguaçu precisa muito dessa integração, deste convívio. A ideia de trazer todo mundo para cá e fazer essa festa bonita, valeu a pena ter vindo e isso que eu estava reticente em vir - **Lucio, Foz do Iguaçu**”;

“...eu ainda não consigo parar de comer, lambi o prato. Conhecia um pouco da história do Haiti, mas nada da culinária e foi uma grata descoberta. Quero a receita destas comidas – **Luciana, São Paulo**”.

Outros jantares com a culinária haitiana, em outros locais de Foz do Iguaçu, visando unir a gastronomia haitiana com a tentativa de lucratividade, pois qualquer quantia ajuda na manutenção deles na cidade. O primeiro jantar trouxe na minha avaliação a condição de auxiliar a um maior pertencimento por partes dos haitianos a cidade, pois eles se sentiram valorizados, mesmo ainda sendo para grande parte dos habitantes da cidade, um grupo indiferente de migrantes.

A arte de cozinhar contando histórias está no dia a dia dos haitianos e a comida tem seus significados. Para Nérette Louis¹⁷, cozinhar e contar histórias são e fazem o Krik? Krak! E o Krik? Krak! Mantem o Haiti sempre vivo em nossas mentes e aqueles que são mais velhos, ficam mais nostálgicos quando se evoca os antepassados com as histórias e as comidas.

No dia 13 de janeiro de 2018, o dia que tive a conversa com Nérette Louis, ela contava a história da independência do Haiti e a sopa da liberdade, no museu de historia de Miami. Enquanto contava a história, interagiu com a plateia e preparava a sopa que posteriormente foi degustada por todos.

1.4.1 – Arquivos Históricos: Sopa da Liberdade

Quando os negros eram escravizados na ilha de espanhol, nem sempre tinham o que comer e se contentavam muitas vezes com os restos de comida que sobrava de seus senhores. Devido a isso e a criatividade muitos alimentos foram sendo descobertos na natureza e com eles pratos incríveis e deliciosos foram sendo criados.

Mas certas coisas eram terminantemente proibidas aos escravos, entre tantas uma delas era o ato de tomarem sopa, pois a sopa se constituía em uma iguaria somente dos senhores donos de escravos, privilegio único do colonizador branco.

¹⁷ Conversa que tive com a escritora Liliane Nérette Louis, no dia 13 de Janeiro de 2018 no Museu de Historia de Miami.

Após a luta dos Jacobinos Negros contra as forças de Napoleão e a vitória que tiveram, no dia 1º de janeiro de 1804, Jean Jacques Dessalines ao proclamar a independência do Haiti, ordenou que se fizesse sopa e que todos ex-escravos e agora cidadãos livres de um país chamado Haiti tomassem a sopa como um sinal de liberdade e que agora podiam usufruir do que até então era proibido.

Nérette Louis, enquanto prepara a sopa da liberdade, pergunta se imaginávamos o que sentiam essas pessoas no dia 1º de janeiro de 1804 ao tomarem a sopa, o que se passava em seus espíritos? Disse ainda que essa sopa ficou conhecida como um dos símbolos da liberdade do povo haitiano e ela tomada todo dia 1º de janeiro e que além de caracterizar a liberdade, caracteriza também a união de todos os haitianos.

No dia 1º de janeiro de 2011, quase um ano após o terremoto de 2010, mesmo com milhares de pessoas desabrigadas e vivendo em barracas feitas de lona e ou plástico, a população se uniu, todos os haitianos se uniram e não faltou um prato de sopa para nenhum haitiano. A sopa, entre outros ingredientes é feita com abobora, ficando quando pronta, com a cor amarela. No Haiti a cor amarela é símbolo de sorte e segundo Nérette Louis e a crença do povo haitiano, todo aquele que tomar a sopa terá sorte o ano todo, pois trata-se da sopa da liberdade e da união.

1.5 – Os Griots Contemporâneos: Escritores da Oralidade

A sabedoria ancestral que primeiramente foi passada de geração em geração através dos mestres *Griots*, não se perdeu através do tempo. Na oralidade dos haitianos, de seus antepassados, pode estar as raízes profundas que permitem que este povo possa aguentar as vicissitudes e assim atravessarem as fronteiras da própria existência em busca de uma vida melhor. A oralidade desconhece fronteiras, e de África ao Brasil, de Porto Príncipe a Foz do Iguaçu ela pode ser o agente interdisciplinar de integração entre os migrantes.

É de suma importância escutar as vozes migrantes, as vozes da diáspora e suas perspectivas de futuro para suas vidas, para as vidas dos que ficaram e principalmente do país que deixaram distante, mas que trazem sempre junto a si.

A sociedade em que vivemos hoje é marcada pela cultura escrita. *Verba volant, scripta manent*, ou seja, palavras voam, escritas, porém, permanecem, segundo o dito em latim. Ditado que reafirma a importância da escrita em relação a oralidade. Ao caracterizar que as palavras podem se perder ao longo do tempo e que elas não dão a confiabilidade necessária para que se possa afirmar ou negar um acontecimento no futuro, o ditado renega a oralidade a um segundo plano.

Para Mia Couto (2009, p.54) pensar e ou afirmar que a oralidade é um sinal de inferioridade, é uma armadilha hegemônica da escrita. Afirma ainda que a modernidade existe e é preciso enfrentar este confronto, mas sem eliminar a riqueza da oralidade.

Sabemos que os haitianos são oriundos de uma sociedade que tem a oralidade como ponto muito forte. E esse fato pressupõe escutar as vozes e os ecos do passado, com seus mitos, crenças e tradições. Os *Griots*, mestres das palavras, que outrora eram e em muitas partes do Haiti, ainda são os responsáveis pela transmissão do conhecimento através da oralidade. Mas, com o passar do tempo os *Griots* se modernizaram, ou melhor, se adaptaram às várias formas de transmitirem estes conhecimentos.

Os novos Griots, ou *Griots* contemporâneos, aqueles que pode ser denominado "... o griot, pós-moderno por excelência, assume diversas faces. Deixou de ser ágrafo, apropriou-se das formas de expressões contemporâneas..." (PATRICIA RANGEL & IDEMBURGO FÉLIZ, 2015, p. 1)

A canção Haiti Chérie, ao ser cantada em uma balsa, prestes a naufragar, ou no auditório de uma Universidade, é também, além de uma forma de resistência, uma forma de transmissão de conhecimento, uma forma dos ancestrais *Griots* se fazerem presente através da canção, o que segundo Mezilas, faz com que o haitiano leve a música no sangue. Já o escritor Prince Mars, a partir desta constatação vai caracterizar os haitianos "como um povo que canta, dança e chora" (MEZILAS, 2011, p. 163)

Outra forma de expressão contemporânea, não tão nova assim, mas amplamente difundida após o surgimento da escrita: o livro! E o livro, tal como o conhecemos ganhou o suporte necessário para que pudesse se popularizar e transmitir conhecimento, alegria, tristeza, amor e muitos sentimentos e formas de sentir, de ter, de querer e ser. O livro denuncia, cria, esconde, é perseguido, queimado, destruído, mas renasce e ainda hoje nos encanta. Muitos escritores, ao longo da história do livro e da humanidade, têm escrito obras que trazem há tona as mazelas do mundo, mas ao mesmo tempo tem o poder transformador.

Os Griots contemporâneos se utilizam do livro, poesia, literatura, para serem ouvidos e continuar sendo escutados através dos tempos, agora de maneira grafada, scripta manent.

Diante disso podemos dizer que a oralidade e a literatura se complementam?

Segundo Leite (2012, p. 17) “o poeta senegalês Leopold Sédar Senghor é um dos primeiros africanos a exprimir a ideia de continuidade entre as tradições orais e a literatura africana”. Leite, ainda acrescenta duas afirmações do poeta senegalês que levam pelo mesmo caminho da continuidade entre oralidade e literatura: “1- os poetas negros, os da antropologia, como os da tradição oral, são, acima de tudo auditivos e cantores; 2 – na verdade somos peixe bois, que segundo o mito africano, vão sempre beber na fonte”

Tanto a fonte africana quanto a haitiana são puras, cristalinas e de um manancial interminável que não alcança finalizar, como acrescentou Carpentier, no lapso de uma vida humana.

Mezilas (2011, p. 164) fala da importância da voz popular na literatura haitiana, e dá um especial destaque ao uso da língua creóle na produção poética haitiana. Ao escrever em creóle, os escritores haitianos começam a invocar os mitos e as tradições, oralidade e literatura.

Jacques Stephen Alexis é um dos primeiros escritores haitianos a colocar em seus contos o patrimônio cultural e folclórico do Haiti. Nasceram os Griots da contemporaneidade haitiana.

A riqueza e a criatividade real da literatura haitiana residem na oralidade. Uma oralidade advinda da união dos africanos e taínos e que se faz presente no dia a dia, no cotidiano das relações sociais, dentro e fora do país caribenho. A literatura tem sido a maneira de contar muitas histórias sobre o Haiti e chamar a atenção para o que hoje acontece com a ilha da liberdade, o berço da negritude.

O berço da negritude destila um sabor especial que juntamente com a criatividade luminosa de que fala Lahens, é que transformaram a literatura haitiana em algo singular e com alto teor de humanidade, capaz de mexer com os autores e transforma-los em algo bem maior de que escritores, e sim em agentes de transformação de uma realidade teoricamente condenada à morte.

Uma literatura que tal qual o migrante haitiano ainda é desconhecido do brasileiro, e as vezes do próprio migrante que chega sem saber da importância e dignificado que sua presença possui na história dos povos da America Latina.

As vozes dos escritores haitianos e aqueles escritores que mesmo não nascendo na ilha caribenha, influenciaram de maneira fundamental uma realidade, que na maioria das vezes é cruel e degradante tem um significado de grande importância para uma história não somente do Haiti, mas também para toda uma cultura afrodescendente, negra, que foi escravizada e desconhece sua história. A história de um povo forjado na adversidade e que se reinventa a cada momento.

Os haitianos encontrados na cidade de Cusco e tantos outros que agora fazem parte da paisagem brasileira representam a resiliência e a criatividade em cada novo dia que nasce, tal qual fênix, ressurgirem das cinzas da destruição pessoal e mostram ao mundo a arte de como viver e a dor de sobreviver.

Os escritores da oralidade têm voz, uma voz centenária e as usam como os novos *griots*, para ensinar e contar as histórias que o mundo precisa saber, que o mundo precisa lembrar e jamais esquecer.

CAPITULO II – MIGRAÇÃO GLOBAL E OS MEANDROS DA DIPLOMACIA NO CASO HAITIANO

“1.Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado. 2. Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, Artigo 13º)

Após a II guerra mundial, diante das atrocidades cometidas pelos nazistas e tendo a intenção de promover uma verdadeira interação entre a família humana, foram considerados uma série de itens cujo objetivo primeiro seria a igualdade de direitos entre os seres humanos. Com este objetivo foi proclamada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo recorte efetuamos como epígrafe deste capítulo em um chamamento a atenção de que nós, seres humanos, desde que o mundo é mundo estamos em constante movimento:

“Os humanos se aventuraram em empreitadas arriscadas para aprender sobre o desconhecido, fugir de dificuldades ou simplesmente buscar oportunidades de melhoria pessoal” (NAYAN CHANDA, 2011, p.219)

Segundo Chanda, (2011, p. 253) “em uma perspectiva histórica de longo prazo, a atual marcha dos migrantes não passa de uma continuação de uma jornada que começou há muitos milênios”. Estes milênios a que se referem Chanda, estão interligados diretamente as pesquisas recentes na área da genética. Estas pesquisas afirmam que a origem humana se deu no continente africano e que o planeta terra começou a ser povoado a partir de um pequeno grupo estimado entre 150 a 2.000 pessoas que ousaram sair do continente africano em busca talvez de alimentos, água ou até mesmo proteção contra animais ferozes.

A história da humanidade não pode ser escrita sem que se fale em migração. Desde que o mundo é mundo e que o ser humano, chamado homo sapiens vive sobre a

terra, a cada dia se escreve um novo capítulo, uma nova história sobre migração. Todos somos migrantes, mesmo que não tenhamos que cruzar as fronteiras de nossos países.

Através dos estudos de Nayan Chanda podemos observar que sem as migrações ainda viveríamos no continente africano sem termos saído, conhecido e conquistado esse planeta.

Através de uma perspectiva histórica essa movimentação migratória alcançou nesse começo de século XXI proporções assustadoras, pois a movimentação de seres humanos através do planeta em busca de uma vida melhor tem resultado em sofrimentos e mortes.

Somente no continente europeu, no final do ano de 2015, segundo dados das Nações Unidas havia mais de seis milhões de pessoas em condições desumanas e degradantes em campos de refugiados migrantes ou caminhando sem destino por rotas extremamente hostis e violentas.

Este mesmo estudo das Nações Unidas, efetuado pela Divisão Internacional de Migrações¹⁸ mostra que o número de migrantes hoje no mundo ultrapassa os duzentos e cinquenta e oito milhões de pessoas, (258 milhões de seres humanos), número maior do que toda a população brasileira. Sendo que a procura por condições melhores de vida leva essa massa humana a tentar chegar nos países mais ricos, aqueles que teoricamente poderiam fornecer o mínimo básico para a sobrevivência destes seres humanos.

O Referido relatório da ONU mostra que dois terços (67%) de todos os migrantes estão vivendo em apenas vinte países. Os Estados Unidos da América é o que recebe o maior número de migrantes, um número de 50 milhões de migrantes; nessa movimentação humana pelo planeta, vemos que a maior parte dos migrantes nasceu na Ásia, um número de 106 milhões de migrantes, seguidos pelos nascidos na Europa, 61 milhões; América Latina e Caribe ocupam o terceiro lugar com um número de 38 milhões.

A caminhada se tornou difícil e muitas vezes impossível. Presenciei¹⁹ no porto da cidade de Tanger, na Grécia, uma tentativa de “invasão” das dependências do porto por parte de uma grande leva de migrantes, na maioria oriundos do Paquistão, que

18

http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf

¹⁹ Tive a oportunidade de testemunhar no ano de 2017, em uma viagem que fiz de pesquisa a Europa as condições que vivem muitos migrantes pelas ruas das principais capitais europeias.

tendo como bagagem somente a roupa do corpo e a esperança em dias melhores para sobreviver, tentavam entrar nos caminhões carregados de carga que faziam a travessia nos barcos para a Itália.

Eles surgiram de todos os lados, muitos e todos homens, não observei nenhuma mulher junto ao numeroso grupo. Baixo o vidro da janela do carro em que me encontro e tiro uma foto do que estou vendo. A reação de alguns deles é imediata, em sinal de desaprovação pelo o que acabo de fazer; fecho o vidro do carro e tento entender tudo que está se passando na rapidez do tempo. Eles tentam arrambar a parte traseira de alguns caminhões com o intuito de se refugiarem lá dentro e assim de maneira “clandestina” chegarem a Itália. Alguns conseguem o intento, mas quase a sua totalidade é reprimida pela polícia da Grécia que chega rapidamente e pelos donos dos caminhões. A repressão é forte, alguns insistem, mas a maioria corre para o lado oposto ao do porto. Entre a Grécia e a Itália está o mar mediterrâneo que teoricamente os separa de uma tentativa de vida melhor.

Já no navio, horas depois de sarparmos, fico sabendo pela televisão, bem acomodado que estou em um espaçoso salão da embarcação que a poucos quilômetros de onde estamos uma embarcação, ou algo parecido com uma embarcação naufragou e a marinha italiana resgatou com vida 250 pessoas, mas em momento algum a notícia divulga quantos foram a óbito.

O mar mediterrâneo tem se tornado realmente o divisor de águas para a grande maioria dos migrantes oriundos da África e parte da Europa, que objetivam chegar as grandes capitais europeias:

“El mediterráneo está hoy detrás del 80% de las muertes de migrantes en tránsito en todo el mundo. La ruta migratoria más mortífera del planeta que, desde 2014 se ha cobrado ya 10.000 vidas” (MIGUEL URBÁN Y GONZALO DONAIRE, 2016, p.14)

Urban & Donaire afirmam ainda que o número de mortos é consequência do fechamento das fronteiras para os migrantes, um resultado advindo da xenofobia, do racismo anônimo, de caráter legal e pouco visível que se situa não somente nas fronteiras europeias, mas de vários países. Essas fronteiras, hoje, demarcam quem deve ser protegido e quem deve ser excluído de proteção.

A crise de refugiados em que vivemos no momento atual do mundo é grave e coloca todos os governos em um ponto de rever a globalização não somente como

forma de governo mundial, mas como futuro para humanidade, uma vez que está no cerne da globalização a produção de desigualdades cada vez maiores no mundo.

O mediterrâneo pode ser a rota migrante mais mortífera do mundo atualmente, mas ela não é a única rota migratória que existe, haja visto, que a migração está em todas as partes proporcionando rotas usadas que ainda nem foram descobertas pelos meios midiáticos e de pesquisas e que causam danos profundos a vários grupos populacionais.

O estudo das Nações Unidas traz a informação de que dos 258 milhões de migrantes em 2017, 38 milhões nasceram na América Latina e Caribe, número que ocupa o terceiro lugar em migrações. Nesse momento América Latina e Caribe fazem parte da mesma estatística, não sendo separados por países. Mas, traz o México como sendo o segundo colocado entre os vinte países que mais originaram migrantes, com um total de 13 milhões de pessoas.

Haiti, o recorte migratório a que se destina esse trabalho é citado uma única vez no relatório, à página 29, com dados que não abrangem a migração haitiana, principalmente para o Brasil, a partir do ano de 2010, após o terremoto que vitimou o Haiti e originou a chegada do maior número de haitianos no Brasil, o que poderíamos chamar em um primeiro momento dos migrantes forçados.

2.1 - Migrações Voluntárias ou Forçadas

O grande número de migrantes no mundo é um fato e contra fatos não temos argumentos, mas sim se tem estudos, estatísticas, projetos, teses, denominações e uma infinidade de adjetivos para se denominar o fato e assim caracterizar o fenômeno, se social, se histórico, se característico do ser humano e etc.

Existem vários tipos de migrações, todas levam ao sofrimento, mas é que são consideradas migrações voluntárias ou forçadas, aquelas em que os seres humanos abandonam seus locais, suas casas, devido a conflitos armados, perseguições de ordem políticas, violações dos direitos humanos e desastres climáticos.

Segundo Donaire & Urban (2016, p. 35) nos últimos 30 anos triplicou o número de inundações e secas em todo o mundo, gerando mais migrações que todos os conflitos armados juntos. O número chega há 200 milhões de migrantes climáticos diante de 40 milhões causados por conflitos bélicos.

A Organização Internacional de Migrantes, estima que 19 milhões de pessoas abandonaram suas casas no ano de 2015 devido a causas ambientais, a maioria na América e Ásia. A denominação é de migração forçada devido a causas ambientais, desastres climáticos e nunca pela ação irresponsável do ser humano. A América e Ásia estão entre os continentes que mais tem sofrido com as ações da natureza. Dentro da América Latina as falhas, humanas ou naturais, destroem um país.

2.2 - Falhas

“No dia 12 de janeiro de 2010, às 16 horas e 53 minutos, o tempo se fendeu. Em sua falha, sepultou para sempre os segredos de nossa cidade, engoliu uma parte de nossa alma, a alma que ela havia pacientemente esculpido à sua imagem desmedida. Em sua falha, o tempo levou nossa infância. Desde então somos órfãos de cem lugares e mil palavras” (LAHENS, 2012, p.16)

No dia 12 de janeiro de 2010, às 16 horas e 53 minutos um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, desabrigando aproximadamente três milhões de pessoas e causando a morte de mais de 300 mil. O terremoto aconteceu no sistema de falhas conhecido como Enriquillo-Plantain Garden, nome esse recebido devido a falha se originar no lago Enriquillo na República Dominicana e se estender até o rio Plantain Garden na Jamaica.

Goudou, Goudou, assim chamado pelos sobreviventes, o nome que deram ao terremoto, uma metáfora ao barulho que foi produzido pelos noventa segundos de duração do terremoto, noventa segundos que devastaram um país já tão ultrajado e saqueado.

A falha geológica já era conhecida e estudada por cientistas há muito tempo. As falhas humanas também, pois o país mais pobre das Américas não tinha políticas públicas adequadas para evitar uma catástrofe de tamanhas proporções. As falhas geológicas e humanas foram responsáveis por mais de 300 mil mortos, pessoas que

foram habitar o “*país sem chapéu*”²⁰, a chamada dimensão não física; pois segundo o escritor haitiano DANY LAFERRIÈRE (2011, p.7) “País sem chapéu, é assim que se chama o lado de lá no Haiti porque nunca ninguém foi enterrado com seu chapéu”. No país com chapéu, no lado de cá da vida, o país real, restou uma população sem moradia, sem comida, sem água, sem saber como viver. A ajuda humanitária de vários países chegou, mas o Haiti, ainda hoje, passados 8 anos do terremoto ainda não se recuperou minimamente para ter um futuro melhor.

Quando a escritora haitiana Yanick Lahens, afirma em seu livro – Falhas (2012) (falha geológica – referindo-se ao terremoto que atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, em 12 de janeiro de 2010 – catástrofe que desabrigou aproximadamente três milhões de pessoas, causando a morte de 300 mil) e desde este dia os haitianos se tornarão órfãos de cem lugares e mil palavras, chama atenção para todos os lugares destruídos pelo terremoto e as milhares de palavras ditas e balbuciadas para tentar explicar o inexplicável. Mas, ressalta que as dores do Haiti não pertencem mais somente ao Haiti e sim ao mundo todo; os órfãos de cem lugares se tornaram também os órfãos de cem lugares e a busca por uma vida melhor se torna imperiosa.

Os migrantes forçados, vítimas de todos os tipos de falhas, vão em busca de lugares onde possam recomeçar, aprender, sobreviver, ter condições de trabalho e ao mesmo tempo enviar dinheiro para família que fica a tentar reconstruir algo.

As falhas forçaram de uma certa maneira o encontro que tive com o grupo de haitianos na rodoviária de Cusco, no Peru. Uma das rotas migratórias não citadas nos relatórios oficiais: Haiti – Quito no Ecuador, de barco ou avião; Quito a Cusco no Peru, por terra, ônibus, carona, nas mãos dos coiotes²¹; Cusco a Brasiléia, no estado do Acre, Brasil. Dias, semanas e para alguns as vezes meses.

Noam Chomsky (2016) chama a atenção para a escravidão moderna, o que também é uma crise de migração. E chama atenção: “ que este tipo de migração alcançou sua forma mais extrema e cruel, na economia das plantações na América do Sul”. A migração forçada do haitiano não é nova, o termo forçado muda de escravidão para desastres naturais, mas a pobreza e o sofrimento são os mesmos há muitos anos.

²⁰ País sem Chapéu é o título do livro do escritor Haitiano Dany Laferrière e representa o mundo dos mortos. Segundo a tradição Haitiana, ninguém ao morrer é enterrado com chapéu. O país sem chapéu é o reino dos mortos e dos Deuses do Vodou Haitiano.

²¹ Grupos mafiosos que cobram para transportar os migrantes até o Brasil;

Os haitianos que migram em busca de uma vida melhor pós terremoto fazem parte de uma diáspora histórica. Há alguns séculos um grupo de migrantes africanos foram forçados por outros seres humanos, acorrentados, escravizados, humilhados e sem direito a despedida dos que ficaram. Foram levados para o continente americano, América Latina, Caribe, ilha de Española, Santo Domingo, Ayiti, Haiti.

Os descendentes deste grupo que veio escravizado em uma diáspora forçada, hoje, no século XXI, fazem parte ativa dos migrantes que povoam as rotas de norte a sul do planeta em busca de melhores condições de vida. Ao longo do tempo foram forçados, devido a uma série de fatores a cada vez mais ampliar esta migração levando consigo a roupa do corpo e uma cultura que resistiu através do tempo e das mazelas da vida. Os que ficam no Haiti, necessitam da ajuda que vem de fora para poderem sobreviver, mas também é deles que brota a energia e a força de resistência para os que partiram seguirem em frente, pois tal como me foi colocado por um dos haitianos na rodoviária de Cusco: “o que vem pela frente não pode ser pior do que deixamos para trás”.

2.3 - Migrantes: armado/fundador e familiar

Chomsky (2016) afirma que: “O surgimento de sociedades de colonos-instaladores, onde os migrantes chegam com a intenção de deslocar ou exterminar a população indígena, é a mais selvagem forma do imperialismo, e de fato a base de grande parte da sociedade global”.

O escritor martinicano Édouard Glissant (2013, p.16) afirmou que existiram três tipos de migrantes que povoaram as Américas. Segundo Glissant o migrante armado que chega com suas caravelas e naus e rapidamente domina os habitantes do lugar e se proclama o fundador, o descobridor e posteriormente os compatriotas destes “fundadores”, o que Glissant chama de migrantes familiares chegam com “seus hábitos alimentares, seu forno, suas panelas, suas fotos de família e povoam grande parte das Américas do Norte e do Sul”. (Glissant, 2013, p.16)

O migrante fundador e familiar designado por Glissant é o mesmo migrante instalador de Chomsky e que foi o responsável pela colonização e o extermínio de populações inteiras de índios.

Esse migrante armado chega primeiramente ao mar do Caribe, mais precisamente ao Haiti. O Haiti inicialmente se chamava *Ayiti*, nome que significa terra de altas montanhas, assim denominado pelos seus habitantes, os Taínos. As raízes eram tribais, indígenas e livres até o dia cinco de dezembro de 1492, quando Cristóvão Colombo chegou ao extremo noroeste do *Ayiti*, L'Acul (camp-Louise), trouxe a cruz da cristandade e deu a ilha o nome de *Hispañola*. Alguns dias depois, na manhã de natal de 1492, a nau maior, Santa Maria, encalhou e teve que ser abandonada. Colombo então antes de retornar a Espanha, criou na ilha o forte *Natividad* e deixou uma guarnição de trinta e três marinheiros comandados por Diego de Arana. Estes marinheiros ao sentirem fome, abandono e desejos sexuais começaram a roubar a comida dos habitantes da ilha e a violentar as mulheres dos nativos. Os nativos, por sua vez, comandados pelo Cacique Caonabó vingaram-se matando a todos os marinheiros.

Ao regressar a ilha e não mais encontrar seus homens com vida, Colombo aprisionou ao Cacique Caonabó e o envio prisioneiro, à Espanha, aonde ele nunca chegou, pois, a nau que o transportava naufragou matando o cacique juntamente com todos os tripulantes.

Começou então na ilha um período onde os nativos foram vítimas de abusos, violações, escravidão e muitos massacres. Mas, também o período de maior resistência por parte dos reais donos das terras, agora, comandados pela Princesa *Flor de Ouro*, assim chamada a Cacica Taína, Anacaona, que ousou lutar contra os espanhóis. Anacaona foi capturada e enforcada.

Segundo (LUÍS PINILLA,1994, p. 35) o corpo da *Cacica Anacaona*, após a execução, foi mantido pendurado durante três dias a vista dos "índios" como advertência e forçaram homens, mulheres e crianças a desfilar em volta do local da execução.²²

O resultado desta primeira resistência foi trágico para os nativos, pois no final do século XVI, quase que a totalidade da população nativa, dos taínos, havia desaparecido, um genocídio praticado pelo migrante fundador ou simplesmente, colonizador.

²² "... mantenerlo durante tres días a la vista de la indiada, para escarmiento ha hecho desfilar hombres, mujeres y hasta niños alrededor el sitio de la ejecución". (PINILLA, Luis Darío Bernal. Anacaona y las tormentas. P.35)

“...esse modo de dominação e de exploração havia conduzido ao aniquilamento dos nativos dos dois arquipélagos, os Guanchos canarinos e os Taínos antilhanos” (LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO, 2000, P. 39-40)

O migrante familiar que começa a povoar a ilha necessita de mão de obra para descobrir as riquezas do lugar e fazer a nova terra conquistada produzir. Sendo assim começa o terceiro ciclo de migração, entre os três defendidos por Glissant (2013) no povoamento das Américas. Um ciclo de migração, forçado, dolorido e que vai contribuir significativamente para a construção do continente americano.

2.4 - O Migrante Nu

Os primeiros africanos, negros cativos, chegaram a ilha *Hispañola/Ayiti* em 1502, sobreviventes de uma travessia em alto mar, acorrentados em porões de navios, coisificados de maneira cruel, degradante e no íntimo desprovidos de toda humanidade que um dia tiveram e viveram em solo Africano. Na ilha foram condenados a trabalhos forçados e ao povoamento do que passaria a ser sua nova casa, seu novo país. Para eles, sobreviver era imperativo e participaram, mesmo que indiretamente, no aniquilamento da população nativa, pois a mão de obra necessária para os migrantes familiares havia chegado, com isso o que havia restado de índios taínos, passaram a fazer parte da estatística do genocídio.

“Desde logo, o tráfico negreiro aumenta a morbidade e a mortalidade dos índios livres e cativos, levando os moradores a ampliar a demanda de africanos” (ALENCASTRO, 2000, p.39)

No momento do chamado descobrimento, estima-se que na ilha de Hispañola havia uma população humana de aproximadamente trezentos mil Taínos. Com uma margem de erro considerável, os cálculos dos estudiosos apontam que no ano de 1517 essa população indígena era de aproximadamente doze mil Taínos. Soma-se as causas da diminuição populacional nativa as várias epidemias que afetaram aos nativos, carentes de defesas das doenças trazidas pelos europeus e também pelos escravos africanos.

Os primeiros africanos cativos chegam ao Caribe, o lugar do primeiro desembarque do tráfico negreiro e que posteriormente vão ser enviados para todo o

continente, tendo o Brasil como o expoente da maior recepção de escravos oriundos da África durante todo o processo do tráfico negreiro, o migrante nu!

Glissant (2013) definiu o migrante nu, como sendo o negro africano que foi escravizado, trazido a força para o continente americano, sem poder trazer junto consigo nenhum pertence material, nenhum utensílio de trabalho, desprovido de roupas, de imagens de seus deuses, da lembrança da despedida dos familiares.

“Os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojado de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro era o lugar em que as línguas africanas desapareciam” (GLISSANT, 2013, p.18)

O desaparecer da língua era feito de propósito e tinha o intuito de mostrar aos escravizados que eles estavam sozinhos e tinham que se submeter ao escravizador. África não é um país e sim um continente. Os Africanos cativos vinham de várias tribos, com falares diferentes, linguagens diferentes, lugares diferentes e a maioria nem sabiam que vinham da África.

Ao serem capturados e depois separados dentro dos navios negreiros, o desconhecimento da língua um do outro evitava que se unissem e tentassem uma rebelião.

“Para passar o tempo, eu estudava o rosto das pessoas, tentando falar com elas...conforme as pessoas passavam, eu observava se tinham marcas tribais e de que forma as mulheres penteavam os cabelos. Trançados? Rastafári? Cobertos? Tentava ver se encontrava alguém que se parecesse com as pessoas de minha aldeia” (LAWRENCE HILL, 2015, p.107-108)

Homens e mulheres de várias tribos ao serem escravizados tornaram-se negros. A cor da pele passou a ser a designação do migrante nu: negro e escravo. Segundo (MOREIRA JÚNIOR, 2006, p.2), pelo menos dez milhões de africanos foram trazidos para a América, sendo que cerca de 47% foram enviados para o caribe.

O norte da ilha *Hispanola* foi ocupado pelos franceses e depois de várias disputas com os espanhóis, no ano de 1697, a Espanha reconheceu a soberania francesa nesta parte da ilha. Desta maneira metade da ilha fica com os espanhóis e metade com os franceses. Em 1772 foi efetuado o tratado de fronteira entre França e Espanha.

A metade francesa recebe o nome de São Domingos²³. Nasce assim a *Pérola do Caribe*, uma das colônias mais ricas das Américas, devido a produção de cana-de-açúcar, cacau e café, tudo isso movido a mão de obra negra, escrava, suscitando uma importação de mais de 800 mil escravos africanos.

“São Domingos era um oásis exponencialmente lucrativo para a burguesia marítima, responsável pelo tráfico negreiro, e para os produtores de açúcar. Exportava 35 mil toneladas de açúcar bruto e 25 mil toneladas de açúcar branco. A elite branca ostentava mais e mais e entre 1783 e 1789, a produção quase dobrou. E a colônia não avançava sem os escravos” (ALOISIO MILANI, 2008)

A Pérola do Caribe sempre foi uma pérola negra, pois toda a riqueza produzida, era uma riqueza provinda do sangue negro, extraído pela chibata e todas as formas de tortura que foram realizadas contra os escravos.

Diante disso, mais do que natural que as raízes da Pérola do Caribe sejam africanas e tribais, mas longe de qualquer estigma, estamos falando de raízes africanas que foram plantadas a força em solo latino-americano. Muito distante de sucumbir com a adversidade, hoje povoam as Américas e estão impregnadas de sabedoria, de riquezas culturais e espirituais diversificadas.

Foto nº 3 – Marco Original que demarcava a fronteira entre França e Espanha na ilha Hispânia, datada de 1772. Está no *Museo de las Casas Reales* em Santo Domingo, República Dominicana.



Fonte: Do Autor; 200 x 120 Pixels, JPG 2017

²³ Saint-Domingue (Frances Original)

2.5 - O Migrante com Visto Humanitário

Muito antes do terremoto de 2010 os haitianos já migravam para vários países em busca de melhores condições de vida, no Brasil em data anterior à 2010 havia um número de 200 haitianos com entrada regular no Brasil. Em setembro de 2014 o número aumentou para 30.000, segundo dados do Ministério do Trabalho e Educação (MTE), com um percentual de 15.000% em apenas 04 anos. (CRISTIANE FELDMANN DUTRA, 2016, p.163)

Estes números se ampliaram através da ação do governo brasileiro em conceder Visto Humanitário ao Haiti. Segundo DUTRA (2016, p. 166) depois de dois anos do terremoto ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, o Brasil reconheceu através da resolução normativa de nº 97/2012, do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) como justificador de uma proteção humanitária, e outorgou a política pública intitulada “Visto Humanitário”.

Na resolução nº 97/2012 em seu parágrafo único diz que: “consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010”.

Cabe ressaltar que a resolução nº 97/2012 foi um ato inovador proporcionado pelo governo brasileiro, algo jamais pensado para época se comparado há muitos outros países que vivenciavam e vivenciam o processo migratório crescente em seus territórios.

Segundo o Ministério da Justiça e Cidadania do Brasil em sua página na internet²⁴, há um visto humanitário pode ser aplicado as mesmas situações que de um visto de refúgio, ou seja: “é concedido ao imigrante por fundado temor de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas ou tenha fugido de quadro grave e generalizada violação de direitos humanos”; no caso do visto humanitário ainda é acrescido as crises econômicas e ambientais, categorias que não são contempladas no visto de refúgio.

²⁴ <http://www.justica.gov.br/noticias/mjc-esclarece-principais-duvidas-sobre-refugio-asilo-politico-e-visto-humanitario>

O fato é que o visto humanitário concedido pelo governo brasileiro aos haitianos permitiu que os mesmos tivessem acesso ao território nacional, Carteira de Identidade de Estrangeiros (CIE) e um CPF (cadastro de pessoa física). Mas, trabalho, casa, comida e tudo mais que venha de encontro a propiciar um recomeço com dignidade cabe ao migrante procurar por conta própria, fato que ocasionou verdadeiras migrações internas pelos estados brasileiros, de haitianos em busca de trabalho e um lugar melhor para sobreviver no país.

Amigos haitianos me relataram que quando surgia trabalho em determinada cidade, em determinado estado, através de mensagens por celulares e internet comunicavam uns aos outros e assim era definido o fluxo dentro do Brasil, sempre em direção às cidades que mais tinham vagas de trabalho. Principalmente as cidades do interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No Rio Grande do Sul, a serra Gaúcha: Caxias do Sul e Gramado; em Santa Catarina e Paraná: às cidades de Chapecó e Cascavel, pelo fato de terem fabricas na área da alimentação o que proporcionava emprego para os haitianos, mas os salários eram sempre em valores inferiores aos que ganhavam um brasileiro pela execução do mesmo trabalho.

Enquanto a economia brasileira se manteve estável a migração haitiana foi crescente para o Brasil. Com a crise econômica e o fechamento de milhares de postos de trabalho a migração haitiana começou a diminuir e muitos começaram a trocar o Brasil por outros países onde a oferta de emprego fosse maior.

Inicialmente o destino foi o Chile, onde não lograram ficar por muito tempo, pois a economia do país também estava começando a dar sinais de instabilidade. No ano de 2017, muitos migrantes haitianos que receberam o visto humanitário no Brasil, tentaram migrar para os Estados Unidos, por vias ilegais, gerando dois graves problemas:

1 – Na sua maioria ao tentar entrar nos Estados Unidos por vias ilegais, estes migrantes Haitianos, são presos na fronteira. Devido ao fato de serem portadores de visto humanitários brasileiros devem ser deportados para o país que lhes concedeu o visto humanitário, neste caso específico o Brasil.

Segundo a jornalista Patrícia Campos Mello (2017), os Estados Unidos acionaram o Brasil para que receba a deportação dos haitianos presos ao tentarem entrar de maneira ilegal nos Estados Unidos. Estes haitianos em sua maioria são portadores de visto humanitário expedido pelo Brasil. Inicialmente o número é de 700 haitianos que estão presos em San Diego, na Califórnia. Para o governo estadunidense

a grande maioria dos haitianos tem visto humanitário brasileiro e por isso devem ser enviados ao Brasil.

2 – O segundo problema criado pela tentativa de entrada ilegal nos Estados Unidos, por parte dos migrantes haitianos oriundos do Brasil, alertou as autoridades estadunidenses para o fato de que em seu território já vivem aproximadamente 50 mil Haitianos com visto temporário.

Assim tal qual o Brasil concedeu visto temporário para os haitianos, o Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no ano de 2010 assinou uma ordem executiva, TPS – Temporary Protected Status (ordem de proteção temporária) que permitiu a entrada de aproximadamente 50 mil haitianos e cujo vencimento deste “visto” temporário se deu no dia 27 de julho de 2017; haitianos residentes em solo estadunidense fizeram um abaixo assinado para o Presidente Estadunidense, solicitando a extensão de prazo para o referido visto, uma vez que a deportação de um número significativo de Haitianos, para o Haiti, acarretará em uma pressão demasiado grande na situação econômica do Haiti, já extremamente debilitada.

No final de 2017 o Presidente estadunidense Donald Trump revogou o visto de permanência dos haitianos em solo estadunidense.

O visto humanitário, com o perdão da redundância, não tem sido visto pela grande maioria dos migrantes haitianos como possibilidade maior de humanização do que a vida que tinham no Haiti. O migrante nu referenciado por Glissant, continua nu, apesar das lutas travadas, muito pouca coisa mudou em quinhentos e quinze anos.

Mas, é imperioso que se repita sempre, que os haitianos não desistem, apesar das adversidades que se abatem sobre eles, conseguem renascer das cinzas, tal qual uma fênix. O que para LAHENS (2012, p. 42) “o Haiti, por excelência é a terra do claro-escuro. Os habitantes foram os primeiros salvadores de si próprios, é preciso repeti-lo sempre”.

Ressalto, novamente, que o grande problema neste começo do século XXI, é o processo da migração no mundo. Os haitianos que chegam ao Brasil em busca de trabalho e a Foz do Iguaçu em busca de uma educação de qualidade que lhes permita ter um futuro melhor, são parte de um todo global. Para entender esse outro, que chega em parte, Haiti, é preciso ter no mínimo um conhecimento ou uma visão global do problema, pois as ações que serão feitas em nosso quintal, vão ter a repercussão no nosso quintal e além de nossas fronteiras.

Concluindo, a questão da migração global e a haitiana particularmente está crivada de impasses e complexidades. A relação entre as triangulações que envolvem o Haiti; os haitianos ilegais nos EUA e o visto humanitário do Brasil podem dar conta de evidenciar uma política internacional brasileira que nem sempre define uma vontade política e ficam à deriva uma população que apenas deseja buscar um espaço para sobrevivência.

CAPITULO III – FOZ DO IGUAÇU: UMA CIDADE *INTERCULTURAL*?

“Uma cidade de fronteira é uma sociedade poliédrica. Os poliedros irregulares, aqueles cujas as faces, além de múltiplas são também diferentes, afiguram-se mais apropriados para retratar Foz do Iguaçu” (NARA OLIVEIRA, 2012, p. 17)

A Unila se propõe a ter um viés interdisciplinar em sua educação. Foz do Iguaçu, a cidade escolhida para ser sua sede é por sua vez uma cidade intercultural e interdisciplinar e isso se deve a multiplicidade de culturas que habitam em seu solo e a receptividade ou a falta de, com que recebe o migrante.

Uma cidade inicialmente fundada para “defender o país contra alguma investida estrangeira que por ventura viesse surgir”, nas palavras de José Maria de Brito, um dos fundadores da colônia que se transformou em cidade. Uma cidade que foi na contramão do propósito de sua criação, desafiando a ordem estabelecida, pois ao contrário de defender o país de investidas estrangeiras, agrega múltiplas culturas ao proporcionar o acolhimento do estrangeiro que chega.

Segundo Oliveira (2012) a expressão composta *Foz do Iguaçu* resulta da reunião da palavra *foz* originária do latim, que significa “passagem estreita” com o termo *Iguaçu*, que significa “água grande”, na língua tupi-guarani.

Águas Grandes, palavras oriundas da sabedoria dos indígenas tupi-guarani, habitantes primeiros da região, e que possuem uma representação muito mais significativa que simplesmente dizer que a cidade recebe o nome em detrimento da foz de um rio chamado Iguaçu. De uma passagem estreita as águas grandes deram origem a uma cidade multicultural e interdisciplinar, que tem orgulho de possuir mais de oitenta etnias vivendo em paz e harmonia.

Viver em paz não significa ausência de guerra e harmonia vai bem mais além de que cada um no seu canto sem que haja interação e ou fricção. A Unila – Universidade de Integração Latino-Americana, já na sua fundação trouxe essa fricção, no sentido de revirar e movimentar a sociedade Iguaçuense com a diversidade cultural de seus alunos.

Foz do Iguaçu situa-se no oeste do estado do Paraná, fazendo fronteira com Argentina e Paraguai, países que são interligados ao Brasil através de duas pontes, assim chamadas de *Fraternidade e Amizade*.

A ponte da fraternidade interliga Foz do Iguaçu à Puerto Iguaçu, Brasil e Argentina. E a ponte da amizade interliga Foz do Iguaçu à Ciudad de Leste, Brasil e Paraguay. Uma região denominada tri nacional e que congrega muitas etnias em um espaço multicultural e que no passado foi palco de acordos governamentais e ditatoriais.

Os acordos passam pelo fato de quem a tríplice fronteira, Brasil, Argentina e Paraguai foram países que tiveram seus governos estabelecidos de forma não democrática, e foram constituídos por militares através de presidentes, dos três países, serem considerados ditadores. Fato este que possibilitou o acordo entre Brasil e Paraguai para construção da ponte da amizade que interliga os dois países, bem como a construção da maior hidrelétrica do mundo, Itaipu binacional, que gera energia para os dois países. E tratados, por outro lado, com a Argentina que permitiu a construção da ponte da fraternidade, bem como, tratado entre militares, que durante o regime militar permitiu a troca de informações entre os exércitos e até ações em conjunto.

O desafio primeiro da Unila em pensar uma universidade sem fronteiras em uma região de fronteira físicas bem demarcadas, vem de encontro a região originária dos indígenas que habitam nos três países e são vítimas entre tantas outras coisas, das fronteiras bem definidas e demarcadas. Para eles, os índios, ainda hoje continua uma região somente e totalmente desprovida de fronteiras.

Foz do Iguaçu é essencialmente uma cidade turística ou pelo menos tenta ser, já que tem junto a si uma das sete maravilhas da natureza, as Cataratas do Iguaçu. Recebe um número significativo de turistas ao ano, que lotam os hotéis, principalmente de classe média alta e classe alta, conhecem as cataratas e seguem suas viagens, não contribuindo de maneira significativa para cidade nem interagindo com a mesma.

Essa falta de interação não se restringe somente ao turista que fica no máximo dois ou três dias na cidade, ela se estende também aos moradores da cidade, que ficam encapsulados em seus grupos étnicos não contribuindo para a interação cultural e social da cidade.

Foz é vista como cidade “Intercultural” devido as várias etnias que vieram viver na cidade, onde os motivos deste fluxo são vários, mas cabe destacar que duas ações foram fundamentais para que muita gente visse habitar em Foz. A construção da ponte da Amizade que interliga Foz do Iguaçu com Ciudad de Leste, no Paraguai e a construção da hidrelétrica de Itaipu. Tanto a facilitação do comércio com o Paraguai, como o afluxo de pessoas que vieram para participar da construção de Itaipu e após a

conclusão das obras ficaram morando na cidade, foram fatores para o aumento significativo da população da cidade.

O comércio com o Paraguai atraiu coreanos, árabes, libaneses, japonês e um grande número de comerciantes de vários países que construíram seus comércios no lado paraguaio da fronteira, Ciudad de Leste e suas moradas no lado brasileiro, Foz do Iguaçu. No entanto a cidade não se preparou política e economicamente para seu próprio crescimento.

E cresceu de maneira desordenada e sem políticas públicas que viessem atender as comunidades que foram se formando na cidade. A cidade poliédrica, metáfora usada para representar os vários coletivos de povos, etnias e países que habitam a cidade, também é significado de uma grande desigualdade educacional, cultural e, sobretudo, social.

O poliedro serve sim para retratar a cidade de Foz do Iguaçu, pois ele adjetiva de maneira correta a interculturalidade existente na cidade, ou a que deve vir a existir, pois mesmo tendo suas faces irregulares, a base de sustentação é a mesma.

Foz do Iguaçu é uma cidade singular, que mesmo com todas as mazes que tem em seu interior e luta atualmente para extinguir, principalmente diminuindo o gap social, estrutural e cultural e mesmo tendo em seu seio mais de 80 etnias está sempre pronta e de portas abertas para receber, quem quiser chegar, mesmo ainda não compreendendo direito no que isso vai dar.

Foz do Iguaçu pode e deve ser vista como um balão de ensaio de convivências das diversidades que fazem da América Latina o “*recuento de cosmogonias*” alardeado por Carpentier.

Esse mosaico construído com poliedros irregulares nos apresenta uma obra que pode servir de exemplo para o já citado grande problema do século XXI: as migrações.

3.1 – UNILA: Universidade Federal de Integração Latino-Americana

“O grande desafio da Unila é o de construir uma Universidade que responda simultaneamente à sua vocação nacional e latino-americana no marco dos compromissos do novo milênio” (UNILA CONSULTA INTERNACIONAL – IMEA, 2009, p. 11)

Em consulta pública com os mais renomados especialistas nacionais e internacionais, os primeiros pensadores em criar a Universidade Internacional de Integração Latino-Americana fizeram saber que o grande desafio dessa nova proposta de Universidade era o de responder aos compromissos do novo milênio, bem como ressaltar a sua vocação latino-americana.

Uma Universidade em construção com o intuito de integrar a América-Latina através do conhecimento, com alunos e professores oriundos de vários países da América-Latina, com didáticas, conhecimentos, culturas, especialidades e suas maneiras de ver a América Latina em seu passado, presente e perspectivas de futuro.

A ideia vingou e se transformou em realidade! No dia 12 de janeiro de 2010, o então presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva em cerimônia no Palácio do Planalto em Brasília sancionou a lei nº 12.189, que em seu artigo primeiro traz a seguinte redação: “Fica criada a Universidade Federal de Integração Latino-Americana – UNILA, de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná”; a lei ainda caracteriza que a missão institucional da Unila é a de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina.

Coincidência ou não no mesmo dia que o Presidente Lula sancionou a lei de criação da Unila, 12 de janeiro de 2010, o dia do terremoto no Haiti; o dia que o Haiti sofria um dos seus piores momentos, sofria duas das três maneiras possíveis de morrer, segundo as palavras de um ancião haitiano “a primeira quando nossa respiração deixa o corpo para se reunir com o ar; a segunda quando nossos corpos são devolvidos a terra e a terceira quando ninguém se lembra mais do que os olhos foram

testemunha. Mas, agora nossos corações serão suas memórias, pois sempre lhes recordaremos” (EDWIDGE DANTICAT, 2015)²⁵

Foto nº 4 – Placa em memória as vítimas do terremoto no Haiti no Centro Cultural do pequeno Haiti em Miami, EUA.



Fonte: Do Autor; 201 x 145 Pixels, JPG 2017.

A escritora haitiana tinha razão, a terceira maneira de morrer segundo o ancião, não ocorreu e a lembrança do que aconteceu com o terremoto seguiu-se a ajuda de vários países e do Brasil, que em uma atitude inédita além de conceder o visto humanitário para cidadãos haitianos virem para o Brasil, instituiu um programa de educação denominado pró-Haiti.

O Governo do Brasil, através da Fundação CAPES, no dia 28 de abril de 2010, instituiu a portaria nº 092, que criou o Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior. Programa inovador que parte de uma ação afirmativa que considerou a necessidade de contribuir com a reestruturação das universidades haitianas, constitui-

²⁵ Palavras escritas por Edwidge Danticat, em Placa afixada no Centro Cultural do Pequeno Haiti em Miami, Eua; em memória e lembrança das vítimas do terremoto no Haiti.

se em um primeiro programa que visa contribuir de forma qualitativa para a reestruturação do próprio Haiti.

O programa Pró-Haiti foi criado pelo Ministério de Educação três meses e dezesseis dias depois do terremoto que destruiu quase que completamente a capital Porto Príncipe e as principais universidades do país.

A Unila, indo de encontro a sua missão, aprovou a resolução interna de nº 37/2014, com o objetivo de contribuir com a integração dos haitianos a sociedade brasileira, bem como fortalecer o intercâmbio acadêmico com o sistema de ensino do Haiti. O programa inicialmente contemplava um número de vinte e nove vagas, mas conseguiu ampliar para oitenta e três vagas em uma seleção internacional de estudantes haitianos. Tal ação afirmativa resultou no maior programa no Brasil de acesso ao ensino superior público e gratuito há estudantes haitianos até a conclusão do curso.

Foz do Iguaçu, a cidade poliédrica e intercultural; Unila, a Universidade cuja missão é formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana e onde os migrantes haitianos se encontram hoje.

O encontro se deu no dia 4 de março de 2015, em uma cerimônia que contou com a presença do Embaixador do Haiti no Brasil, Madsen Cherubin. Nesse dia um pequeno grupo de 83 haitianos representou um coletivo maior, Haiti, chegou a tríplice fronteira, Foz do Iguaçu. 83 migrantes haitianos tornaram-se alunos regulares da Universidade Federal de Integração Latino-Americana – UNILA.

Uma universidade em construção com o intuito de integrar a América latina através do conhecimento, com alunos e professores ainda na fricção de seus conhecimentos, suas culturas, suas especialidades e suas maneiras de ver a América latina em seu passado, presente e perspectivas de futuro.

Assim como busca a construção de uma identidade universitária que contemple o nome que carrega, tem a árdua missão de apresentar a identidade de uma América latina cultural e politicamente diversa, e que tem no Brasil um país que nunca se interessou em participar dessa integração, pelo menos, não pelo viés de uma integração educacional, interdisciplinar e solidaria.

Ao receber os estudantes haitianos em seu seio, vai de encontro não somente há um problema humanitário de ordem mundial, as migrações, mas também ao reconhecimento de que o país mais pobre do continente latino-americano necessita de

uma ajuda que vai muito além de que uma outra invasão de forças militares, mesmo que esses militares sejam brasileiros sob a bandeira da ONU.

O haitiano que agora faz parte desta Universidade em construção, na sua maioria traz um conhecimento de estudos em seu país. Haiti é um país pobre, veremos a causa ou causas dessa pobreza, mas ele traz o histórico de abrigar a primeira Universidade das Américas, a Universidade Autônoma de Santo Domingo, datada de 1538.

O encontro aconteceu no Campus da Unila, dentro das dependências de uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, Itaipu. No auditório César Lattes, aos poucos eles iam chegando um a um, alguns em duplas ou trios, mas a grande maioria, chegou só. O dia estava chuvoso. Cada um trazia sua história, sua caminhada através de milhares de quilômetros para chegar ao Brasil, para chegar a universidade. Uma universidade de integração latino-americana e agora caribenha, afinal o Caribe é ou não parte do continente latino americano? Os estudantes caribenhos vão se integrar de fato em uma universidade cujo objetivo primeiro visa um projeto para a América Latina? O caminho destes estudantes migrantes do Haiti a tríplice fronteira passou por no mínimo outras três fronteiras até uma universidade que está estabelecida em uma tríplice fronteira, Brasil, Argentina e Paraguai, uma universidade que se propõe a ser sem fronteiras e promover a integração latino-americana:

“A expressão ‘integração latino-americana’ não se restringe à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica. A América Latina compreende todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim” (IMEA, 2009, p.9)

Haiti foi colonizado pela França, portanto um país de fala francesa. A resposta à pergunta que sempre se faz: o Caribe e por consequência Haiti fazem parte da América Latina? A cidade de Santo Domingo, na República Dominicana, que faz fronteira com o Haiti, portanto situada na mesma ilha caribenha que um dia foi chamada de Hispaniola, possui um aeroporto que se chama: “Aeroporto Internacional de las Américas”, como a lembrar a quem chega ou parte que o Caribe faz parte das Américas. Portanto a resposta à pergunta é sim! A resposta está dada, mas ainda vamos nos referir a América Latina e Caribe! Não por força de hábito, mas por violenta segregação.

Aos poucos o auditório ficou lotado, superlotado. A cerimônia de recepção dos alunos haitianos teve seu começo através de discursos de boas-vindas e discursos que

exaltavam a importância para o Haiti destes estudantes estarem em uma faculdade brasileira.

Não eram os mesmos que encontrei na cidade de Cusco, mas eram oriundos do mesmo lugar, talvez tivessem feito o mesmo trajeto, sofrido as mesmas vicissitudes, mas estes eu sabia o ponto final de suas jornadas, ou seria o ponto de recomeço de uma nova jornada?

O estudante Andy Plancher, aprovado para cursar saúde coletiva foi escolhido para falar em nome dos haitianos. Agradeceu a oportunidade. Falou na tragédia do terremoto em 2010, em superação, em luta, em uma caminhada longa, em abusos e na responsabilidade que eles têm com o Haiti. Disse que esperam não somente ajuda da Universidade durante os anos de formação, mas também o entendimento e aceitação de sua cultura. Disse, se referindo aos colegas haitianos, da responsabilidade quando de regresso ao Haiti, pois cada um sabe o quanto o aprendizado adquirido poderá ajudar suas famílias e seu país na construção de uma vida melhor. Plancher, disse ainda que seus sonhos foram massacrados pelo terremoto e que vieram para o Brasil em busca de trabalho, estudo e quem sabe novos sonhos, pois o haitiano é um povo que acredita fortemente na educação.

O migrante haitiano está no Brasil, mas nem todos podem estar em uma universidade, esta é apenas uma das realidades possíveis aos que chegam ao país. Este foi um dos pontos abordados pelo Embaixador do Haiti, Madsen Cherubin, que além dos agradecimentos efetuados ressaltou que a educação é a grande ferramenta para uma transformação social e econômica, pois ao capacitar os estudantes haitianos a Unila está preparando-os para ajudarem suas famílias e retornarem para ajudar o Haiti.

O embaixador tem razão em chamar atenção para o ponto de que o número de haitianos que vão acessar a universidade através deste programa é pequeno em vista do número de migrantes haitianos que já haviam adentrado em território brasileiro.

Os dados são claros, quinze mil por cento (15.000%) em quatro anos é um número altamente expressivo e a migração continuou até o declínio da economia brasileira. Enquanto isso a perspectiva de um futuro universitário, uma graduação é o que interessa ao grupo que se estabelece na Unila e na cidade de Foz do Iguaçu, mas sem nunca esquecerem sua terra natal.

O ato de recepção e boas vindas teve seu ponto alto, quando dois alunos haitianos começaram a tocar e cantar uma música haitiana intitulada: *Haiti Chérie*. Os

rostos se iluminaram, os sorrisos e as vozes foram fartos e fortes. A menina haitiana até então calada ao meu lado, começou a cantar com vontade enquanto as lágrimas envolviam sua face. Abraços entre os haitianos e dos haitianos com outras pessoas não haitianas presentes no local. A força com que cantavam e a emoção colocada envolveram todos os presentes. A canção foi cantada em créole, embora a maioria dos presentes não falassem créole todos entendiam a emoção que contagiava o recinto, uma energia que foi sentida em todos os idiomas presentes, uma verdadeira integração latino-americana.

Cada haitiano presente foi ator de uma performance que invocou suas memórias, identidade social no Haiti e agora no Brasil, aspectos econômicos, ambientais, migratórios e culturais, principalmente culturais. Victor Turner afirmava que as populações poderiam aprender a compreender umas às outras por meio de suas performances. (TURNER 1990, apud DIANA TAYLOR, 2013, p. 28)

Podemos tentar entender um povo, uma nação, pelo modo como vivem se comportam, por sua cultura, educação, literatura, ou seja, vários são os aspectos. Em se tratando do Haiti, conhecemos muito pouco, uma pesquisa profunda a de ser feita, uma conversa interdisciplinar através da literatura, história escrita e oral, as oralidades e as performances, permitirá um conhecimento cada vez maior de um povo que chega a nossa casa em busca de sonhos e algo que lhes traga sentido a própria razão de viver. Arquivo e repertório, no caso do Caribe, mostram-se fundamentais para a compreensão dos aspectos sensíveis que os legados afro-ameríndias deixam como lastro cultural.

A emoção proporcionada pela chegada dos estudantes haitianos e o conhecimento proporcionado pela literatura do Haiti, ainda desconhecida do brasileiro podem contribuir de maneira significativa para conhecermos um pouco mais este outro migrante que vem para conviver em uma cidade de migrantes, Foz do Iguaçu, que tem uma peculiaridade no que se refere a esse assunto: migrantes.

3.2 - *Haiti Chérie*: Comportamentos Restaurados

Foto 5 – Solenidade de recepção dos alunos haitianos na Unila.

Em 4/3/2025 – Auditório César Lattes



“A árvore também voa no pássaro que a abandona”

(EDUARDO GALEANO)

Estavam distantes de casa, mas a força de suas vozes e a emoção que propagavam parecia mostrar que toda a ancestralidade do Haiti estava presente no auditório César Lattes. Poucos representavam uma nação centenária e incorporavam suas vozes, seus ritos ancestrais, sua cultura, suas ruas, seus cheiros, seus gostos, suas alegrias e suas tristezas. Não era o hino nacional do Haiti, para eles era ainda mais importante, tal era a energia dissipada ao cantarem. Já tive oportunidade de ouvir o Hino Nacional do Haiti ser tocado e cantado, tanto no Brasil como no *Little Haiti*²⁶, em

²⁶ Little Haiti, (pequeno Haiti) é o nome que recebe um bairro na cidade estadunidense de Miami, Florida. É o bairro mais conhecido de migrantes haitianos no mundo, abrigando mais de trinta mil haitianos. O bairro tem sua cultura própria e procura reproduzir os usos e costumes do Haiti.

Miami e a performance e energia não chegaram nem perto da executada pelos estudantes haitianos ao cantarem *Haiti Chérie*, naquela tarde chuvosa.

Os haitianos contagiaram a todos nós, presentes no auditório, fazíamos parte de um todo, mesmo com nossas individualidades. Estávamos todos presentes nesse quadro, éramos todos atores sociais em nossos dramas sobrepostos, limítrofes, litigiosos. (TAYLOR, 2013, p. 40)

E na minha condição de ator social de uma história que não começava naquele momento, tive o pressentimento que a história cobrava o resgate de seu passado; um passado a ser estudado e contado para que se soubesse, não somente quem eram os migrantes que chegavam naquele momento, mas a bagagem ancestralmente cultural que vinha juntamente com eles. Tive a certeza que fazia parte daquele coletivo e que tinha reencontrado os amigos que partiram de Cusco, não eram os mesmos, mas faziam parte do mesmo meio.

A emoção do cantar de *Haiti Chérie*, ao mesmo tempo que remetia a saudade do país natal, reproduzia todo um conhecimento milenar, antes mesmo do Haiti ser Haiti, um conhecimento que o migrante escravizado trouxe como repertório para o continente latino-americano. A performance aqui, segundo Taylor (2013, p.17) transmite a memória e a identidade cultural. Neste caso de todo o povo haitiano.

Haiti Chérie é um poema escrito em 1920, por Othello Bayard, músico e poeta haitiano. Inicialmente recebeu o nome de *Souvenir d'Haiti*, e foi escrito em *crioulo haitiano*, também conhecido como *créole ou (Kreyòl)*, um dos idiomas oficiais do Haiti, este falado por cem por cento dos haitianos, enquanto o francês é falado por oitenta por cento da população, mas o francês é a língua do governo, do poder. Mais do que exaltar o país, o poema tinha a função de tecer serias críticas a invasão estadunidense ocorrida no Haiti em 1915. Rapidamente virou o segundo hino do país, visto que ao ser cantado em *créole*, podia ser cantado e decantado sem o entendimento dos soldados estadunidenses.

Os Estados Unidos, com a desculpa de cobrarem uma dívida do país caribenho, cobram-na invadindo o país e lá permanecendo por quinze anos, tempo em que tiraram tudo o que o país podia ter de riquezas. A desculpa foi sempre a mesma, saldar a dívida que o País tinha para com bancos americanos.

Quando as tropas dos Estados Unidos se retiraram da ilha, o Secretário de estado estadunidense, Robert Lansing, justificou a prolongada e feroz ocupação militar explicando que “a raça negra é incapaz de se governar por si mesma, e possui uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização”. (EDUARDO

GALEANO, 2010, p.2).

A racialização foi a principal falácia que sustentou a colonização e ainda é a desculpa para um povo invadir o outro em nome de que uma determinada “raça” não é capaz de cuidar do planeta, do petróleo, da vegetação ou de si mesma.

Parte do que foi dito por Robert Lansing no século XX, ou seja, que a “raça” negra é incapaz de se governar por si mesma, é repetida em parte no século XXI e serve ao mesmo propósito, manter a ocupação militar no Haiti mantida pela ONU – Organização das Nações Unidas. Há treze anos o Haiti permanece sob intervenção militar “humanitária” e de “paz” em seu território.

O Haiti, o primeiro país da América Latina a ficar livre do colonizador, ainda paga um preço muito alto por sua ousadia.

Em um trecho do poema canção *Haiti Chérie* há uma referência ao haitiano que teve que deixar sua terra para poder compreendê-la melhor, o quanto sua terra é valiosa, e que a distância pode apreciar melhor sua nação, embalados pela saudade e o desejo de retornar ou mesmo de não ter partido.

Encontrei na literatura haitiana, através das palavras de Danticat (1999, p.17) o quanto *Haiti Chérie* significa para o povo haitiano, quando ela descreve o relato de um migrante haitiano que tem que abandonar forçadamente seu país devido a perseguição política e enfrenta o mar em um pequeno barco junto com mais algumas pessoas:

“Querido Haití, no hay otro lugar como tú. Tuve que dejarte antes de poder entenderte, algunas de las mujeres lloran. A veces, quisiera detener la canción y ponerme a llorar yo también. Para esconder las lágrimas simulo tener náuseas, por el olor del mar. Ahora ya no canto nunca con ellos”.

Haiti Chérie, querido Haiti, faz parte de sua bagagem, no barco que enfrenta o mar para chegar em algum porto ou no auditório da Universidade que os recebe como alunos. O ele entre todos eles, existe, mesmo que nossos olhares e ouvidos não enxerguem ou ouça.

Mas, o retorno ao país natal nem sempre é doce e feliz; nem todos vão conseguir retornar ao mesmo país que deixaram para traz, os que retornarem talvez não sejam mais os mesmos, nem tão pouco os que lá ficaram, não se pisa no mesmo rio duas vezes. *Haiti Chérie*, tocado e cantado pelos haitianos foi a apresentação de um grupo, que mesmo sem ensaiar e ou combinar previamente algo, foram capazes de no

improviso, tirar do fundo de seus seres uma das performances mais significativas que poderiam ter: serem eles mesmos.

Segundo RICHARD SCHECHNER (2006, p. 2) “ No século XXI, as Pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes”; os estudantes inseridos duplamente no contexto taxativo do século XXI, primeiramente como problema, migrantes e, em um segundo momento capazes de através de uma performance magistral terem seus “comportamentos restaurados”. O conceito de comportamentos restaurados,

“Vem a ser as performances ao marcarem identidades, dobrarem o tempo, remodulam e adornam o corpo e contam histórias de arte, rituais, ou da própria vida cotidiana” (SCHECHNER, 2006, p.2).

Schechner ressalta que este tipo de performance envolve treino, mas se pode ressaltar que no caso dos estudantes haitianos deste ensaio se encarregou a vida, anos e anos de práticas culturais advindas dos ancestrais que talvez estejam inseridas no próprio dna de todo haitiano. Uma pratica que conta uma história de sofrimento, mas também de lutas e glórias, visto que a performance é uma construção social, portanto também real.

Na etimologia da palavra, “performance”, deriva do francês “parfournir”, que significa completar e ou realizar completamente. A performance funciona como uma episteme, um modo de conhecer. (Taylor, 2013, p.17). Os haitianos, através de suas performances se apresentaram para todos nós, e nos permitiram que os conhecêssemos.

3.3 – Pós *Haiti Chérie*: vida cotidiana

As palavras do Embaixador do Haiti, Madsen Cherubin, ao lembrar que muitos haitianos migraram para o Brasil em busca de trabalho e de uma vida melhor para eles e suas respectivas famílias, mas não conseguiram chegar a uma universidade, chamam a atenção para o fato que a grande maioria do migrante haitiano empreendia uma busca constante dentro do estado brasileiro, por um lugar onde tivesse trabalho e moradia.

Após a cerimônia de boas-vindas aos alunos haitianos na Unila, passada a emoção, veio a realidade do dia a dia ao grupo, a comunidade acadêmica e a

sociedade de Foz do Iguaçu. Alguns alunos não vieram sozinhos, vieram acompanhados de cônjuges e até mesmo filhos. Além da bolsa de estudo se faz necessário conseguir trabalho para poder manter a família.

Cedric Felix²⁷, não chegou sozinho, junto com ele na plateia estava sua namorada grávida de seis meses. A pousada para onde foram à noite, receberia outros compatriotas no decorrer dos dias subsequentes. Cedric já tinha chegado ao Brasil há cinco meses e com auxílio da ONG paulista Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes) aprendeu algumas palavras em português e recebeu o incentivo para chegar até a Unila.

Cedric chegou ao Brasil via Brasiléia, à cidade brasileira no estado do Acre que mais recebe migrantes haitianos devido à rota efetuada por eles. Ao sair do Haiti viajou até a vizinha República Dominicana de onde a duras penas conseguiu chegar de barco até o Ecuador; do Ecuador via terrestre foi até o Peru, mais precisamente a cidade de Cusco, o local onde uma nota de vinte dólares pode fazer toda a diferença, e de Cusco até a cidade acreana de Brasiléia, já em território brasileiro.

A rota não é simples e segundo o Serviço Jesuíta a Refugiados para América Latina e Caribe (SJR LAC)²⁸ existem duas redes de tráfegos de pessoas que operam no Haiti e cobram em dólares para trazer as pessoas até o Brasil ou levar aos Estados Unidos com promessas de trabalho e estudo, mas os abandonam em alguma parte do caminho, geralmente após chegar ao Ecuador.

O migrante haitiano que chega a Unila traz o peso da caminhada, do sofrimento, as agruras da natureza, a fome de um país, mas ele existe e se faz visível. E cabe nesse momento lembrar uma frase de um poema do poeta Derek Walcott, considerado o Homero do Caribe e prêmio Nobel de literatura em 1992: "...eles, os haitianos, chegam, mas, não vem sozinhos, trazem um pouco do francês, do negro, do índio taino dentro de si, ou eles nada são, ou são uma nação". (Derek Walcott, 1992)

No decorrer dos meses os membros da nação haitiana foram se adaptando a nova realidade da vida universitária. No campus da universidade inicialmente andavam sempre em grupos. No refeitório sentavam-se juntos na parte cuja comida tinha o valor mais barato, o chamado prato feito. Isso devido ao valor que recebem para alimentação ser um valor considerado, por eles, baixo para sobrevivência. A bolsa alimentação é de

²⁷ Nome e sobrenome fictício. Solicitou não ter o verdadeiro nome revelado.

²⁸ Endereço eletrônico (SJR LAC, 2011, p.3)

R\$ 300,00 (trezentos reais) mês, sendo que é o mesmo valor para moradia para àqueles que inicialmente não estavam nas moradias disponibilizadas pela universidade.

A paisagem do campus aos poucos foi mudando. Primeiro foi adquirindo um colorido diferente, os rostos, as faces negras que ainda eram quase inexistentes no campus começaram a ficar familiares. Segundo as cores alegres das roupas, camisetas com a bandeira do Haiti e as cores do Haiti começaram a colocar o país caribenho, não só na retina de todos, mas na geografia do dia a dia.

Terceiro, os sorrisos nas faces negras aos poucos começaram a mostrar a alegria tão presente no povo haitiano e ao mesmo tempo tão contagiante. Faces negras, dentes alvos, sorrisos em preto e branco.

Por último, o som de suas vozes!

No dia a dia, eles foram mostrando, aos poucos, suas culturas, seu nacionalismo, seu amor pela bandeira haitiana, por seu país, por suas raízes. Os homens são a grande maioria perante as mulheres haitianas. Os números da migração mostram que são mais homens que mulheres que ousam sair em busca do novo em suas vidas.

3.3.1 – Arquivos Históricos: Ideais de Liberdade

Seus ancestrais foram trazidos para a América Latina a força, escravizados, o migrante nu. Agora, eles migram para um novo país e trazem junto uma história ancestral muito antiga e praticamente desconhecida da grande maioria do povo brasileiro.

Ao andar pelos corredores da universidade, cada um dos estudantes haitianos personifica a história viva dos Jacobinos negros, a resistência, a força para lutar por seus ideais e a ancestralidade que os acompanha a cada respirar. A ancestralidade que sustentou a economia do colonizador e diante das mazelas que sofria ousou dar um basta a escravidão e se tornar uma nação livre.

Embalados pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade oriundos da revolução francesa, em 1789, o alvorecer de uma nova era e já imbuídos pela crença da imortalidade que sua religiosidade – *Vodu* - facultava, principalmente ao líder Mackland, um dos primeiros escravizados a se opor a escravidão e tentar libertar os seus.

Mackandal planejou envenenar toda a água que os brancos bebiam na ilha e assim conquistar a liberdade de todos os negros, traído, torturado, condenado a morte, foi executado na fogueira. Todos os presentes viram quando Mackland agitou sua mão, disse algumas palavras desconhecidas (certamente advindas do vodu) e na presença de todos transformou-se em pássaro. Efetuou um voo sobre a cabeça dos presentes antes de unir-se a onda negra da massa de escravos ali presente, um único grito se escutou na praça: Mackandal.

A semente de uma revolução que entraria para história acabava de nascer e a crença nos poderes mágicos e imortais fortaleceu o espírito e elevou a alto-estima que andava em baixa dos escravos negros.

Diante de toda de toda a América colonizada, metade da ilha Hispaniola, a terra da São Domingos, ergue a cabeça em busca de um resgate do passado taino, Haiti começa a nascer. Se a revolução francesa pregava liberdade, igualdade e fraternidade, isso deveria valer para todos, inclusive para as colônias francesas nas ilhas.

Assim surge diante dos olhares do mundo inteiro o *Espártaco Negro*, também chamado de *Napoleão Negro*. De escravo a líder geral da revolução, Toussaint L'Ouverture, tal qual Espártaco, comanda um exército de escravos em uma luta que foi muito além do que a busca pela liberdade, foi a luta pela dignidade de se considerarem seres verdadeiramente humanos.

Em um primeiro momento, Toussaint vence as tropas de Napoleão Bonaparte e governa Haiti até 1802 quando é capturado e levado prisioneiro para França, onde vem a morrer de frio na prisão. Não viveu para ver seu companheiro Jean-Jacques Dessalines continuar a luta e em 1804 proclamar a independência de Santo Domingo do julgo francês e restabelecer o nome Taino novamente ao lugar: nasce Haiti!

A primeira colônia latino-americana a conseguir a independência, a segunda no continente Americano, os Estados Unidos haviam conseguido a independência anteriormente, mas ainda mantinham a escravidão negra. Haiti foi a primeira colônia latino-americana a abolir a escravidão e com sua maioria composta de negros que foram escravizados a se tornar independente do julgo francês, um fato que por si só já caracteriza o real maravilhoso de que mais tarde falaria Alejo Carpentier.

“Pero qué es la historia de América toda sino crónica de lo real maravilloso?” (CARPENTIER, 2011, p. 14)

Europa se une, quando a França é derrotada pelos Jacobinos negros e não reconhece a independência de Haiti, aos olhos dos europeus era um ultraje existir uma nação negra, governada por ex-escravos o que colocava em risco todo o sistema escravocrata vigente nas colônias europeias. E mais ainda, a derrota das tropas francesas para os negros haitianos era a derrota da “raça” branca, europeia e falaciosamente considerada superior.

França não contente com a derrota, ergue um bloqueio à ilha caribenha, tal qual o bloqueio que ainda nos dias de hoje, Estados Unidos realiza a ilha de Cuba. Um bloqueio que coloca o Haiti em uma profunda solidão, pois não pode comprar nada de ninguém, muito menos vender. Nem mesmo aqueles ditos heróis latino-americanos, que foram inspirados e socorridos pelos haitianos na hora que mais precisaram, reconheceram a independência do país e ainda viraram às costas como se nunca tivessem sido ajudados pelos negros caribenhos:

“Nem mesmo Simon Bolívar, que soube ser tão valente, teve a coragem de assinar o reconhecimento diplomático do país negro. Bolívar só poderia ter reiniciado sua luta pela independência americana, quando já havia sido derrotado pela Espanha, graças ao apoio do Haiti. O governo haitiano lhe havia entregado sete navios, muitas armas e soldados, com a única condição que Bolívar libertasse os escravos, uma ideia que ao Libertador não lhe passava pela cabeça. Após as vitórias, quando já governava a grande Colômbia, Bolívar, deu as costas ao país que o havia salvo. E quando convocou as nações americanas para a reunião no Panamá, não convidou o Haiti, mas sim a Inglaterra” (GALEANO, 2010)

Como se não bastasse o bloqueio, os demais países europeus deram apoio e, França cobra de Haiti uma dívida por “*Danos de Guerra*”.²⁹ Uma dívida no valor de 150 milhões de francos em ouro; uma dívida que vai impulsionar o empobrecimento do Haiti, e que podemos afirmar ser como o início de uma crise que persiste até os dias de hoje.

²⁹ Danos de Guerra (<https://www.youtube.com/watch?v=bDlrJw3hX4Y>)

Foto 6 – Embaixador do Haiti, Madsen Cherubin, na Solenidade de recepção dos alunos haitianos na Unila. Em 4/3/2015 – Auditório César Lattes



“Pati pas di ou rivé pou ça”³⁰

³⁰ Ditado haitiano que traduzido significa: “Partir não quer dizer que você chegou”

3.4 – Rastros / Resíduos

A barreira da língua foi a primeira dificuldade encontrada pelos estudantes haitianos na Unila. Ao longo do tempo fui colhendo informações de como estavam se adaptando a universidade e a cidade.

Poucos dos que aqui chegaram tinham o domínio do português, para grande maioria a barreira da língua dificultou até mesmo o entendimento das disciplinas que eram ministradas. A Unila colocou cursos de português a disposição dos recém-chegados, mas até o processo de entendimento começar a funcionar demorou um semestre ou até mais do que um para muitos deles.

A Unila é uma universidade cujo ensino é bilíngue, ou seja, português e espanhol, e ela tem como meta, ter cinquenta por cento de seus alunos hispanohablantes e os outro cinquenta por cento de brasileiros.

A comunidade hispanohablante chegou há mais tempo e aos poucos foram conquistando seus espaços na universidade e na cidade. Na poliédrica Foz do Iguaçu, fronteira com dois países de fala hispânica foi mais fácil a adaptação, para os alunos. Já a cidade o tempo de adaptação ainda está em processo.

Já o haitiano tem dois idiomas oficiais em seu país, o créole e o francês. Alguns falam o espanhol pela proximidade com a vizinha República Dominicana. O francês é o idioma herdado do colonizador e o créole é o idioma que nasceu como forma de resistência ao colonizador.

Na mudança da paisagem universitária o som de suas vozes foi o último detalhe a começar a aparecer. Demorou a ser escutado, embora andassem em grupos, conversavam em baixo tom e aos poucos o potenciômetro de seus diafragmas foi ampliando suas vozes, e o créole e o frances se fizeram ouvir em alto e bom som.

O português, este ainda está em processo de aprendizagem, mas já perturba o créole e o frances, não um perturbar no sentido de criar desordem, mas de alterar, de modificar a própria existência no tempo e espaço desse migrante portador de duas línguas: o francês e o créole.

Glissant (2013) afirma que o migrante nu se recompôs através do que ele chamou de *rastro / resíduo*, ou seja, o que conseguiram reter e trazer na memória, cantos, histórias, o dia a dia familiar. Ao reter estas memórias e outras mais, pode através destes resíduos criar um novo rastro. Glissant pressupõe que:

“O pensamento do rastro / resíduo me parece construir uma dimensão nova daquilo que é necessário opormos, na situação atual do mundo, ao que chamo de pensamento de sistema ou sistemas de pensamentos” (GLISSANT, 2013, p. 19)

Para Glissant o rastro/resíduo foi capaz de recompor uma língua que ao longo do tempo passou a ser válida para todos. Criou algo imprevisível a partir unicamente dos pensamentos do rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de artes válidas. (Glissant, 2013, p. 18)

O créole seria então uma estratégia criada como forma de resistência ao colonizador, assim como mantinham vivos na mente os costumes dos ancestrais e que posteriormente foram reconstruídos sob a forma de sincretismo, o vodu é um exemplo disso.

A mistura do espanhol, francês, línguas e dialetos africanos e para alguns estudiosos, influência do árabe, dão origem ao créole. Cabe ressaltar que a África na época da colonização possuía mais de 1500 línguas diferentes.

“El vudú y el créole son formas de cimarronaje religioso y lingüístico. Los dos se caracterizan por su interculturalidad, se refieren a la vez a las culturas europeas, africanas y prehispánicas”. (GLODEL MEZILAS, 2011, p.140)

Mezilas (2011) ainda chama atenção que tanto o vodu quanto o créole são formas de luta frente as grandes potencias da época. Na cerimônia de *Bois Caíman*³¹ em 1791, antes da luta pela independência do Haiti, os escravizados, os Jacobinos Negros invocaram a proteção dos deuses vodus e toda a cerimônia foi realizada em créole.

“O créole é uma criação muito singular, uma língua nacional criada por haitianos só para o Haiti” (HENRY LOUIS GATES JR, 2011, p.127)

O francês como já foi colocado é a língua do poder, das tomadas de decisões.

As camadas mais pobres do Haiti não dominam a língua francesa e sim o créole. Segundo Jr Gates: “o notável é que somente em 1987, durante o governo de

³¹ *Bois Caíman* é assim chamado o local da cerimônia vodu onde foi planejada a primeira insurreição de escravos que culminou na Revolução dos Jacobinos Negros Haitianos em 14 de agosto de 1791. A revolta acontece sobre a proteção dos Deuses Africanos.

Jean-Bertrand Aristide, as autoridades haitianas admitiram conceder ao créole a condição de língua oficial, ao lado do francês”.

No ambiente acadêmico parece se repetir a resistência dos Jacobinos Negros, os haitianos na sua maioria, andavam em grupo, almoçavam em grupo e conversavam em créole, como se sentissem seguros e certos de que ninguém mais que um haitiano entenderia o que estavam conversando. Se falassem o francês já seriam entendidos por muitos colegas e professores que dominavam este idioma, mas o créole não, este no começo era seu porto seguro e também com o passar do tempo pude entender melhor, o elo que tinham com suas casas, com o Haiti, com a língua da mãe pátria.

O escritor Jr Gates relata que em uma viagem ao Haiti um grupo de estudantes cantou uma canção para que ele escutasse e entendesse a importância da língua créole para o Haitiano:

“Créole, ô, falamos créole, entendemos o créole. Créole, ô, falamos créole, entendemos o créole. A língua de minha mãe. O créole, ô, é a pátria.” (JR GATES, 2011, p. 127)

Isso ficou bem mais claro, um ano depois da chegada dos haitianos na Unila, mais precisamente no dia da bandeira do Haiti, 18 de maio, já mais entrosados entre si e com a comunidade acadêmica, os estudantes haitianos comemoraram o dia da bandeira do Haiti, uma data extremamente significativa para todo povo haitiano, inclusive um dia de feriado no Haiti.

Glissant (2013) acrescenta nessa relação entre o colonizador e o colonizado, no campo da língua, que mesmo sendo o francês a língua dominante e o créole a dominada, entre elas existem uma solidariedade, a ponto de uma dominar a outra, e que se precisou de muito tempo para perceber este fato.

O rastro / resíduo falado por Glissant não tem mais somente a conotação de memória, o migrante agora está conectado através das redes sociais, das telecomunicações e pode manter viva a cultura de seu povo. Mas, a dimensão nova que este rastro/resíduo propõe é um fato, pois a interação aos poucos foi acontecendo com a comunidade acadêmica a ponto de que a influência haitiana chega à, na literatura, na comida, nos cabelos e a troca com os demais estudantes brasileiros e hispanohablantes responde a pergunta efetuada na introdução desta dissertação, ou seja, sim é possível que os estudantes caribenhos se integrem na universidade da integração latino-americana, mas não se trata ou se tratou de algo fácil, pois a

percentagem de baixas, alunos desistentes, pode ser considerada um fator a ser pensado.

3.5 – Resiliência e Criatividade Luminosa

No dia 4 de março de 2015, ingressaram na Unila, através do programa pró-Haiti 83 alunos haitianos. Segundo dados da própria Unila, em janeiro de 2018, dois anos e 10 meses depois, existem 57 alunos haitianos matriculados na Universidade, 26 alunos há menos do total que adentraram, perfazendo 31,4% de desistência e ou trancamento de matrículas. Os motivos são vários, mas estão intimamente ligados a falta de dinheiro, tanto para suas sobrevivências na cidade de Foz, a barreira do idioma e também a pressão familiar para que algum dinheiro seja enviado para o Haiti, trabalho!

Conversei com alguns alunos desistentes que deixaram a Universidade e a cidade. As causas foram sempre as mesmas descritas anteriormente.

Entre alguns depoimentos que obtive, o **aluno “A”**³², quando ainda estava estudando da Unila, declarou:

*“...muitos desistiram porque os nossos gloriosos auxílios ou as assistências de moradia, de alimentação e de transporte da nossa famosa PRAE, tem um prazo. Por exemplo eu, quando o componente curricular oferece 8 matérias em um semestre, não tem condição para eu matricular em todas por problema de língua porque preciso tempo para estudar, mesmo em número reduzido acontece que eu reprovoo em pelo menos uma em cada semestre. Ciente, eu estou atrasado de um ano e meio ainda em relação “ao matriz curricular” do curso, e isto não sei quanto mais vou reprovar mais pra frente. Eu estou lutando, fazendo tudo de mim para chegar até o final dos estudos, até ser formado. O prazo do meu curso é de 5 anos, depois desse tempo pode continuar a estudar mas sem auxílios da Prae. A maioria de nós tem dependência exclusiva disto. A maioria de nós já está preocupada disso. Pensando nisso, como não desistir?”*³³

³² Alunos solicitaram anonimato de seu nome.

³³ Transcrito tal qual me foi relatado pelo entrevistado.

O aluno “B” disse:

“...escolhi a Unila pela filosofia a proposta que para mim naquele momento parecia ótima, bacana e legal, na realidade to vivendo coisas boas e também coisas que não esperava. Entendo que a Universidade é nova, porém quem deve construir somos nós, estudantes de vários lugares na América Latina, mas a convivência não é 100% boa entre eles, inclusive conosco que são do Haiti, o motivo é que a faculdade tem como idioma oficial espanhol e português, porém o francês está fora. Entendo perfeitamente esse lado, porém o problema que enfrentamos é as vezes julgados pelo simples fato que falamos crioulo ou francês dentro do território da faculdade, enquanto outras pessoas hispanohablantes falam o brasileiro livremente. O mais engraçado nessa história pelo fato de sermos plurilíngue, a maioria dos haitianos as vezes falamos inglês e ninguém se sente frustrado ou sei lá, incomodado. Porque se falamos inglês eles aceitam? E quando falamos crioulo ou francês eles acham que estamos xingando eles ou até discriminando, etc. Eles não conhecem nossa cultura, porém sempre nos chamam de racista, xenofobia e sempre diziam que os haitianos são preconceituosos...”

Após o processo turbulento de mudança de governo no Brasil, com a “saída” da Presidente Dilma Rousseff, agosto de 2016, e a entrada de Michael Temer, aconteceram atrasos nos pagamentos das bolsas auxílios, valores baixos e ainda com atraso, dificultaram a vida de muitos destes estudantes, sem falar no fator político, xenófobo e racista que culminou com a troca de governo, dividindo os próprios brasileiros entre aqueles que eram a favor do governo vigente e os contrários, vindo acarretar em uma perseguição por parte da sociedade aos migrantes no Brasil, principalmente os haitianos que migraram para o país através de um visto humanitário concedido pelo governo Lula / Dilma.

Um aluno haitiano, Getho Mondesi, foi agredido fisicamente na cidade de Foz do Iguaçu e além das agressões físicas foi xingado com ofensas racistas, xenófobas e acusado de somente estar no Brasil devido ao visto humanitário concedido pelo governo petista. A agressão ao estudante Getho foi notícia nos principais meios de imprensa do país e antes mesmo de toda a solidariedade prestada ao estudante, o fato chamou a atenção primeiramente em três pontos:

1. A população da Intercultural Foz do Iguaçu ficou sabendo que havia estudantes haitianos na Unila e que eles e elas faziam parte da comunidade na condição de estudantes de uma universidade federal;

2. Que nem todos os negros “diferentes” e ou “não conhecidos” na cidade, faziam parte dos vendedores de muambas que haviam se instalado na avenida Brasil, a principal rua da cidade. Devido ao fato que um grupo de migrantes senegaleses ter chegado a cidade e faziam parte da economia informal, como vendedores ambulantes;

3. A reação da comunidade de Foz do Iguaçu e suas principais autoridades foi imediata em dizer que Foz não era e nem nunca foi uma cidade racista e ou xenófoba. E que a agressão ao estudante se tratava de um fato isolado.

A Presidente Dilma Rousseff, à época afastada de suas funções pelo prazo de 180 dias, se manifestou nas redes sociais, dizendo:

“Presto minha solidariedade ao estudante haitiano Getho Mondesir, covardemente agredido em Foz do Iguaçu na noite de sábado. Chamado de macaco, foi acusado de estar no país por causa dos governos petistas. De acordo com seus agressores, agora ele teria que ir embora. Getho cursa Administração na Unila (Universidade Federal de Integração Latino-Americana), criada pelo ex-presidente Lula em 2010. O estudante é mais uma vítima do racismo, da xenofobia e da intolerância política, que devemos combater diuturnamente. Não podemos permitir que o Brasil se torne um País de ódio e intolerância. Espero que o caso seja investigado e os culpados punidos.”

Desconheço o relatório final sobre o caso Getho, se foram encontrados os culpados, se alguém foi punido e ou se os fatos foram realmente apurados. Passado o momento de comoção, tanto a imprensa quanto a população da cidade voltaram aos assuntos normais do dia a dia.

A intercultural Foz do Iguaçu acrescentou na sua lista, advinda quase sempre da Polícia Federal, de que mais uma etnia poderia ser somada, falada, cantada e decantada como fazendo parte do discurso da cidade, muito comum em solenidades políticas e de cunho turísticas: a haitiana!

Os haitianos, os senegaleses e mais recentemente os ganeses continuam, para a maior parte da população fazendo parte do mesmo segmento, ou seja, migrantes haitianos.

A agressão ao estudante haitiano da Unila, Getho, pode ser vista como um caso isolado na intercultural Foz do Iguaçu, mas as agressões de falta de políticas públicas e de integração das culturas persistiram.

A comunidade estudantil haitiana se reuniu novamente nas dependências da Unila, desta vez no auditório Martina Piazza, no Jardim Universitário para prestar solidariedade e protestar com as agressões ao compatriota Getho. Mas, as vozes haitianas, aquelas que foram as últimas a surgirem nas dependências da universidade, agora se fizeram ouvir em alto e bom som e não se limitaram apenas a protestarem contra o que ocorreu, mas também a falarem do que estavam sentindo, do que estavam vendo e ouvindo nesse tempo na cidade Intercultural. Unidos, juntos demonstravam coragem, os mais articulados no idioma se expressaram mais, mas seus rostos aparentavam medo.

Glissant (2013) denominou que este choque, esse entrelaçamento e as repulsas as atrações, as conviências, as oposições e os conflitos entre as culturas dos povos como caos-mundo. Analisa ainda que esse chamado por ele de caos-mundo se deve ao fator de que as influências ou as repercussões das culturas umas sobre as outras são imediatas e como tal sentidas

Resiliência, termo que segundo o dicionário Houaiss, entre outras acepções trata-se de capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar a má sorte ou às mudanças.

Para a escritora haitiana Yanick Lahens todo o caos do mundo e o choque das culturas com o caos-mundo de Glissant se uniram em uma única coisa e se voltaram a testar no dia a dia e sempre o povo haitiano na forma de sofrimento. Mas a resiliência se faz presente também neste dia a dia transformando o povo haitiano, ainda que sofrido, em um povo resiliente e capaz de recomeçar sempre. “O Haiti fornece outra medida essencial do mundo, a da criatividade. Porque nós também forjamos nossa resistência ao pior na constante metamorfose da dor em criatividade luminosa.” (Lahens, 2012, p. 63)

A criatividade luminosa de que fala Lahens, analisada pela própria autora, pode ser definida como a transformação da energia vital, aquela que nasce com o sofrimento, com a pobreza e todos os dias mede os limites humanos. Nessa lógica de pensamento que eles seguem a luta do se reinventar todos os dias e os estudantes haitianos na Unila não são diferentes.

Apesar do medo em seus olhares, com o passar do tempo suas vozes vão se tornando mais sonoras e a criatividade luminosa mostra muito mais do que somente o sofrimento. Suas vozes trazem através das histórias ancestrais conhecimentos e crenças que talvez possam explicar a origem da resiliência que se permuta com seu DNA. Resiliência essa que se permuta com o que Lahens chama de criatividade luminosa, partes diferentes de uma mesma composição.

CAPITULO IV – LITERATURA NACIONAL E TRANSNACIONAL NO SÉCULO XX

“A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão e a mutilação espiritual.”

(ANTONIO CANDIDO, 2011, p. 188)

“La literatura como fenómeno social evoluciona con la realidad histórica y política de toda sociedad.” (GLODEL MEZILAS, 2011, p.143)

“Como dar à literatura sua parte e sua parte mais bela? Diante da desgraça, como fazer literatura? A literatura aponta o pesadelo em seus esconderijos mais longínquos e ao mesmo tempo indica a via de escape.”

(YANICK LAHENS, 2012, p. 59)

Os alunos haitianos na Unila trouxeram uma outra visão a fronteira tri nacional, juntamente com uma fricção salutar para a sociedade acadêmica e a sociedade como um todo. Na bagagem muito a ser dividido e uma história a ser compartilhada e em certos momentos também a ser aprendida, pois tal como dia a canção *Haiti Chéri*, foi preciso sair do Haiti para melhor o compreender.

4.1 – Rasanbleman: Encontro com as culturas do Haiti

O projeto recebeu o nome de “*RASANBLEMAN: encontros com as culturas do Haiti*”. O projeto foi criado “como tentativa de contribuir para o desenvolvimento de políticas de acolhimento linguísticas, culturais, sociais e acadêmicas para as comunidades migrantes haitianas. O projeto propõe uma série de dezoito oficinas temáticas acerca de questões culturais sobre o Haiti. A ideia do projeto é construir espaços heterogêneos de circulação de saberes intra e interculturais a partir do exercício dialógico e de alteridade. A abertura de tais espaços é importante para promover o conhecimento, descolonizado e destituído de preconceitos, sobre as

culturas do outro, no caso especial, dos migrantes haitianos em interlocução com as demais comunidades da região”³⁴

Eis, Glissant novamente com seu pensamento de rastro / resíduo. Eles, estudantes migrantes se reagrupam e tentam reconstruir um pensamento e materializá-lo através de um projeto que reunisse as culturas que conheciam e ou estavam familiarizados.

A palavra *Rassembleman* que nomeia o projeto deriva do francês *Rassemblement*, que tem a mesma definição quando escrita em créole *Rassembleman*, ou seja, “concentração, agrupamento, reunião, captação”. (WORDREFERENCE)³⁵. Esse era o objetivo primeiro do projeto, obter uma concentração, uma reunião de pessoas para que pudessem apresentar sua cultura, apresentar seu país, se apresentar para comunidade acadêmica em um primeiro momento e mostrar que junto com eles existia uma história, um passado, um povo, um país.

A escolha do nome *Rassembleman* não foi por um simples acaso, pois este era o nome que os escravos, os Jacobinos Negros, davam as assembleias que faziam para organizar as revoltas na época da grande revolução.

4.1.1 – Arquivos Históricos: Lanbis

Faziam essas reuniões ao som de um instrumento chamado *lanbi*, uma concha do mar que era ao mesmo tempo alimento para o corpo e para o espírito.

Após retirarem o alimento do interior da concha a usavam como instrumento de guerra. Ao soprarem as conchas, *lanbis*, o som produzido era grave e forte e servia como sinal para convocar as reuniões que culminaram com a criação da primeira república negra.

³⁴ <https://sig.unila.edu.br/sigaa/public/extensao/viewDadosCursoEvento.jsf>

³⁵ <http://www.wordreference.com/fres/assemblement>

Foto nº 7 – Lanbi - Marcha contra a Monsanto no Haiti

– 04/06/2010



Foto by Thalles Gomes

“Foi ao som dos lanbis que se levou a cabo a primeira revolução vitoriosa de escravos que se tem notícia na história da humanidade. O ruído grave e oco do lanbi foi o prenuncio da libertação das Américas” (THALLES GOMES, 2010)

No mês de julho de 2010, aproximadamente seis meses após o terremoto, os lanbis fizeram parte da performance de reivindicações haitianas, um dos símbolos da revolução haitiana se fez escutar em alto e bom som nas ruas devastadas e em ruínas do Haiti.

A empresa Monsanto fez uma doação de 475 toneladas de milho transgênico para o Haiti. Apesar da fome, das mortes ocasionadas pelo terremoto, os camponeses haitianos efetuaram uma marcha ao som dos *lanbis*. O chamamento dos ancestrais, através do som dos *lanbis* se fez escutar por toda a ilha em repúdio a doação da empresa Monsanto.

Segundo Gomes (2010), “eles vinham de todos os confins do país e gritavam em unísono:

“...abaixo a Monsanto. Abaixo as sementes transgênicas e híbridas. Viva as sementes nativas crioulas””.

No banner confeccionado para chamar atenção da comunidade acadêmica sobre o projeto *Rasanbleman* os estudantes haitianos escreveram que:

“Trazida ao atual contexto migratório haitiano no Brasil, esta palavra pode significar o chamado à luta pela irmandade e bem comum. O projeto se configura a partir de ações de promoção do conhecimento cultural sobre o Haiti por meio de oficinas ministradas por estudantes haitianos e destinadas ao público acadêmico e à comunidade em geral”.

Irmandade e bem comum. O haitiano no Brasil em sua maioria não foi recebido como irmão, conforme aumentava o número de haitianos adentrando no Brasil, mais se escutava notícias de atos de repúdio e de racismo contra eles. Bem comum? Difícil de se falar em bem comum, quando se desconhece a existência do outro.

A primeira reunião do projeto aconteceu no mês de junho de 2016, mais de um ano após a chegada dos haitianos na Unila. Participei do projeto, pois era uma forma de conhecer mais a cultura haitiana, desta vez, pela ótica dos próprios haitianos, quem poderia conhecer melhor do que eles a sua própria cultura, e a cultura do país de onde vieram?

A resposta a essa pergunta já me havia sido dada há algum tempo, bem antes, em um almoço com um grupo de colegas haitianos, quando um deles falou: *“somos do Haiti, mas não somos iguais! Alguns são da capital, outros são do campo”*. Aquele *“outros são do campo”*, tinha uma sonoridade diferente, me passou a impressão que estes estavam em um nível inferior em relação ao conhecimento e até mesmo a posição social.

A diferença ao longo do tempo se mostrou real. E bem mais complexa. Não é porque todos eram “vitimas” da mesma diáspora, e tinham na sua maioria a mesma cor de pele que seriam iguais em tudo. Havia um preconceito, religioso, cultural e até mesmo “racial”.

Alguns se destacaram mais do que outros, nem todos participaram do projeto *Rasanbleman*, embora o projeto tivesse a supervisão de um professor da Unila. A

primeira reunião do projeto teve um grande número de participantes, mas a maioria era de haitianos que começaram a mostrar sua cultura através da literatura.

4.2 – Literatura Haitiana na visão do estudante migrante

O Embaixador brasileiro, José Vicente de Sá Pimentel, fez a tradução para o português do livro “*Falhas*”, da autora haitiana Yanick Lahens; o livro está à disposição de maneira gratuita na página do Ministério de Relações Exteriores do Brasil.

O livro descreve os momentos anteriores e posteriores ao terremoto de 2010 que assolou o país caribenho. Lahens diz que a literatura também tem o dom de apontar a saída, a via de escape, e tem sido através da literatura e dos autores, na grande maioria haitianos que o Haiti tem sido mostrado ao mundo com todo o seu real maravilhoso.

Diante das desgraças, existe um povo cujo poder de resiliência impressiona muito, mesmo diante da dor em retratar o que se passa no Haiti, eles continuam escrevendo histórias comoventes e ao mesmo tempo inspiradoras para continuarem resistindo e acreditando que é possível, um dia, quem sabe mudarem as condições em que vivem e assim contarem as histórias com o verbo conjugado no passado e não em um presente tão desumano e degradante.

Os estudantes haitianos começaram a primeira oficina de literatura falando de seus autores mais famosos, ou melhor dizendo, nos autores que eles pesquisaram ser os de maior expressão no Haiti. Autores como Jacques Roumain, Jacques Stephen Aléxis, Dany Laferrière e René Depestre.

Dany Laferrière é um dos autores que tem a popularidade alta entre os haitianos, devido ao fato de ter sido escolhido para fazer parte da Academia Francesa de Letras no ano de 2013. Dany Laferrière vive no Canadá, escreve seus livros em francês, é também jornalista e roteirista.

Inicialmente assumi a posição de aluno, aprendiz de uma literatura que cujo contato há muito pouco tempo estava sendo estabelecido por mim.

Mas, já no começo, quando da apresentação de quais autores seriam analisados e estudados, senti falta dos que eu estava lendo, que já havia lido e que a meu ver eram belíssimos.

Os autores apresentados pelos haitianos eram de grande expressão, mas ao perguntar o porquê determinados autores haviam sido deixados de fora, as respostas foram evasivas, dissimuladas, desconhecimento da existência destes autores e até mesmo preconceituosas. Eis a palavra preconceito sendo usada novamente, um fantasma que assombra esse estudo e o entendimento da maneira de pensar dos Haitianos.

A oficina começou com uma apresentação em power point sobre cada um dos autores, escolhidos por eles, e a leitura de alguns trechos de suas obras e ou poemas que os próprios haitianos traduziram do francês e ou do créole, idiomas que estes autores costumam usar como oficiais para suas escritas.

Tanto para os professores coordenadores da oficina quanto para os haitianos bolsistas do projeto, existia a unanimidade de que a literatura haitiana era totalmente desconhecida no Brasil e quase não havia livros traduzidos para o português, com exceção de Dany Laferrière, que era conhecido não pelo livro escrito e traduzido para o português, mas pelo filme que hollywood fez a partir do livro: *como fazer amor com um negro sem se cansar*.

O filme é de 1989, o livro foi escrito em 1985 e teve sua tradução para o português no ano de 2012, mesmo ano que a Editora 34 lançou o livro no Brasil na FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, com a presença do autor, Dany Laferrière.

Percebi que Laferrière era uma espécie de ídolo entre os haitianos que estavam efetuando a apresentação, citaram o livro, mas não mostraram entendimento do mesmo, a maioria sabia da existência do livro, mas não o haviam lido. Fato constatado dias depois quando coloquei um exemplar do referido livro nas mãos de dois colegas haitianos que estavam na oficina, o que rendeu momentos de muitas risadas e felicidades por terem o livro em mãos, fotos foram tiradas e que ilustraram a rede social *facebook* dos mesmos. Percebi que o entendimento do livro para eles se limitava ao título do mesmo e isso lhes bastava.

O fato primeiro é que sim, a literatura haitiana ainda é totalmente desconhecida do brasileiro. Fato segundo é que sim, existe uma gama de livros de escritores haitianos traduzidos para o português e desconhecida da maioria dos brasileiros, alunos haitianos e professores da Universidade. Uma pesquisa simples na própria internet teria mostrado isso.

As leituras efetuadas e as apresentações sobre alguns autores não mostraram a importância da literatura para o Haiti, tanto no passado, quanto no presente, pelo menos pela minha ótica.

A ótica de um estudante e pesquisador brasileiro distante alguns quilômetros da realidade haitiana, mas ciente que alguns dos autores não mencionados na oficina eram valorizados, respeitados e premiados em vários países o que aumentava o conhecimento dos problemas do Haiti nestes países e atraía ajuda de vários segmentos em prol do Haiti.

A literatura haitiana, através de seus autores, tanto do passado quanto do presente, foi a primeira forma de denúncia dos sofrimentos do povo haitiano no mundo.

Tal como escreveu Yanick Lahens, mesmo sendo difícil fazer literatura diante das desgraças, eles ousaram fazer uma literatura bela e que apontou e continua apontar as vias de saídas para o Haiti.

Os estudantes haitianos presentes na oficina de literatura apresentam seus autores e obras sem ter a noção do todo, ou seja, o contexto em que tais autores efetuaram tal literatura e qual a fonte da mesma. Pensei inicialmente que era simplesmente por economia de tempo nas apresentações, mas com o passar do tempo percebi que o desconhecimento da importância da literatura haitiana fora do Haiti, imperava em muitos deles.

No começo do século XX, a partir de 1915, os negros estadunidenses começam a se voltar para a África e sua cultura e a valorizar o que vem do continente africano. Os escritores estadunidenses começam a escrever sobre a opressão que os negros vivem.

Alguns destes escritores começam a influenciar os escritores caribenhos não somente do Haiti, mas das ilhas próximas. Eles começam a se identificar com um movimento que dava voz e vez a “raça” e ao proletariado, os elementos africanos são resgatados, heróis são resgatados, a espiritualidade e a música contam as histórias que todos sabiam, mas não ousavam escrever.

Alain Locke e Du Bois são dois escritores estadunidenses que impulsionaram este movimento e alguns de seus escritos foram publicados pela *revista Indígena* no Haiti.

Mezilas (2011, p.152) afirma que o poeta estadunidense, Langston Hughes foi um dos escritores estadunidense que visitaram o Haiti durante este período, década de 1920, e que Langston dizia:

“Haiti es la cuna de la negritud”

Haiti pode sim ser considerado o berço da negritude, pois foi onde os primeiros escravos negros aportaram no continente americano, trazidos a força pelo colonizador. O poeta e escritor da Martinica, Aimé Césaire, foi o idealizador do conceito de negritude e grafou o termo pela primeira vez ao se referir ao Haiti, o país onde negros escravos saíram da utopia para a realidade de uma liberdade tão sonhada.

4.3 – Literatura haitiana e a negritude

Aimé Fernand David Césaire, considerado o poeta da negritude, disse que foi no Haiti, o lugar onde a negritude pela primeira vez se ergue, se coloca de pé e com confiança diz que pertence a única raça que existe no planeta: a raça humana!

Que Césaire cunhou a palavra negritude sobre inspiração do povo haitiano e dos acontecimentos proferidos pelos Jacobinos Negros, disso não se tem a menor dúvida. Já de o termo ter sido usado pelo poeta estadunidense na década de 1920, do século XX, paira uma dúvida, pois talvez a palavra usada tenha sido “negro” e não “negritude”.

Aimé Césaire, segundo ZILÁ BERND (1988, p.17) em 1934 criou um movimento na França, em Paris, que foi definido como “uma revolução na linguagem e na literatura e que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro, para dele extrair um sentido positivo”, movimento este que segundo Bernd “foi batizado com o nome de negritude em 1939, quando o termo é usado pela primeira vez em um trecho do *Cahier d’un Retour au Pays Natal (Caderno de um retorno ao país natal)*”.

Após pesquisa apurada constatei que o termo negritude cunhado por Césaire e de grande importância no que vai ser escrito nessa época no Haiti, foi escrito por Césaire pela primeira vez em 1935 e não 1939 como afirma Zilá Bernd. O termo aparece grafado pela primeira vez na edição nº 03, de maio – junho de 1935 do Journal mensal *L’étudiant Noir* (O Estudante Negro), que Césaire e outros estudantes negros caribenhos e africanos haviam fundado em Paris. Journal este de grande importância para a chamada literatura negra que nascia com força naquele momento e influenciou muitos intelectuais negros no mundo.

Mas, concordo com a Professora Zilá Bernd quando ela diz que:

“É interessante lembrar também que a palavra *négritude*, em francês, tem a força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para ofender o negro, uma vez que existe a palavra *noir*” (ZILA BERND, 1998, p. 17)

Bern, ainda chama atenção no sentido de ressaltar que os signos que nos exilam são os mesmos que nos constituem em nossa condição humana.

Cinquenta anos após mencionar o termo *négritude*, Césaire redefiniu o termo em uma entrevista ao escritor haitiano René Depestre, publicada no livro *Bonjour et adieu à la nègritude*³⁶:

“Tenho impressão de que (a *négritude*) foi, de algum modo, uma criação coletiva. Eu empreguei a palavra pela primeira vez, é verdade. Mas em nosso meio nós todos a empregávamos. Era verdadeiramente a resistência à política de assimilação” (BERND, 1988, p. 20)

Aimé Césaire, inspirado no Haiti vai ter papel importante no pensamento negro europeu e conseqüentemente latino americano. O período indigenista da literatura haitiana movimenta o Haiti e ultrapassa as fronteiras da ilha caribenha. O exemplo dos Jacobinos Negros serve de base para os escritores caribenhos mostrar que os negros escravizados existem e buscam um lugar ao sol.

4.4 – A Representação Estética de uma Literatura da Negritude

O escritor da Martinica, Frantz Fanon, em seu livro, *os Condenados da Terra* (1968), efetua uma análise dos autores colonizados e divide em três fases de autoria e produção literária que é produzida na e para a colônia, sendo que na primeira fase o intelectual da colônia quer sentir-se em pé de igualdade com o colonizador, ele assimila a cultura do colonizador e passa a tentar reproduzi-la como se fosse uma produção própria sem dar-se conta que não passa de uma imitação o que está a produzir e uma imitação de baixa qualidade. Fanon, chama esse de período assimilacionista.

³⁶ Bom dia e adeus a *négritude*.

Em uma segunda fase, o colonizado começa a dar-se conta do papel que até então vinha desenvolvendo, uma vez que sua produção não é aceita pela metrópole nem por seu próprio povo. Diante disso ele resolve recordar e retornar. Ele se volta para seu passado, para as histórias que escutou quando na infância. É o retorno ao país natal, a velha casa em que nasceu, as origens. Sua produção começa a ser em prol de sua gente e de suas origens.

A terceira fase é chamada de fase de combate. Faze em que o colonizado, após a imersão nas memórias e na oralidade, suas e de seu povo, vai ao encontro do povo e começa a tentar despertar o povo para uma realidade que o povo não percebe. É a chamada literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. Fanon, chama atenção que “..é nessa fase que nasce um grande número de homens e mulheres, que jamais haviam pensado em fazerem obra literária, agora que se vem colocados em situações excepcionais, na prisão, nas matas ou aguardando a execução, sentem a necessidade de falar de sua nação, de compor a frase que exprime o povo, de se fazer porta-voz de uma nova realidade em atos”. (FRANZ FANON, 1968, p. 185)

A primeira etapa descrita por Fanon caracteriza o começo literário do Caribe. Para Bader (WOLFGANG BADER, 2014, p. 96) os autores da camada dominante branca estabelecida no Caribe, que tem o monopólio da escrita até boa parte do século XIX, no começo fogem de sua pátria.

Fazia parte da tradição dos crioulos brancos educarem seus filhos na França. As biografias das primeiras gerações de escritores dos territórios do Caribe assemelham-se fortemente entre si. Esses autores muito cedo se instalaram permanentemente na França e inscrevem-se nas correntes literárias reinantes.

Bader afirma ainda que,

“A maioria negra até o fim do século XIX é muda, vive excluída das precárias possibilidades de educação local, exclusivamente com suas tradições orais. Literatura caribiana³⁷, isto é, literatura escrita por autores caribianos, sobre assuntos caribianos, é até o século XX, uma “literatura branca”, embora seus autores sejam às vezes de cor.” (BADER, 2014, p. 104)

³⁷ O autor emprega o termo “caribiana”, tanto para se referir a literatura do Caribe, bem como, para se referir aos autores do Caribe, que ele chama de “caribianos”; foi transcrito tal como escrito no referido artigo. Para efeito do trabalho em si, optei pelo uso do adjetivo “caribenho”, que segundo o Dicionário Aurélio significa: “De, ou pertencente ao Mar do Caribe e às ilhas ali situadas.”

A afirmação de Bader, “...embora seus autores sejam às vezes de cor”, caracteriza que no final do século XIX, já existiam autores não brancos na literatura do Caribe. Entenda-se “de cor” por autores negros, pardos, mestiços e todos que não tivessem a cor da pele branca. JOSÉ MARTI (1985, p.6), via todos os homens, como homens de cor e grafou isso no Manifesto de Montecristi, em 1895, quando denunciou a ameaça que a “raça” negra poderia sofrer em Cuba:

“Cubanos hay ya en Cuba de uno y outro color, olvidados para siempre – con la guerra emancipadora y el trabajo donde unidos se graduan del odio en que los pudo dividir la esclavitud” (JOSÉ MARTI, 1985, p. 6)

O escritor haitiano René Depestre, em seu artigo intitulado *Bom dia e adeus a negritude* (1980, p.19), caracterizava, José Martí, como o único grande espírito “branco” de seu tempo a participar concretamente do esforço de reavaliação do passado e da questão epidérmica.

Neste período, os autores “não brancos”, seguem o afirmado por Fanon, ou seja, fazem parte de uma literatura metropolitana, de um período assimilacionista.

Bader (2014) caracteriza o auge deste período no Caribe entre o final do século XIX e o começo dos anos 30, do século XX. Os autores introduzem o elemento “caribiano” através do desvio pelo cenário literário francês. Fogem da proximidade objetiva para um Caribe descrito do ponto de vista de um crescimento subjetivo, de um olhar de fora. Submetem seu fazer literário às formas poéticas francesas, e procuram cumprir as expectativas francesas. (BADER, 2014, p.108)

A maneira como Franz Fanon apresenta a literatura caribenha vai de encontro com as ideias do escritor haitiano, René Depestre, um dos primeiros escritores haitianos a ter suas obras traduzidas para o português, amigo do escritor brasileiro Jorge Amado, de quem recebeu o prefácio na edição brasileira de seu livro *O Pau de Sebo*, publicado em maio de 1983.

Depestre, (1980), também apresenta a literatura caribenha em três fases, em forma de um triângulo, a saber: “O Assimilacionismo Prosperiano, o Estetismo Aéreo de Ariel e o Calibanismo dos Intelectuais Antilhanos”.

O pensamento de Fanon e Depestre interligam as fases da literatura caribenha à Próspero, Ariel e Caliban. Mas, para que possamos compreender o pensamento destes dois intelectuais caribenhos e a maneira como nos apresentam as três fases da

literatura do Caribe, precisamos entender a representação estética e a identidade de Próspero, Ariel e Caliban.

4.4.1 – Arquivos Históricos: Shakespeare, Césarie e Una Tempestad

Para entender a comparação efetua por Fanon e Depestre, precisamos entender a representação estética e a identidade de Próspero, Ariel e Caliban. Para tanto, necessitamos interligar através e no tempo, William Shakespeare e Aimé Césaire, dois poetas de uma mesma poesia, dois dramaturgos em teatros diferentes, em tempos diferentes, tendo a vida como pano de fundo, e interligados por personagens tão distintos e ao mesmo tempo tão iguais, que poderiam ter saído de uma mesma cabeça pensante, separadas por mais de trezentos anos, um complementando o trabalho do outro, ou a mesma denuncia em tempos diferentes.

Um, branco, inglês, nascido em 1564 e considerado o maior escritor da Inglaterra e um dos mais influentes do mundo; dramaturgo e entre muitos escritos é autor de uma peça intitulada: *the tempest, la tempestad*.

O outro, negro, martinicano, nascido em 1913 e considerado um dos maiores escritores da negritude e um dos maiores poetas surrealistas; dramaturgo e entre muitos escritos é autor de uma peça intitulada: *une tempête, una tempestad*.

Trezentos e quarenta e nove anos separam o nascimento entre um e outro autor, uma obra os une. O Dramaturgo inglês William Shakespeare em 1611, escreveu uma peça teatral intitulada ***The Tempest***³⁸, cujos personagens principais eram Próspero, Duque de Milão; Caliban, o indígena escravo e Ariel o espírito do ar, o “bom” escravo.

A história se passa em uma ilha e com o passar do tempo há inúmeras interpretações, releituras e projeções, assim como estudos, tendo a peça como uma grande metáfora do século XVII, bem como análises de cada um dos personagens e o significado que cada um deles poderia vir a representar.

A partir da metade do século XX, *The Tempest*, aquela que é considerada como a última peça produzida por Shakespeare, começou a ser vista e analisada pela ótica pós-colonial.

³⁸ A Tempestade

Começamos a entender o pensamento de Fanon e Depestre e a analogia que ambos autores efetuam com a evolução do pensamento literário caribenho e como os autores, escritores, reagiram no decorrer do tempo.

Bader (2014, p.98) explica que o “Próspero de Shakespeare é reconhecido como o senhor colonial branco; Ariel como o colonizado assimilado e Caliban como o colonizado revoltado”. Ainda, segundo Bader, (2014), a explosão literária do Caribe após a segunda guerra mundial, reflete em uma nova leitura de “A Tempestade”, articulada subversivamente contra a interpretação europeia.

A leitura e releitura, se é que se pode chamar de uma releitura, mais impactante é feita pelo escritor da Martinica, Aimé Césaire, no final da década de 1960, sob o título de “*Une Tempête - adaptation pour un Théâtre nègre*”³⁹.

Césaire, juntamente com Léon-Gontran Damas, francês nascido na Guiana Francesa e o Senegales Léopold Sédar Senghor, os três estudantes na capital da colônia, Paris, na década de 1930 do século XX, formularam através de suas escritas e da criação do Jornal *L'Étudiant Noir*, o que foi chamado por Depestre, de a nova visão de mundo para os negros.

Césaire, ao “escrever” “*Una Tempestad*”, ou melhor dizendo, ao “reinterpretar” os escritos de Shakespeare, começa suprimindo o artigo definido “A” e acrescentando o artigo indefinido “UMA”, ou seja, não mais se trata de uma história e sim de muitas; as histórias dos negros que foram escravizados, lutaram por sua liberdade e distante da terra original, da terra mãe africana, construíram nas terras caribenhas um lar para chamarem de seu.

No prólogo da edição em espanhol de *Una Tempestad*, o Italiano naturalizado argentino, filósofo e Doutor em Letras, Rocco Carbone, juntamente com o sociólogo argentino, Leonardo Eiff, preferem não utilizar os termos reinterpretar, ou adaptar ou até mesmo reescrever para obra de Césaire, e explicam o motivo:

“Podría sostenerse quizá que *Una Tempestad* es una adaptación – a falta de una categoría mejor – de *The Tempest*, una adaptación con dissimetrías, desde ya. Sin embargo, si lo pensamos mejor: ni adaptación ni reescritura, sino apropiación violenta y consciente, plena, de la palabra del outro, un escritor inscripto dentro de los márgenes de un sistema colonial/esclavista: Shakespeare” (CARBONE & EIFF, apud *Una Tempestad*, 2011, p. 18-19)

³⁹ Uma Tempestade – adaptação para um teatro negro.

A “apropriação violenta e consciente” de Césaire na obra de Shakespeare, traz a introdução em uma cena de conversa entre os Deuses, um Deus não convidado, descrito na lista dos personagens como um “agregado”, mas de grande importância para a população negra, o orixá Exu:

“**Miranda:** ¿Pero quién es éste? ¡No tiene un aspecto particularmente benéfico! Si no tuviera miedo de blasfemar, diría que tiene más de diablo que de dios. **Eshu:** (riendo) Usted no se equivoca, mi bella señorita. ¡Dios para los amigos, diablo para los enemigos! ¡ Y un cago de risa para toda la compañía!” (CÉSAIRE, 2011, p. 119-120)

A importância da introdução do deus/diabo negro é observada por Bader (2014) “como a preparação de uma revolta literária”.

Bader chama atenção para sabedoria de Césaire, que ao acrescentar o não convidado deus africano Exu, na harmonia do balé greco-romano dos deuses, assim os autores Caliban irrompem no universo de seus conterrâneos assimilados e reabilitam a herança africana num terreno agora limpo.

Em um paralelismo um pouco tardio com o indigenismo haitiano, o negrismo cubano e o pan-africanismo de língua inglesa, os autores da negritude, ou influenciados por ela no Caribe de língua francesa, recuperam parte de sua identidade africana reprimida. (BARDER, 2014, p. 114-115)

Césaire, em sua apropriação violenta e consciente coloca a literatura do Caribe com uma identificação negra. Faz uma crítica às literaturas que tratavam o negro como o colonizado assimilado, Ariel, assim chamado por Caliban, por ter a paciência de *Tio Tom*:

“**Calibán:** ¿Y a vos? ¿ De qué te sirvieron tu obediência, tu **paciência de Tio Tom**, y toda essas lamidas? Vos lo ves bien, el hombre se vuelve cada día más exigente y más despótico.

Ariel: Eso no impide que haya obtenido un primer resultado, me prometió mi libertad. Con plazos, sin duda, pero es la primera vez que me la promete.

Calibán: ¡Puro cuento! Te la va a prometer mil veces y te va a traicionar mil veces. Además, el mañana no me interesa. Lo que yo quiero es (grita) “**Freedom now**”⁴⁰” (CÉSAIRE, 2011, p. 79)

⁴⁰ “¡Libertad ahora!”, “Liberdade já”;

A referência a “*Tio Tom*” e o fato de Próspero bradar por liberdade no idioma inglês, “*freedom now*”, é uma clara crítica ao período literário onde a figura de Ariel, representa o negro assimilado que anseia por sua liberdade, mas é pacífico na sua busca.

Essa representação está em Tio Tom, o personagem principal de Harriet Beecher Stone em *Uncle Tom’s Cabin*⁴¹, o livro que, segundo as palavras de Abraham Lincoln, Presidente estadunidense, que, ao se deparar com a autora pronunciou: “Então, a sra. é a mulherzinha que escreveu o livro que fez a guerra!” (HARRIET BEECHER STONE, 1969, p. 10)

Ao mesmo tempo ressalta em Calibán o colonizado revoltado, o que luta para conseguir sua liberdade, vindo a retratar as lutas sociais e “raciais” que ocorriam nos Estados Unidos naquele momento, quando Calibán declara a Próspero que não tem mais um nome e que doravante quer ser chamado de “X”, um homem sem nome, um homem a quem lhe roubaram o verdadeiro nome, aquele nome que tinha em terras africanas. Uma clara menção ao líder negro estadunidense Malcom X.

Os personagens Shakespearianos através de Césaire, em um contexto caribenho, africano, latino americano são vistos pela ótica do colonizado e não mais do colonizador.

Próspero, Ariel e Caliban podem ser vistos tal qual o assimilacionismo, o estetismo e a revolta do povo negro, os escritores caribenhos perpassam com suas grafias estes períodos, permitindo uma análise precisa por parte de Fanon e Depestre.

Aimé Césaire representa na literatura caribenha o rompimento com a assimilação, que a partir de Paris, estabelece na literatura a fase do despertar do escritor colonizado. A fase de retornar às origens, ou ao que restou delas.

4.5 – Literatura Haitiana Contemporânea

A parte histórica da literatura haitiana não faz parte do interesse do estudante migrante haitiano que vive em Foz do Iguaçu, o mais importante no momento, para eles, observado através das oficinas que participei, é mostrar o que consideram autores de sucesso nos dias de hoje.

⁴¹ A Cabana do Pai Tomás

A importância histórica do Haiti se traduz na sua literatura e as mazelas contemporâneas que teimam em habitar a ilha caribenha, através da literatura ganharam voz e aos poucos se fazem ouvir no palco da humanidade.

As oficinas efetuadas pelos haitianos seguiram a mesma linha de trabalho, ou seja, apresentar a biografia sucinta do autor e ler trechos do livro ou livros do referido autor, na sua maioria que vivem ou viveram no Haiti. Se limitaram a isso, sem entrar mais profundamente na importância que os autores haitianos e também das outras ilhas caribenhas, tal como Guiana francesa e Martinica, leia-se León Gontran Damas e Aimé Césaire e Franz Fanon que vão aportar para a chamada literatura negra, que vai se fortalecer através da vida cultural e literária destes autores em Paris.

François Duvalier, o papa doc, em 1938 é o articulador de um movimento literário dentro do Haiti, intitulado “*noirisme*”⁴², movimento este que reclama a herança africana do país, o que para isso Duvalier começa a editar a revista *Griots*. O nome da revista é um chamamento a tradição oral africana e também haitiana. Começa nessa fase a ascensão de Duvalier, que vai ter seu ápice em sua chegada a presidência do Haiti e a colocação de todo seu radicalismo em prática, entre eles, o de que os negros haitianos tinham mais importância do que os mulatos haitianos.

Quando os estudantes haitianos presentes na tríplice fronteira afirmam que:

Aluna “A”: “Foz do Iguaçu tem algumas coisas ruins também, violência um pouco forte, racismo, e além disso tinha um haitiano que sofreu violência em Foz do Iguaçu porque ele é negro que estuda na Unilai”;

Aluno “C”: “...resumidamente o Brasil é um país acolhedor, porém existe estereótipos e preconceitos para serem excluídos. Percebi que há conflitos entre as etnias, índios exterminados quase todo dia e violência sobre os negros...”;

Aluno “D”: “Eu nunca imaginei, da minha existência, após de todos esses anos, que existe características desfavoráveis na composição fenotípica dos humanos. Eu nunca imaginei que a gente poderia estar tão limitado de espírito. Eu nunca sabia que a pele marrom e o cabelo crespo chamariam a atenção da população iguaçuense..”;

Aluno “E”: “Eu nunca imaginei, da minha existência, após de todos esses anos, que existe características desfavoráveis na composição fenotípica dos humanos. Eu nunca imaginei que a gente poderia estar tão limitado de espírito. Eu nunca sabia que a pele marrom e o cabelo crespo chamaram tanto a atenção da população iguaçuense.”;

Aluno “F”: “Gosto de morar em Foz, só que eu não gosto da população, por causa de racismo...nem quero comentar, acho tão feio explicar isso e fico indignada de me ver passando por isso ”;

⁴² Negrismo

Eles afirmam na maioria de seus depoimentos que não entendem o racismo para com os negros, pois em seu país isso não existe. Temos que lembrar que 90% da população haitiana é constituída de negros e 9% de mulatos. A percentagem restante se divide em 0,8% de brancos e 0,2% de asiáticos.

A população negra é maioria no Haiti. No artigo 14 da Constituição Imperial do Haiti de 1805, assim está escrito: “Todas las distinciones de color desaparecerán necessariamente entre los hijos de una y la misma familia de la cual el jefe de Estado es padre. Los haitianos serán conocidos de ahora en más por la denominación genérica de negros.”

Negros, a partir da independência os haitianos foram se auto classificaram como negros, termo criado pelo colonizador e colocava todo ser humano escravizado e que tinha a pele não branca no mesmo patamar, como sendo da “raça” negra.

Depestre (2005, apud WALTER, 2008) chama esse processo de “*disfarce antológico*”, pois várias etnias oriundas de África entraram nas américas sob a falsa identidade de negros.

No estudo dos dois grandes movimentos literários haitianos pode se observar que a diferença de classe fica evidente, entre os dois grupos, o que terminará refletindo na questão política haitiana, com uma conotação na influência da cor da pele sim. “Duvalier quando assume o poder, radicaliza, e marca seu governo com ascensão dos negros ao poder e a perseguição às elites mulatas”. (EURÍDICE FIGUEIREDO, 2006, p.13)

É claro que não se pode comparar a forma de racismo que o negro brasileiro sofre no Brasil, como a forma de racismo entre a diferença de pigmentação dos haitianos. Esse fato daria uma dissertação a parte. O fato aqui é trazido para ilustrar o quanto a literatura haitiana colocou isso a vista e o quanto influenciou no pensamento negro como um todo.

O escritor Jean Prince-Mars em 1928 vai tocar profundamente nesse tema da cor da pele, quando escreve o livro “Ainsi parla l’Oncle⁴³”, que faz parte em que o escritor ressalta suas raízes e procura resgatar sua cultura. Ao mesmo tempo ele chama atenção para o fato de que: “os haitianos se veem como franceses de cor e rejeitam tudo que é autenticamente haitiano. Assim, o pior insulto que se podia fazer a

⁴³ Assim falou o tio.

um haitiano era o de atribuir-lhe a cor negra e a ascendência africana” Prince-Mars (apud, FIGUEIREDO, 2006, p. 17)

A constituição afirma uma coisa e o povo pensava outra. O livro de Prince-Mars, de grande sucesso é de grande importância para que tantos os escritores haitianos e o povo haitiano entre na fase da denúncia e de mostrar o como o Haiti se tornou um país empobrecido

Cabe ressaltar que no episódio em que o estudante haitiano foi agredido em Foz, se viu a comunidade haitiana toda unida. Todos eram Haiti, um só Haiti. As oficinas tiveram cada vez menos participação do público não haitiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O haitiano faz parte de um povo curtido na fome e na opressão, mas invencível na luta e na esperança.”

(JORGE AMADO)

Haiti é um país singular em um universo plural da diáspora negra africana de seres humanos que foram escravizados. Estudar a diáspora haitiana em pleno século XXI é algo complexo e deverás difícil, pois quanto mais se estuda, mais se aprende e mais se tem vontade de continuar convivendo e aprendendo com o povo haitiano.

Acredito ter respondido à pergunta mais séria de todo este trabalho, ou seja, porque o Haiti ainda é o país mais empobrecido do continente americano? Através dos arquivos históricos acredito ter respondido a essa pergunta, mas ainda muito distante de entrar no amago do povo haitiano e sentir na pele o sofrimento que ainda vivem.

Ainda estou distante de finalizar um trabalho sobre o Haiti e sua diáspora, pois ao falar da migração, da oralidade, da literatura e trazer um pouco de sua rica história ainda não contempla a singularidade do que é o Haiti no contexto histórico da humanidade.

Os estudantes haitianos que estão na Unila, podem ser comparados aos jacobinos negros liderados por Toussaint L’Ouverture. Mesmo que não tenham espadas e facas para lutarem contra o inimigo, este existe na figura do racismo, da xenofobia, do capitalismo, do despreparo da própria universidade para recebe-los e sobre tudo do descaso que temos por sua existência e o conhecimento de sua história de lutas que influenciaram todo um continente, em um primeiro momento e toda uma etnia em um segundo momento.

Estes jovens, homens e mulheres que ao se formarem, nos vários cursos de graduação que estão fazendo, em sua grande maioria, querem retornar ao Haiti e ajudar de alguma forma na reconstrução de seu país.

Mas para que Haiti eles retornaram? Que país os aguarda? O que levarão de conhecimento acadêmico, científico e humano?

Os escritores haitianos da diáspora, os chamados “de fora”, Dany Laferrière e Louis-Philippe Dalembert, forçados a migrar do Haiti e após se transformarem em

cidadãos do mundo, vivendo muito tempo longe do país natal, ao retornar ao Haiti sofrem do que é chamado “o choque do regresso”.

Em suas respectivas obras, “El Enigma del Regreso” (2012) e o “Lápis do bom Deus não tem borracha” (2010), Laferrière e Dalembert observam o quanto é difícil retornar ao Haiti após algum tempo distante.

Os estudantes haitianos em Foz do Iguaçu, são os ausentes temporários que tentam se integrar no universo latino-americano. Mas essa integração não significa um caráter de entrega total, pois na primeira oportunidade que possam retornar ao que chamam de coração do Caribe, Haiti, eles o fazem.

Mas as comparações e as dificuldades serão muito grandes, pois, o que retorna ao país natal, leva consigo um pouco do país que o acolheu, seus ensinamentos, sua cultura, suas tradições, seu desenvolvimento e diante disso a comparação é inevitável.

Para Dalembert e Laferrière, a comparação acontece de maneira natural e sendo assim, ao retornar, “É preciso um tempo, uma pausa para respirar, e poder falar do Haiti, no Haiti. Sentir o país fisicamente, até o calcanhar, cada som, cada grito, cada riso e cada silêncio” (Laferrière, 2011, p.11); cada um à sua maneira tem o seu tempo de chegada, já para Dalembert, o retorno é dolorido e a comparação inevitável:

“O homem não ousou embrenhar-se pelo antigo quintal da morada familiar. Vista da rua, pareceu-lhe ridiculamente pequena, enquanto suas lembranças faziam da casa uma cidadela. Para dizer a verdade, a varanda mais parecia um ordinário puxadinho de um desses moquiços salve-se quem puder do terceiro mundo”. (DALEMBERT, 2010, p. 11)

O Haiti, a que os estudantes retornaram no futuro, possui hoje o IDH⁴⁴ de 0,48 o que faz o país ocupar a posição de número 168 o que significa um índice baixo, de pobreza extrema, com alto índice de analfabetismo e expectativa de vida de pouco mais de cinquenta anos. Haiti é considerado por NOAM CHOMSKY, como um país “ no polo oposto da existência humana: miserável, horroroso, negro e feio”. (Chomsky, Apud FARMER, 2002, p.19)

“Em 1958, a Comissão Internacional de Juristas estatui que o Haiti era o país em que cada artigo e parágrafo da Declaração Universal dos Direitos Humanos estava sendo sistematicamente violado”. (ELIZEU DE OLIVEIRA CHAVES JÚNIOR, 2008, p. 106)

⁴⁴ IDH= Índice de Desenvolvimento Humano

De 1958, na metade do século XX aos primeiros anos do século do século XXI a situação do Haiti em nada mudou. A fome ainda se faz presente, mas tal qual relatou Jorge Amado, a luta e a esperança aumentaram significativamente. Este trabalho procurou olhar o Haiti em paralelo com o dia-a-dia dos haitianos que chegaram em Foz do Iguaçu na condição de estudantes e se fez necessário conhecer a história do país de onde vinham e a cidade onde vieram parar.

Através da literatura podemos ver beleza no país que Chomsky chamou de feio e horroroso e quanto ao fato de sua população ser constituída pela grande maioria de negros, eis o motivo de orgulho para toda uma etnia, pois foi em solo haitiano que se ergueu pela primeira vez o brado de liberdade, advindo dos próprios seres escravizados que lutaram e ainda lutam, mas já são os vencedores.

A voz do haitiano se faz ouvir em todos os cantos do continente americano e onde quer que haja um negro em luta por liberdade, por trabalho, por uma vida digna, por um lugar ao sol, por igualdade. Se faz ouvir, por que uma voz ecoou e outras tantas as seguiram e continuam ecoando todos os dias em busca de dignidade, pois a mordada foi retirada através da revolução dos Jacobinos Negros, uma revolução vitoriosa.

“O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordada que tapava estas bocas negras? Que vos entoariam louvores? Estas cabeças que nossos pais haviam dobrado pela força até o chão, pensáveis, quando se reerguessem, que leríeis a adoração em seus olhos? Ei-los em pé, homens que nos olham e faço votos para que sintais como eu a comoção de ser visto” (JEAN PAUL SARTRE, 1965, p.93)

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2000.

ALVAREZ, Julia. **Una Boda en Haiti – Historia de una amistad**. New Yorque, EUA. C.A Press, 2013.

BERND, ZILÁ. **O que é Negritude**. São Paulo, SP. Editora Brasiliense S.A., 1998.

BUCK-MORSS, Susan. **Hegel, Haiti y la historia universal**. 1ª ed. México. Fondo de Cultura Economica, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Ouro sobre Azul Editora, 2011.

CARPENTIER, Alejo. **El Reino de este mundo**. 2ª ed. Madrid, ES. Alianza Editorial, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. **Una Tempestad – Adaptación de la Tempestad de Shakespeare para un Teatro Negro**. 1ª ed. Buenos Aires, AR. El8vo. Loco ediciones, 2011.

CHANDA, NAYAN. **Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record, 2011.

_____. **Cuaderno de un retorno al pais natal**. México, DF: Ediciones Era, Época Library, 1969.

CHAVES JÚNIOR, Elizeu de Oliveira. **Um olhar sobre o Haiti – refúgio e migração como parte da história**. 1ª ed. Brasília, DF. LGE Editora, 2008.

CHONG, Natividad Gutiérrez. **Mitos Nacionalistas e Identidades Étnicas: los intelectuales indígenas y el estado mexicano**. UNAM, México, 2001.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica – Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro, RJ. Editora UFRJ, 2014.

COUTO, Mia. **Se Obama fosse africano**. 1ª ed. São Paulo, SP. Companhia das Letras. 2009.

DALEMBERT, Louis-Philippe. **O Lápis do bom Deus não tem borracha**. 1ª ed. Campo Grande, MS. Letra Livre Editora, 2010.

_____. **La Otra Cara del mar**. 1ª ed. Barcelona. El Cobre Ediciones S.L. 2004.

_____. **Los Dioses viajan de noche**. 1ª ed. Havana - Cuba. Casa –Fondo Editorial Casa de Las Américas. 2008.

DANDICAT, Edwidge. **Adeus Haiti**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova Fronteira Participações – Agir - 2010.

_____ ¿**Krik? ¡Kra!** 1ª ed. Barcelona, ES. Editora Lumen S.A. 1999. (A)

_____ ¿**Krik? ¡Kra!** 1ª ed. Bogota. Editorial Norma S.A. 1999. (B)

_____ **Cosecha de Huesos**. 1ª ed. Bogota. Editorial Norma S.A. 1999.

_____ **El Quebrantador**. 1ª ed. Bogota. Editorial Norma S.A. 2005.

DEPESTRE, René. **Adriana em todos os meus sonhos**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1996.

_____ **Aleluia para uma mulher- jardim**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. José Olympio Editora, 1988.

_____ **Bom dia e adeus à negritude**. Paris: Robert Laffont, 1980.

_____ **O Pau de Sebo**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora marco Zero, 1983.

DIAS, Waldson. **Haiti: a presença constante do retorno ao país natal através das vozes de Laferrière e Dalembert**. Atas do III Simpósio Internacional de Literatura Negra Ibero-Americana (Livro Eletrônico) / Organizador Rodrigo Vasconcelos Machado: UFPR/SCHLA, 2017. p. 218-226

DONAIRE, Gonzalo & URBÁN, Miguel. **Dispáren a los refugiados**. 1ª ed. Barcelona, ES. Icaria Editorial S.A, 2016.

DRESCHER, Seymour. **From Slavery to Freedom**. Londres, UK. Palgrave Macmillan Edition, 1999.

DUTRA, Cristiane Feldmann Dutra. **Além do Haiti – Uma análise da migração haitiana para o Brasil**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Lumen Juris, 2016.

ÉTIENNE, Gérard. **Uma mulher calada**. Porto Alegre, RS. Editora da UFRGS, 1987.

FUENTES, Carlos. **La Gran Novela Latinoamericana**. 1ª ed. México D.F. Alfagura Editorial, 2011.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

FARMER, Paul. **Haiti para Qué (usos y abusos de Haití)**. Hondarribia, ES. Editorial Hiru, 2002.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. 1ª reimpressão Juiz de Fora, MG. Editora UFJF. 2013.

GREENE, Graham. **Os Comediantes**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira, 1966.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Kaidara – Cuento Iniciático Peule**. 1ª ed. Barcelona, ES. Editorial Kairós, 2001.

HILL, Lawrence. **O livro dos Negros**. São Paulo, SP. Primavera Editorial, 2015.

JAMES, C.L.R. **Los jacobinos negros – Toussaint L´Ouverture y la Revolución de Haití**. 1ª ed. Madrid, ES. Turner Publicaciones, S.L. 2013.

JR GATES, Henry Louis. **Os negros na América Latina**. 1ª ed. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2011.

LAFERRIÈRE, Dany. **Como fazer amor com um negro sem se cansar**. São Paulo, SP: Editora 34, 1985.

_____. **El Enigma del Regreso**. Madrid, ES: Alianza Editorial S.A, 2012.

_____. **País sem chapéu**. São Paulo, SP: Editora 34, 2011.

LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília, DF. Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais – Estudos sobre Literaturas Africanas**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora UERJ. 2012.

HOLDER, Cheryl; LOUIS, Liliane Nerette. **Pumpkin soup is for Sunday**. Miami, EUA. Edição do Autor. 2017.

MARTI, José. **Manifiesto de Montecristi**. Montecristi. Editorial del Cardo, 1895.

MEZILAS, Glodel. **Haití más allá del espejo: historia, cultura, subdesarrollo**. 1ª ed. México, DF. Editorial Praxis, 2011.

NAIR, Sami. **Refugiados Frente a la catástrofe humanitária, una solución real**. 1ª ed. Barcelona, ES. Editora Planeta, 2016.

NUDELMAN, Ricardo. **Dicionário de Política latino-americana contemporânea**. México, D.F. Editorial Oceano de México, 2007.

OLIVEIRA, Nara. **Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade**. Foz do Iguaçu, PR. Epigrafe Editorial e Grafica Ltda. 2012.

ORIZIO, Riccardo. **Hablando con el Diablo – entrevistas con dictadores**. México, DF. Fondo de Cultura Económica – Turner, 2007.

PENA, Sérgio D. J. **Humanidade sem Raças?** São Paulo, SP. Publífolha, 2008.

PINILLA, Luis Darío Bernal. **Anacaona y las tormentas**. México, DF. Travesías, 1994.

ROUMAIN, Jacques. **Donos do Orvalho**. Rio de Janeiro, RJ. Editorial Vitória Ltda, 1954.

RUPPENTHAL, Tailon. **Um soldado brasileiro no Haiti**. São Paulo, SP. Editora Globo, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões Sobre o Racismo**. 4ª ed. São Paulo, SP. Difusão Europeia do Livro, 1965.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. Porto Alegre, RS. L&PM Editores, 1996.

STONE, Harriet Beecher. **A Cabana do Pai Tomás**. São Paulo, SP. Clube do Livro, 1969.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Editora UFMG, 2013.

VAZ, Anelise. **Muito Além da Paz: A Missão Humanitária da ONU no Haiti**. Curitiba, PR. Editora Appris, 2015.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y (de) colonialidad – ensayos desde Abya Yala**. Quito, Ecuador. Ediciones Abya-Yala, 2012

(Artigo de revista)

BADER, Wolfgang. A colonização e descolonização da literatura: o exemplo do Caribe (francês). **Letras de hoje**. Porto Alegre v. 21, n. 2, 2014.

DE JESUS PESSANHA, Márcia Maria. Interfaces da cotidianidade no romance Léonora, L'histoire enfouie de la Guadeloupe. **Revista Brasileira do Caribe**. Goiânia, Vol. VI, nº 12, p. 531-548, Jan-Jun 2006.

DOS SANTOS, Margarete Nascimento. ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A CRIAÇÃO DE UMA ORALITURA. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 1, n. 1, p. 12-26, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. O Haiti: história, literatura, cultura. *Revista Brasileira do Caribe [én línea]* 2006, VI (Enero-Junio): [Fecha de consulta: 20 de enero de 2017] Disponible em: <http://revela.com.ve/www.redalyc.org/articulo.oa?id=159114589004>>ISSN 1518-6784

RAMŠAK, Branka Kalenić. El realismo mágico, lo real-maravilloso y el surrealismo: una estética parecida. **Verba Hispanica**, v. 1, n. 1, p. 27-34, 1991.

RESENDE, Flávia Almeida Vieira. TAYLOR, Diana. "O arquivo e o repertório": performance e memória cultural nas Américas, 2013. **Em Tese**, v. 20, n. 2, p. 248-251, 2014.

ROIG GUERRERO, M^a. Alejo Carpentier y " Lo real-maravilloso". 2009. De Universidad Almería:<http://repositorio.ual.es:8080/jspui/bitstream/10835/967/1/PhilUr1.2009.Roig.pdf>.

VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da nação. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

MILANI, Aloisio. Revolução Negra. 2008. **Revista História Viva**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/revolucao_negra.html>. Acesso em: 05 ago. 2015.

MOREIRA JÚNIOR, José Augusto. Análise historiográfica sobre a questão da escravidão no Caribe e a brecha camponesa. 2006. Klepsidra - **Revista Virtual de História**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra26/brecha.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

PETERLE, Patricia. **O choque do retorno** (resenha O lápis do bom Deus não tem borracha de Louis-Philippe Dalember). Jornal Rascunho, Curitiba, p. 17 - 17, 02 maio 2011.

(Artigo da internet)

CÉSAIRE, Aimé. **Conscience Raciale et Révolution Sociale**. Journal L'étudiant Noir, n.3, p. 1-2, mai-jun, Paris, 1935. Disponível em: < <http://letudiant-noir.webs.com>>. Acesso em: 05 set. 2016.

DE LIMA, Mestre Alcides; DA COSTA, Ana Carolina Francischette. **Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil**. **Revista Diversitas**, n. 3, p. 216-245, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113893/0>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

GALEANO, Eduardo. **OS PECADOS DO HAITI**. 2010. CORREIO DA CIDADANIA. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4240&Itemid=79>. Acesso em: 02 ago. 2015.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. **O Haiti como locus da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant**. Portal Domínio Público – 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154340> Acesso em: 29 fev. 2016.

PETERLE, Patricia. **O choque do retorno (resenha O lápis do bom Deus não tem borracha de Louis-Philippe Dalember)**. Jornal Rascunho, Curitiba, p. 17 - 17, 02 maio 2011.

WALTER, Roland. **Memória, História e Identidade Cultural: Maryse Condé, Édouard Glissant, Gisèle Pineau e Patrick Chamoiseau**. Revista Brasileira do Caribe. 2008, IX (Julho-Dezembro). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159113066005>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

WIKYPÉDIA. **Tonton Macoute**. Wikipédia. Disponível em: <Tonton Macoute>. Acesso em: 02 ago. 2015.

FILMOGRAFIA

CADERNO de um regresso ao país natal. Intérprete: Arthur H.. 2011. (5 min.), son. color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qFocbzSzdg>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

LOS SIETE DEMONIOS DE HAITÍ. 2012. (14 min.), son. color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bDlrJw3hX4Y>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

THE COMEDIANS. Intérpretes: Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guinness, Peter Ustinov. 1967. Direção: Peter Glenville. DVD, colorido. Legendado. EUA. Produção Estaduniidense.

TOUSSAINT LOUVERTURE. Intérpretes: Jimmy Jean Felix; Aissa Maiga. 2012. Direção: Phillipe Niang. DVD, colorido. Prêmio de melhor Diaspora Feature no 8º Prêmio da Academia de Cinema Africano. Produção francesa.